REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA.

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

2° Trimestre de 1849.

BREVE NOTICIA

SOBRE A COLONIA DE SUISSOS FUNDADA EM NOVA FRIBURGO:

POR THOME' DA FONSECA E SILVA.

MEMBRO EFFECTIVO do INSTITUTO.

Com o intuito de se promover e dilatar a população do Brasil, que não póde rapidamente progredir sem o auxilio e accrescentamento de habitantes affeitos aos diversos trabalhos, com que a agricultura e industria costumam remunerar os Estados que os agasalham; e solicitando o cantão de Friburgo, em beneficio de seus subditos, a faculdade de estabelecer em alguma parte do Brasil uma colonia de suissos, onde vivendo reunidos desfructassem, debaixo da protecção do seu governo, muitos dos commodos que se lhes difficultam no seu paiz natal; foram por isso, por decreto de 16 de Maio de 1818, aceitas as condições propostas pelo agente do dito cantão S. N. Gachet, permittindo-se o estabelecimento da colonia composta de cem familias.

A formação da colonia foi commettida na Europa a J. B. Bremont, nomeado consul geral *ad hoc* junto á Confederação Helvetica, sendo composta de familias suissas agricolas, havendo entre ellas um numero sufficiente de artistas dos

mais essenciaes, como carpinteiros, marceneiros, pedreiros, alguns moleiros, cortidores, tecelões, &c,, fazendo parte d'ella dois ecclesiasticos, um medico cirurgião, um botanicario, um professor de ensino mutuo, e um veterinario.

Abrindo-se a inscripção em diversos cantões sob a influencia do Landamann e do Avoyer do governo, então em Berne, matricularam-se nas listas officiaes cerca de 2125 individuos de ambos os sexos, para compôr as cem familias.

A emigração foi espontanea, e seria permanente e successiva se meios habeis fossem empregados n'este assumpto, se o máo fado que o predominou logo no seu começo não viciasse e corrompesse os planos da colonisação (1).

Em consequencia pôz-se em via a expedição da colonia, que deixando o rumo conveniente e ajustado, teve de descer o Rheno para os Paizes Baixos, d'onde foi transportada ao Rio de Janeiro nos seguintes navios a saber (2):

EPOCHA DA CHEGADA DOS NAVIOS	NOME DOS NAVIOS	PORTOS	MENORES DE 3 ANS.	MAIORES DE 3 ANS.	COLONOS
1819 Novemb. 22	Daphne......	Rotterd..	10	185	195
» Dezemb. 11	Urania.......	Dito.....	21	416	437
» » 15	ElisabethMaria	Amsterd.	12	216	228
» » 24	Debly Elisa..	Rotterd..	15	218	233
1820 Janeiro 17	Glukch Roy..	Amsterd.	32	398	430
» » 30	Trajano......	Dito	......	4	4
» Fevereiro 14	Duas Catarinas	Rotterd..	22	334	356
» » 17	Camilus......	Amsterd.	8	112	120
		Total..	120	1883	2003

A despeza de passagem de 1883 colonos maiores de 3 an-

(1) Cerco de 5000 individuos se deram á matricula.—Vêde officio de Bremont de 12 de Março de 1819.

(2) Pela mudança do porto de embarque, que era o de Marselha, detiveram-se mais de dois mezes nos pantanos dos Paizes Baixos, onde soffreram privações de toda a especie, e onde falleceram muios e adquiriram molestias com as quaes vieram a fallecer no mar, e ainda mesmo depois de chegados. Da Suissa até o embarque fallec ram 43, no mar 311, no hospital de Macacú 31, e em Nova Friburgo eos primeiros nove mezes 146.

nos, sendo fixada na razão de cem piastras por cada um colono, á excepção dos menores de tres annos, na fórma do contrato de 5 de Maio de 1818, foi paga dois terços da sua importancia em Paris ao cambio par de 529 centimos por piastra, e o resto no Rio de Janeiro ao de 915 réis por peso hespanhol.

A bagagem e os effeitos da colonia foram transportados a bordo do sexto navio com grave detrimento da mesma.

Chegados os colonos á bahia d'esta cidade, foram transferidos em barcos para Tamby, tres leguas acima da embocadura do rio Macacú ; d'onde depois de quinze dias de descanço, seguiram a sua jornada até o lugar do seu destino.

Diversos arranjamentos e preparativos apparatosos e bem desnecessarios tiveram lugar mui anticipadamente para a sua recepção, jornada e domicilio : consistiram elles na construcção de cem casas provisorias, casa de municipalidade, capella para servir de matriz, casa para residencia do inspector, e depositos para viveres e utensilios, moinhos, fornos de cozer telha e tijolo, casa para enfermaria e botica, casa para registros na serra dos Orgãos, quartel de policia, pontes, ruas, vallas, estradas, e ultimamente a medição e demarcação das terras (3).

As terras que deviam ser repartidas pelos colonos, e que formavam a antiga fazenda denominada *Morro Queimado*, compunham-se de quatro sesmarias com duas leguas de testada e tres de fundo : foram incorporadas aos proprios nacionaes pelo decreto do 1º de Junho de 1818. As sesmarias importaram em 2:600$ réis ; os fructos pendentes e colhidos, e utensilios agrarios, e o gado de criação existente em 4:854$ réis ; e finalmente os escravos de lavoura pertencentes ao costeio da mesma fazenda em 4:400$ rs.

Procedeu-se á agrimensura respectiva na fórma determinada no aviso de 3 de Janeiro de 1820, medindo-se e demarcando-se o terreno de uma legua de testada e tres de fundo em 120 parallelogrammos, contendo cada um a superficie de 300 braças de frente e 750 de comprimento (4).

(3) Toda esta despeza (não comprehendida a que se fez extraordinariamente e sem applicação essencial) foi computada em 50:000$.

(4) O mappa annexo do districto da Nova Friburgo.

Depois de uma longa e afflictiva inacção, em que permaneceram os colonos, lhes foram distribuidas, á sorte cem datas de terras, assim divididas e demarcadas, em plena propriedade, para serem rateadas, e n'ellas estabelecerem a agricultura e as suas habitações, reservando-se 20 parallologrammos para serem trocados por aquellas que se reconhecesse estereis e incapazes de cultura

Metade da legua restante, que comprehende a villa de Nova Friburgo, destinou-se para seu logradouro e horta das casas provisorias ; e a outra metade adjacente ficou no dominio da corôa, onde ainda hoje se conservam os escravos acima referidos, constituindo uma fazenda separada, com o nome de S. João do Ribeirão.

Conforme as condições de 11 de Maio de 1818, os colonos perceberam no primeiro anno de domicilio o subsidio de 160 rs. diarios, e no seguinte á razão de 80 rs., segundo o numero variavel que existia durante os ditos dois annos, cujo maximo foi de 1587 individuos, importando em consequencia esta despeza em rs. 133:000$.

Tambem receberam depois algum gado e as sementes que se haviam garantido nas mesmas condições, computando-se ambos os objectos em rs. 20:000$000.

Além das concessões acima referidas, os funccionarios que acompanharam a colonia, e faziam parte integrante da mesma, foram gratificados, por espaço de cinco annos, na fórma seguinte, a saber :

Cura Jacob Yoy, decreto de 3 de Janeiro de 1820 (5) . .	600$000
Coadjutor, Aeby (6), idem	100$000
Medico, João Bazet, idem	900$000
Pharmaceutico, Leopoldo Bakle, av. de 26 de Nov. de 1820	120$000
Professor de ensino mutuo, B. Bardy, dec. de 2 de Setembro de 1820	120$000
Veterinario, Th. Hyppolito, idem	100$000

A colonia é situada nas margens do rio de S. Antonio das Bengalas, a 24 leguas de distancia do Rio de Janeiro, para o lado NNE, no termo que foi do municipio de S. Pedro de

(5) Falleceu em Macacú, e foi substituido por um clerigo do paiz.

(6) Além da congrua vitalicia de 300$ rs. annuaes.

Cantagallo. O lugar em que se fundou a villa, por alvará de 3 de Janeiro de 1820 (7), com a denominação de Nova Friburgo, era designado pelo nome de Morro Queimado.

No mesmo districto foi erecta a freguezia por decreto da mesma data com o orago de S. João Baptista, por ser o nome do rei. Tem por limites desde as Aguas Compridas (Serra dos Orgãos) até o Rio Grande, comprehendendo o territorio que vai da sobredita villa até o rio Papequer do lado do oéste, e da parte de léste até o alto da serra, cujas vertentes deitam para o rio de S. João de Macahé.

O terreno geralmente é montanhoso e pedregoso ; é regado dos rios S. João das Bengalas e Conego, que nascem das vertentes das serra dos Orgãos, dos Canudos e do Queimado, e confluem no Rio Grande, que vai desaguar no Parahyba. Produz milho, feijão, trigo, centeio, batatas em abundancia, os fructos dos tropicos, assim como pastos nutrientes para criação de gado de toda a especie.

O clima é salubre,a sua temperatura no maior calor do estio não passa de 70 a 74 gr. do thermometro de Fahrenheit (17 a 19° de Réaumur) ; e na estação do inverno, nos mezes de Junho a Agosto, chega muitas vezes ao gráo de gelo, isto é, a 32° de Fahrent: ou zéro de Réaumur.

Grande numero de pessoas d'esta cidade que soffrem varias enfermidades, particularmente as affectadas de doença do peito,procuram residir na Nova Friburgo, principalmente no verão, onde em geral experimentam melhoras, e muitos alli tem restaurado a sua saude perdida.

Os meios consignados para occorrer ás despezas da colonia foram :

1° O producto do emprestimo gratuito de 35:200$000 rs., contrahido pelo decreto de 6 de Maio de 1818, para ser amortisado no periódo de oito annos.

(7) A inauguração da villa teve tugar em 17 de Abril de 1820 pelo ouvidor da comarca Joaquim José de Queiroz. A villa, sendo desmembrada da de Cantagallo, tem por termo o districto da freguezia.

2º Os fundos provenientes de metade da imposição de 9$000 rs. sobre cada escravo importado no Brasil, que entrava no banco creado pelo art. 4º do alvará de 25 de Abril de 1818.

3º O valor dos diversos dons gratuitos agenciados a prol da colonia nas provincias de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro.

4º Os supprimentos do thesouro Nacional.

A colonia era dirigida por um inspector nomeado pela carta régia de 6 de Maio de 1818; distrahida com objectos alheios da sua natureza e instituição, perdidas as esperanças de os remover no meio de uma multidão de inuteis empregados, que só serviram de gravar o thesouro nacional, foi por fim dissolvida! (8)

Assim se levou a effeito um estabelecimento de tanta magnitude, digno sem duvida de melhor direcção.

A colonia dos suissos fundada em a Nova Friburgo, apezar dos obstaculos que affluiram na sua formação e direcção originados da indiscrição e vaidade, é por assim dizer uma das que hoje existem em estado florescente, devido á indole da sua povoação, de que esta provincia tira não pequena vantagem, como era de esperar. Oxalá que outras colonias melhor organisadas e dirigidas se emprehendam, não só em beneficio da agricultura, d'onde se deriva a mór parte da nossa riqueza, como tambem para incremento da população, que visivelmente se ressente; pois que com menos de metade d'esta despeza poderiam ser realisadas muitas colonias para terem lugar depois os melhoramentos materiaes do paiz, em vez d'aquellas emprezas a que nações superabundantes de população e industriosas recorrem para emprego de braços importunos á permanencia de seus respectivos governos.

(8) Hoje faz parte integrante da população da villa, não sujeita aos regulamentos com que foi estabelecida e dirigida.

DISSERTAÇÃO

Historica, Ethnographica e politica

SOBRE

Quaes eram as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia, ao tempo em que o Brasil foi conquistado; que extensão de terreno occupavam; quaes emigraram e para onde; e, em fim, quaes existem ainda e em que estado?

Qual a parte da mesma provincia que era já a esse tempo desprovida de matas; quaes são os campos nativos, e qual o terreno coberto de florestas virgens; onde estas tem sido destruidas, e onde se conservam; quaes as madeiras preciosas de que abundavam, e que qualidades de animaes as povoavam?

Pelo coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva,

Membro correspondente do Instituto.

INTRODUCÇÃO.

Em ordem a que se possa traçar uma carta geral do estado primitivo do paiz, resolveu o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sob proposta de um dos seus membros, o Sr. Dr. Francisco Freire Allemão, que se pedisse com empenho aos Exms. presidentes das provincias informações acerca dos diversos quesitos que se lêm no prospecto d'esta memoria.

E' inquestionavel por certo a importancia de semelhante proposta para o fim pretendido; mas tambem é fóra de duvida a difficuldade senão impossibilidade, em que ver-se-hão taes presidentes, ou a maior parte d'elles, de satisfazerem ás informações exigidas, querendo apenas recorrer aos archivos publicos respectivos.

A lentidão e frieza com que em quasi todas as mesmas

provincias se ha procedido no preparar e reunir as bases indispensaveis á coordenação da estatistica geral do Imperio, objecto de tanta necessidade ao andamento e regularidade dos negocios do Estado, bem como a falta ou extravio de bastantes documentos archeologicos, que ora debalde se buscam nas estações publicas, onde deveriam existir, garantem aquella impossibilidade, e será por isso talvez que outros iguaes pedidos do Instituto Historico nenhum resultado proficiente tem obtido de algumas d'essas autoridades provinciaes, aliás illustradas e dotadas de interesse pelo progresso d'aquella associação, que altamente protegida pela magnanimidade de S. M. o Imperador occupa já um lugar bem distincto entre as corporações scientificas das partes mais cultas da Europa e da America.

Devo porém declarar que, deliberado desde tempos a pôr termo de uma vez aos meus humildes trabalhos litterarios, concernentes á historia e geographia do paiz, pelos mesmos principios porque outros de superior capacidade esquivam-se a tarefas d'esse porte — que por agora só produzem dissabores, despezas e fadigas ao que n'ellas se involve entre nós, — nem pela idéa me passava o emprehender este pequeno escripto, quando, entre differentes considerações assás poderosas, que me dictaram como imperioso dever o auxiliar de algum modo as informações do governo d'esta provincia sobre a predicta proposta, occorreu-me tambem o pensamento do famoso epico portuguez:

. . . . . Não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço e sua valia.

Fiz pois o que me foi possivel, escrevendo á pressa isto que hoje publico, e que apenas no prélo soffreu essas pequenas correcções que em taes occasiões são toleradas, por não me ser permittido actualmente emendal-o por outra fórma. Talvez que conviesse empregar maior extensão, quanto á parte ethnographica relativa aos autochthones de quem tratei, e mesmo tornar mais variada e menos arida a leitura da

da presente Memoria com esclarecimentos topographicos; mais ainda que, releve-se-me a jactancia, julgo-me um pouco habilitado n'essa materia, entendi porém que devia não ultrapassar os limites prescriptos a uma memoria.

Alheio á politica, sem pretenções, e ainda, mercê de Deus, sem experimentar até aqui o supplicio das ante-salas e dos favores populares, para o que em verdade reconheço-me dotado do maior desaso, dou-me por pago sobejamente de meus acanhados escriptos com o indulgente acolhimento com que tem sido honrados pelo publico, e com a idéa de *fazer resuscitar as noticias da patria da indigna escuridade em que jaziam*, na phrase do insigne paulistano Alexandre de Gusmão (1).

A questão geral da primeira origem dos habitantes de um continente, diz o sabio barão de Humboldt (2), está além dos limites prescriptos á historia, e talvez mesmo não seja uma questão philosophica. Desde longos annos tem sido objecto assás debatido o saber-se quaes foram os povos do antigo continente que effectuaram a passagem dos primeiros povoadores da America, attenta a rusticidade dos aborigenes que n'ella existiam ao tempo de sua conquista e occupação dos europêos, e a falta de monumentos e hieroglyphicos, que semelhante questão podessem acertadamente determinar. Procederam d'ahi differentes conjecturas entre os escriptores que trataram d'essa materia; de envolta com taes conjecturas surgiram algumas sobremaneiras bizarras e fabulosas, e não ha quasi nação desde o pólo do norte até o do sul (3) á qual algum antiquario, entregue á mania das conjecturas, não tenha attribuido a honra de haver povoado a America.

(1) Na falla á Academia Real da Historia portugueza.
(2) *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*, liv. II, cap. VI.
(3) Cresset, *Histoire de la Marine*, liv. III.

Tem-se supposto por seu turno que os judeos, os cananeos, os phenicios, os carthaginezes, os gregos e os scythas tinham em tempos remotos formado estabelecimentos n'este hemispherio occidental, e que posteriormente os chinas, os suecos, os noruegianos, os gallos e os hespanhóes enviaram colonias para o mesmo hemispherio, em differentes circumstancias e diversas épochas: as pretenções respectivas d'estes povos tem achado zelosos partidarios; e posto que as mais plausiveis razões de apoio ás suas hypotheses não passassem de relações accidentaes de alguns costumes, ou uma semelhança equivoca de algumas palavras, tem-se comtudo empregado de parte a parte muita erudição, e ainda maior calor a defender, sem util resultado, as hypotheses contrarias.

Até os apostolos da funesta propaganda do philosophismo do seculo passado prevaleceram-se d'esse estado de duvidas e incertezas para contestar o proceder o genero humano de um só tronco, e a universalidade do diluvio (4). «Como é, motejavam elles, que os filhos de Noé povoaram a America tão recentemente descoberta, e que se achava povoada com sua civilisação, costumes, seu despotismo e sua liberdade? Os descendentes de Sem ou de Cham por certo que lá não foram, pois que ainda não tinha sido inventada a bussola (5), de mais que ninguem havia que tivesse a menor suspeita da existencia do novo continente.» Todavia porém nada ha tão certo como esse conhecimento entre os antigos povos.

Foi sempre tradição constante entre os hebreos, egypcios, arabes, gregos e romanos, que além da Europa e Africa, para as partes do oceano atlantico occidental, havia um grande

(4) Roselly de Lorgues—*Jesus Christo perante o Seculo*—trad. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, cap. III, § II.

(5) Entre a variedade de opiniões a respeito d'esta importante descoberta, é mais dominante a que a data de 1302, attribuindo-a a Flavio Gioja. E' digno porém de ler-se o que escreveram ácerca de semelhante especie Azuni, *Dissert. sur l'orgine de la Boussole,* e M. de la Roquette em suas notas á traducção da *History of America by Robertson,* tom. I, nota IX.

continente; e a existencia da famigerada Atlantida (6) que, segundo Platão, era maior que a Europa e a Asia reunidas, ou de tres mil estadios (7), sobre dois mil de largura, de figura oblonga, abundante em tudo, e que se submergira em uma só noite por cataclysmos que soffrêra, é até sustentada por escriptores do cunho de Mentelle, Voltaire e Raynal. —A famosa Atlantida, diz este celebre abbade (8), cujo nome não subsiste mais, depois de muitos milhares de annos, senão em uma tradição obscura, transmittida a Platão pelos padres egypcios, a Atlantida foi em verdade uma vasta terra, situada entre a Africa e America. Mil circumstancias fazem presumir que a Inglaterra fez outr'ora parte da Gallia, a Sicilia foi evidentemente separada da Italia, e as ilhas de Cabo-Verde, Açores, Madeira e Canarias, devem ter feito parte dos continentes visinhos, ou de outros continentes abysmados. As recentes observações dos navegantes inglezes não permittem quasi duvidar que todas as ilhas do mar do sul tenham mais ou menos formado uma só massa. A Nova Zelandia, a mais consideravel d'estas ilhas, é cheia de montanhas, onde se vêm impressos vestigios de vulcões extinctos. Seus habitantes não são nem imberbes, nem tem a côr de cobre, como os da America, e apezar de uma distancia de seiscentas e oitenta leguas, fallam a mesma lingua que os da ilha de Otahiti, descoberta por M. de Bougainville.

Monumentos incontestaveis attestam estas grandes mudanças, e por toda a parte o physico attento observa vestigios d'ellas. A multidão de todas as especies de conchas, os coraes, os bancos de ostras, os peixes do mar, inteiros ou mutilados, accumulados com ordem em todas as regiões do universo, nos lugares mais afastados do mesmo mar, nas entra-

(6) Veja-se a nota A.

(7) Nos mappas antigos haviam tres escalas para esta medida: o estadio grego era o mais usado, e equivalia a 1/8 da milha romana, 125 passos geometricos, ou 625 pés, segundo Bonne e Desmarets. Dacier pretende que vinte estadios correspondiam a uma legua de 25 ao grão. O segundo era igual a 1/10 da milha romana, conforme M. d'Anville: e o terceiro, que parece ser o mais antigo, se reduzia a 2/3 d'este estadio, conforme M. Mentelle. Veja-se Caz. Giraldes, *Trat. de Geogr. Univ.*

(8) *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, liv. X.

nhas e na superficie das montanhas ; a instabilidade do continente, que, perpetuamente batido, devorado e destruido pelo oceano, de quem experimenta as vicissitudes, de uma parte, perde talvez ao longe immensas terras,e descobre por outra aos nossos olhos novos paizes, longas planicies de arêa defronte de cidades que outr'ora foram portos famosos ; a situação horisontal e parallela das camadas de terra e producções marinhas reunidas alternativamente da mesma maneira, compostas das mesmas materias, regularmente cimentadas pela acção constante e successiva da mesma causa; a correspondencia entre as costas separadas por algum braço de mar, onde vêm-se de um lado angulos salientes, oppostos aos angulos reentrantes do outro lado ; á direita leitos da mesma arêa ou das mesmas petrificações, collocadas ao nivel de semelhantes leitos, que se estendem para a esquerda; a direcção das montanhas e dos rios para o mar, como á sua origem commum ; a formação de collinas e valles onde este vasto fluido tem, por assim dizer, deixado a impressão eterna das suas ondulações ; tudo nos diz que o oceano tem ultrapassado os seus limites naturaes, ou antes que elle jamais tem tido barreiras insuperaveis, e que dispondo do globo da terra á medida da sua inconstancia, tambem por seu turno a tem tirado ou restituido aos seus habitantes.

Aristoteles affirma que os carthaginezes tinham achado no mar, fóra das columnas de Hercules, uma ilha abundante de todas as cousas, onde ficaram alguns d'elles como em um lugar de grandes regalos e delicias, e que o senado ordenára, com pena de morte, que ninguem mais navegasse para aquellas partes (9), a fim de que não se despovoasse Carthago. Diodoro Siculo, tratando das ilhas occidentaes do oceano, descobertas pelos phenicios quando a ellas foram arrojados por grande tormenta, descreve uma que parece por seus caracteristicos ser o continente americano (10) e era á existencia d'essas novas terras em outro continente que alludia S. Clemente Alexandrino, quando agitava a questão de haver ou-

(9) *Mem Hist. e Polit. da Bahia,* tom. 1. pag. 6.

(10) *Est Lybiam versus ad oceanum sita plurium dierum navigatione insula permagna, agro fertili tum campis amaenis, tum montibus*

tro mundo além do aceano, conforme as suas proprias palavras que nos transmittiu S. Jeronymo (11), não faltando até quem presumisse ser em algum lugar do Mexico, Perú ou Brasil (12) a famosa região de Ophir, d'onde Salomão fazia extrahir essa quantidade de ouro, prata, aromas, madeiras preciosas e animaes desconhecidos, com que carregava as suas frotas (13) sahidas do porto de Asiongaber. Pelo menos é digno de reparo que o proprio Christovão Colombo, zeloso como era de suas descobertas, situou a mesma região na ilha Hispaniola.

Poderia pois qualquer dos povos até aqui designados fornecer os primeiros habitantes da America; mas não sendo mais problematica, porém sim fundadas em provas incontestaveis, a possibilidade de uma communicação entre o antigo e o novo continente, a opinião actualmente dominante attribue aos asiaticos a origem primitiva de todas as nações americanas, desde o cabo de Horn até as extremidades meridionaes de Labrador (14). Algumas familias de tartaros errantes, levados apenas do genio vagabundo que ainda hoje os caracterisa, passaram talvez ás ilhas do archipelago descoberto pelos capitães Behring e Tschirikou, entre o promontorio de Alaska na America e a costa de Kamtschatka (15) na Asia, e chegaram ao continente americano, facilitando-lhes essa passagem a proximidade de taes ilhas entre si, transportando-se de uma a outra, até tocarem na terra firme. São ellas conhecidas pela denominação generica de Aleucianas, e demoram entre os 52° e 56° de lat. boreal, e os 164° de long. O de Paris, formando dois grupos, e descrevendo um arco de circulo, que ajunta quasi ambos os

distincta; fluminibus rigatur, qui sunt navium capaces: prici temporibus quoniam a reliquo urbe divulsa, vedetur incognita. Lib v, cap. XIX.

(11) *Secundum sæculum mundi hujus utrum nam et aliud seculum sit, quod non pertineat ad mundum istum, sed ad mundos alios, de quibus et Clemens in epistola sua scribit: oceanus et mundi qui trans ipsum sunt? An mundus unus iste sit.* Tom IV de suas obras, cap. 2, *Epist. ad Ephesios.*

(12) Nota B.

(13) Nota C.

(14) Cresset, ***Histoire de la Marine;***

(15) Nota D.

continentes: consta o primeiro grupo, denominado Sasínham, de cinco ilhas, cujas capitaes são Behring, e a ilha do Cobre, e o segundo de infinidade de outras ilhas, entre as quaes são principaes Unimalk, a maior de todo o archipelago, e e Ataku, pertencendo todas á Russia, que d'ellas tira annualmente quantidade de pelles de lontra e outras especies de pelleteria (16).

Além da possibilidade de semelhante communicação com a America, apresentam ainda as melhores observações a facilidade de outra mais pelo noroéste da Europa.—O transito entre as terras arcticas de Liakhovski e as da Siberia (17), sendo semeada de ilhas formadas de detritos e fragmentos de ossos de elephantes, de rhinocerontes e de cetaceos; a passagem de alcathéas, de ursos e raposas que atravessam o cabo Tchalaginskoi, e a ausencia do fluxo e refluxo no norte da Siberia, delatam a grande extensão do continente americano debaixo do pólo, e sua reunião com a Groenlandia. E' sabido que os noruegianos, descobrindo a Groenlandia no seculo IX, estabeleceram alli algumas colonias, e que a parte de noroéste d'esse paiz é apenas separada da America por um estreito assás apertado, sendo provavel que em sua extremidade se unam ambos os continentes (18).

Estas considerações não deixam por certo de justificar tambem a opinião de provirem de noroéste da Europa os primeiros povoadores da America, principalmente quando se attenta que os esquimáos (19) ou Skrellings não só fallam a lingua groenlandeza (20), e apresentam alguma semelhança com os europêos, mas até que os antigos scandina-

(16) Grandpré, *Dict. de Géogr. marit.*
(17) Rosselly de Lorgues.
(18) Robertson. *History of America*, tom. II. O distincto secretario da Sociedade dos Antiquarios do Norte, o Sr. Carlos Christiano Rafn escriptor da excellente obra *Antiquitates Americanæ*, assegura, na sua *Memoria sobre o descobrimento da America no seculo X*, traduzida pelo Sr. M. F. Lagos, que a Groenlandia foi outr'ora habitada por uma população européa assás consideravel, formando assim uma diocese separada, e que o descobrimento da America é uma consequencia natural da descoberta da Islandia no meio do seculo IX.
(19) Nota E.
(20) C. C. Rafn, *Memoria* cit.

vos descobriram e visitaram durante o 10.º e 11.º seculo uma grande parte das costas orientaes da America Septentrional (21), attribuindo-se á sua residencia e estabelecimento nos Estados de Massachussets e Rhode-Island os vestigios alli descobertos. Todavia porém, sem poder contestar-se formar evidentemente os esquimáos uma especie de homens particulares, e distinctos de todas as mais nações do continente americano na lingua, usos e costumes (22), a semelhança na constituição physica e nas qualidades moraes, que apresentam os demais povos aborigenes da America, não obstante as differenças produzidas pela influencia do clima e desigualdade de seus progressos na civilisação, e essa quasi conformidade de caracteristicos que n'elles se acha com as tribus barbaras dispersas pelo nordéste da Asia, sem apresentarem alguma analogia com as nações da Europa, reforçam a crença de deverem sua origem aos asiaticos.

É tambem digno de notar-se que, não obstante serem igualmente incultas e destituidas de industria as nações indigenas encontradas em toda a extensão da America conquistada pelos europêos que se seguiram a Colombo, o que verifica procederem de povos do antigo continente pouco avançados em civilisação, existiam comtudo anteriormente a essa conquista muitos centros de uma civilisação primitiva, cujas mutuas relações se ignoram (23). Os monumentos de Cuzco tiveram por modelo os grandes edificios de Teahuanaco, na America Meridional; o Mexico havia recebido essa civilisação de um paiz situado ao norte; as vastas planicies do alto Canadá, e os desertos limitados pelo Orenoco, bem como o Cassiquiari, ainda attestam (24) haverem sido habitados de povos muito diversos em industria dos que povoavam o paiz ao tempo da referida conquista,

(21) Robertson.

(22) Nota F.

(23) Nota F.

(24) M. de la Roquette, notas a Robertson.

e infunde por certo não pequeno pasmo a descripção (25) das ruinas da antiga cidade de Tulha e de Culhuacan na Confederação Mexicana, maravilhando ao mesmo tempo ser unicamente o Brasil a parte da America onde nenhum monumento d'essa antiga civilisação se tem até hoje descoberto, apezar das diligencias para isso empregadas, como ultimamente aconteceu com a excursão archeologica commettida ao Sr. conego Benigno José de Carvalho.

Passando agora aos indigenas d'esta provincia, a opinião mais generalisada, depois do que escreveu o padre Simão de vasconcellos (26), reduz á duas nações os aborigenes de todo o Brasil; uma subdividida em tribus mais trataveis, a principal das quaes comprehende todos os bandos que ordinariamente corriam a costa e fallavam o mesmo idioma, de que o venerando José de Anchieta compôz uma arte universal (27), como sejam os *Tobayáras*, *Tupis*, *Tupinambá's*, *Tupinaes*, *Amoipira's*, *Araboiára's*' *Rariguaras*, *Potiguares*, *Tamoyos*, *Carijós*, e quaesquer outras tribus que tambem fallavam aquelle idioma. Todos estes formavam uma só nação especifica, posto que accidentalmente diversos em lugares e ranchos, constituindo outra especie os *Goayana's*, que habitabam para as partes do sul, fronteiros aos *Carijós* seus contrarios, e que usavam de differente lingua, bem como os que povoavam o interior, especialmento no rio Amazonas.

A outra nação generica é a dos *Tapuias*, subdividida, conforme a affirmativa de muitos, em perto de cem linguas, quaes os *Aymorés*, *Potentús*, *Guaitaca's*, *Guaramonis*, *Guaregorés*, *Jeçarussús*, *Amanipaqués*, *Payea's* e outros muitos, cuja raiz primitiva ou procede da denominação do lugar que habitavam, ou do principal que os dirigia; costume antigo dos primeiros povoadores do mundo (28).

Occupavam os *Tapuias*, nome generico pelo qual ainda são designados no Pará os indios de qualquer tribu, uma

(25) *Incidents of travels in central America Chiapas and Yucatan, by John L. Stephens; illustrated by numerous engravings, in two volumes.* New York, 1841.—Humboldt, *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique*, etc.

(26) *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brazil.*

(27) *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil.* Coimbra, 1595.

(28) « Como de Romo, ou de Romulo, tomaram o nome os rom

grande parte do littoral do Brasil, comprehendido o que vai desde a foz do Rio de S. Francisco, originariamente Opara, que sahe no oceano em 10° 28' 50" lat., 27° 15' 32" long. O. de Lisboa, até o rio Cricaré, hoje S. Matheus cuja confluencia é em 18° 37' lat. e 40° 5' de long.; espaço este que ao principio constituia o territorio da provincia da Bahia (29), sendo conhecidos pela denominação de *Maracás* (30) os que occupavam o terreno da capital e seu reconcavo ; e é tradição historica que attrahidos os *Tupinaes* da fertilidade d'este terreno, desceram do interior e obrigaram os mesmos *Tapuyas*, após porfiadas guerras, a emigrarem para o centro, onde continuaram a soffrer incessante perseguição dos *Tupinambás*, que occupavam as adjacencias do Rio de S. Francisco, dos *Tupinaes*, que com elles confinavam, e dos *Amoipirás*, descendentes dos *Tupinambás*, que possuiam um espaço maior de sessenta leguas na margem oriental d'aquelle rio.

Ha quem diga haverem originalmente emigrado os *Tupinaes* d'essas regiões temperadas do sul junto ao tropico, e que se communicavam com os autochtones que se estendiam até o Chili (31); sem garantir porém semelhante opinião, di-

nos, de luso os lusitanos, de Agar os agarenos, de Israel os israelitas; assim tambem entre estes indios, de um principal chamado Potiguar tomaram nome os *Poliguáres* de tupí, que dizem ser d'onde procede a gente de todo o Brasil, umas nações tomaram os nomes de *Tupinambás*, outras de *Tupinaquins*, outras de *Tupinaes* e outras de *Tupiminós*. » Vasc., *Not. curiosas*, cit.

(29) Sabe-se geralmente que esse territorio começa agora pelo norte do rio Real em 11° 28' 4" lat. e 28° 12' 23" long. O. de Lisboa, segundo as mais exactas observações do barão de Roussin, e finda pelo sul no rio Mucury, que desagua em 18° 6' lat. 40° 50' long. O. do meridiano do observatorio de Paris, oito leguas ao norte do rio de S. Matheus.

(30) Nota G.

(31) Ferdinand Denis.—*Le Brésil*.

rei tão sómente, que ignorando-se por quanto tempo elles se conservaram senhores do terreno conquistado aos *Tapuyas*, sabe-se comtudo que tambem foram d'esse terreno desalojados pelos *Tupinambás*, e obrigados a asylarem-se no interior, achando-se já em 1580 reduzidos a um pequeno numero, resultado dos destroços que soffriam em suas lutas com os *Tupinamba's* e *Tapuyas*.

O illustrado Ayres do Casal (32) refere ser os *Quinnimúras* os primeiros povoadores memoraveis do contorno da enseada de Todos os Santos; mas além da singularidade de tal proposição, cujas bazes não pude descortinar, nota-se dar essa preferencia o jesuita Vasconcellos aos *Tobayaras*; exprimindo-se d'este modo: «*Tobayaras* são os indios principaes do Brasil, e pretendem elles ser os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome que tomaram o mostra, porque *ára* quer dizer senhores, *tobá* rosto, e vem a dizer que são senhores da terra que elles tem pela fronteira do maritimo, em comparação do sertão, e na verdade que elles senhorearam sempre grande parte da costa do mar. Outros dizem que aquelle *toba'* allude á terra do Brasil, porque estes *Tobayaras* senhorearam principalmente esta parte, por isso dizem se chamam *Tobayaras*, a saber *senhores da terra da Bahia*; e na verdade como taes foram sempre reverenciados entre os mais indios por primeiros de grão senhorio, e por valentes e fieis.»

Deixando todavia de entrar em maiores detalhes sobre esta especie, por ser isto algum tanto anomalo do fim da presente *Memoria*, devo apenas referir que ao tempo da chegada dos primeiros europêos que acompanharam o donatario Francisco Pereira Coutinho, e annos depois ao primeiro governador Thomé de Sousa, eram da poderosa nação dos *Tupinamba's* (33) os que occupavam a maior parte do littoral d'esta provincia, e se estendiam até o Rio de Janeiro, bem como que pertenciam á tribu dos *Tupiniquins* ou *Tupinaquis* os que se achavam na praia de Porto-Seguro,

(32) *Corographia Brazilica*, tom. 2º, pag. 100, edição de 1833.

(33) Nota H.

quando alli desembarcou Pedro Alvares Cabral, época da descoberta do Brasil.

Estendiam-se os *Tupiniquins* n'esta provincia por toda a costa que vai desde a bahia de Camamú em 13° 53' 5" lat. 39° 48' 47" long. até Caravellas, e destituidos da ferocidade dos outros aborigenes, que até aqui tenho mencionado, possuiam suas principaes aldêas no territorio de Porto Seguro. Foram esses indigenas os primeiros em todo o continente brasilico que assistiram aos actos da religião catholica, praticados pelos religiosos da ordem de Santo Antonio da menor observancia, que sob a direcção de fr. Henrique de Coimbra, depois bispo de Ceuta, iam fundar a mesma religião no Oriente, enviados pelo rei D. Manoel n'essa expedição a cargo de Pedro Alvares Cabral, a estabelecer uma feitoria em Calecut (34), e pertenciam a semelhante tribu os tres indios que João Lopes Bixorda apresentou em 1515 áquelle monarcha (35), acompanhando-o n'essa occasião em qualidade de interprete um dos degradados que Pedro Alvares Cabral deixára em Porto Seguro, quando d'ahi proseguira em sua derrota para a India.

Procediam os *Tupiniquins*, bem como os *Tupinaes*, que lhes ficavam pelo centro de Porto Seguro, de um só tronco, e posto que nos começos d'essa capitania assás incommodassem por alguns annos aos seus novos hospedes europêos, comtudo, pactuando pazes com Pedro de Campos Tourinho, primeiro donatario da mesma capitania, a troco de alguns donativos que d'elle receberam, e submettidos á obediencia na dos Ilhéos pelo governador Mem de Sá,

(34) *Mem. Histor. e Polit. da Bahia*, tom. I. Veja-se a nota 1.

(35) No anno de 1513, estando el-rei D. Manoel em Santos o Velho, tendo despacho em uma casa de madeira que alli estava na ponta do cáes, posta sob ella agua, George Lopes Bixorda, que n'aquelle tempo tinha o trato do pão-brazil, que trazem d'esta Terra de Santa Cruz, veiu a fallar a el-rei, e com elle tres homens d'esta provincia assás bem dispostos, que então vieram em uma náo que de lá viéra, os quaes vinham vestidos de pennas, com os beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentes. Cada um d'elles trazia seu arco e flechas. Vinha com elles um homem portuguez, que sabia a lingua, por quem lhes el-rei fez perguntar algumas cousas. Dam: de Goes. *Chronic.*, part. I, cap. LVI.

quando por alli passou em sua primeira viagem a desalojar os francezes que occupavam o Rio de Janeiro (36), tornaram-se alliados fieis e dedicados dos colonos, auxiliando-os no serviço rural dos estabelecimentos agricolas, e na continua guerra contra os *Tapuyas*, *Tupinambás* e *Aymorés*. Perseguidos porém incessantemente pelos ultimos selvagens, colligados com os *Tupinamba's*, e flagellados tambem do máo tratamento que recebiam da maior parte dos colonos portuguezes, abandonaram o littoral sobremaneira reduzidos a um pequeno numero, permanecendo unicamente no lugar de sua primaria habitação os christianisados pelos jesuitas, que haviam fundado um collegio em Porto Seguro, e, conforme o testemunho de Gabriel Soares de Sousa (37), já estavam limitados a duas pequenas aldêas junto ao engenho de Henrique Luiz, ao tempo que elle escreveu, achando-se agora absolutamente extinctos. Fallavam os *Tupiniquins* o idioma tupinambá, e seus costumes e vida eram identicos em tudo, differindo unicamente em serem mais verdadeiros e menos ferinos.

Foram os *Aymorés* o flagello dos moradores da capitania dos Ilhéos, e, segundo a antiga tradição que nos transmittiu o referido Gabriel Soares, procediam de alguns casaes de *Tapuyas*, que fugindo em eras remotissimas á perseguição de seus contrarios, refugiaram-se nos lugares mais fragosos do cenrro da mesma capitania : alli cresceram excessivamente em numero, e perdendo, com o volver de muitos annos que n'aquelles lugares se conservaram, a lingua primitiva, formaram uma nova e desconhecida de todos os mais indigenas, por isso que nunca haviam tido a menor communicação com outra tribu diversa, passando sempre pelos mais ferozes e calentados de todos os selvagens conhecidos, qualidades que ainda hoje mesmo não perderam inteiramente os seus descendentes, que subsistem no estado primitivo.

Começaram os *Aymorés* a tornarem-se o terror dos primeiros colonos portuguezes no districto de Caravellas, d'onde

(36) Nota J.

(37) Nota K.

pelo diante estenderam-se até Camamú, e mesmo a ilha de Tinharé, em suas incursões, em cujas occasiões somente appareciam nas proximidades do littoral, servindo-lhes porém de embaraço ao progresso de suas atrocidades qualquer rio que não lhes offerecesse váo,de cuja circumstancia procedeu escrever-se que ignoravam a natação (38).Por diversas vezes tornou-se a antiga capitania dos Ilhéos theatro de sua barbaria por muitos annos ao incremento da colonia, devastando inteiramente alguns engenhos que alli se haviam construido, e matando no espaço de vinte e cinco annos para cima de trezentos portuguezes e tres mil escravos. Essa desolação, que promettia estender-se, derramou o desacoroçoamento entre aquelles colonos, e chegou ao ponto de obrigar ao donatario da mesma capitania, Jeronymo Alarcão de Figueiredo, a supplicar licença régia para vendel-a a Lucas Geraldes pela quantia de 1:933$000 rs., valor pelo qual D. Leonor de Campos havia vendido outra igual ao duque de Aveiro, effectuando-se esse contrato em virtude da permissão concedida por alvará do 1º de Março de 1560. Tal era o apreço em que n'aquelle tempo se tinha uma extensão de cincoenta leguas de costa e de matas preciosissimas!

O destroço porém que soffreram os *Aymorés* com a perseguição que em pessoa lhes fez o governador Mem de Sá, sahido para isso da capital em Novembro de 1565, como já referi, e o crescimento da população da colonia com os novos habitantes, que progressivamente chegaram de Portugal, fizeram com que esses barbaros, batidos todos os dias, se submettessem em 1602, dando-se-lhes duas povoações para sua habitação nos Ilhéos, das quaes tornaram a reconcentrar-se, occupando as immediações da serra que d'elles tomou o nome, e se estende desde a comarca dos Ilhéos até o rio Macacú, que a separa da serra dos Orgãos, sem que todavia de tempos a tempos deixassem de occasionar gravissimos damnos em differentes pontos d'aquelle districto.

E' esta a unica nação antiga de aborigenes que ainda se conserva poderosa e pela maior parte selvagem, conhe-

(38) Nota L.

cida agora geralmente pela denominação de *Botocudos* (39), que lhes deram os portuguezes em virtude do cylindro de madeira ou batoque que trazem por enfeite (40) nas orelhas e no queixo inferior. Ha mais de duzentos annos que occupam as adjacencias do Rio Pardo, e se estendem até as vertentes do Belmonte ou Jequitinhonha, Mucury, e o territorio da provincia do Espirito-Santo, vagueando pelo interior das mattas que bordam o Rio Doce, e, a exemplo das mais raças aborigenes, distinguem-se entre si por diversas denominações: são estas, *Enjerecmung*, *Inas*, *Arary*, *Naknanuks*, (que significa habitantes da serra, nome que se dão aos que occupam as serranias que ficam entre os rios Jequitinhonha e Mucury), Crecmnu e Pejaurunu, adoptada por alguns que habitam as adjacencias do Rio Doce e do mesmo Jequitinhonha. A ferocidade de seus maiores, os *Aymorés*, e juizos que fornece a carta régia de 3 de Maio de 1808, tem servido de engrossar a opinião generalisada da crueldade dos *Botocudos*, e dar corpo a publicações calumniosas contra elles, não escrupulisando até o severo historiador Southey em avançar —que os *Botocudos*, logo que colhem ás mãos um prisioneiro, ainda vivo sorvem-lhe o sangue, para depois começarem o abominavel festim, em que deve ser devorada a carne da victima (41). Comtudo, porém, convém dizer-se por esta occasião, que além de ser ainda assás problematica a anthropophagia dos actuaes *Aymorés* ou *Botocudos* (42), uma vez tratados com benignidade e franqueza, tornam-se verdadeiramente amigos e bons para tudo, por serem dotados de bastante intelligencia, generosos e de caracter firme, no que excedem aos indios de outras muitas tribus. Não são todavia estas as unicas qualidades que tornam notavel semelhante tribu.

Os *Botocudos*, diz Saint-Hilaire, parecem por sua phy-

(39) Nota M.

(40) Nota N.

(41) *History of Brazil*, III, pag. 807 e 808.

(42) Aug. de Saint-Hilaire, *Voyage au Brésil*, tom. I, pag. 439, e tomo II, pag. 30, 63 e 156.

sionomia mais particularmente da raça mongolica, e o canto dos chinezes não é em realidade senão o dos *Botocudos* extremamente modificado. Não seria possivel que elles viessem do planalto da Asia, em quanto outras povoações deveram a sua origem a algum dos ramos menos nobres da raça caucasica, como a phenicia, ramo que ter-se-ia alterado na America pela influencia do clima e pela mistura com indios da raça mais decididamente mongolica?

Ha opiniões de terem vindo da Asia os progenitores dos *Aymorés* pelo estreito de Behring, quando o mar ainda não tinha aberto a paragem descoberta pelo celebre navegante d'esse nome (43), e que multiplicando-se progressivamente, obrigaram, depois de muitos combates, os outros indios a evacuarem o terreno que occupavam, resistindo-lhes apenas os *Tupís*. Além do que fica dito, nota-se que a linguagem assás aspirada dos *Botocudos* tem extraordinaria semelhança com a chineza, e, attenta a differença de caracteres dos antigos indios, observada pelo jesuita Vasconcellos, seriam os *Tapuyas* Mongols, e os indios de lingua tupí teriam alguma cousa de um dos ramos da caucasica. Jorge de Horn pensa que em éras afastadas fôra a America povoada pelos huns e tartaros cathayenses, e que pelo diante foram os carthaginezes e os phenicios lançados sobre a costa occidental do novo continente; e não sómente minha opinião, continúa Saint Hilaire, é de conformidade com a d'esse sabio, mas até ella concorda com os factos e a tradição historica. Com effeito os descendentes dos mongols, chegados á America em uma épocha extremamente remota, deviam ser menos civilisados que os phenicios, e logo que estes ultimos desembarcaram, deviam para se estabelecerem, repellir os primeiros para o interior. Ora, mostra-nos a mesma tradição historica, que os *Tapuyas*, os mais antigos habitantes do Brasil, foram expulsos do littoral pelos *Tupís*, e de outro lado, que eram estes no estado selvagem mais civilisados que os *Botocudos*, representantes actuaes dos *Tapuyas*, pois que sabemos que ao tempo da descoberta dos indios da costa do Rio de Janeiro, que pertenciam á raça tupí, cultivavam a

(43) Nota O.

terra, faziam fortificações, e conheciam a arte de navegar em canôas (44).

Já deixei dito que na épocha do estabelecimento d'esta provincia eram os *Tupinambas* que se achavam de posse do littoral e reconcavo da capital. Viviam estes indios além do Rio de S. Francisco, e scientificados da fertilidade d'esse terreno, conquistaram-o aos *Tupinaes*, descendo para isso em grande numero, e causando a maior destruição aos seus contrarios; e refere Gabriel Soares de Sousa (45), que divididos depois em dois bandos, por differenças que entre si tiveram, sustentaram por muitos annos guerra encarniçada. Sem me fazer cargo porém de tratar na presente *Memoria* da historia, usos e costumes primitivos aborigenes, noticiarei apenas de passagem, que, apezar dos esforços e intervenção de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú, bastante deram que fazer os *Tupinamba's* aos colonos que chegaram com o donatario Francisco Pereira Coitinho, e aos que se lhes seguiram, sendo até preciso que Mem de Sá (46) lhes destruisse para cima de trezentas aldêas, que possuiam no reconcavo e visinhanças do littoral.

O restante dos que emigraram, fugindo a essa guerra de destruição, foram reduzidos ao christianismo pelos jesuitas, e os que poderam escapar a tamanho furòr, continuando pelo tempo adiante a soffrerem successivas perseguições em outras provincias, foram-se estendendo até o Pará (47), onde apenas existem hoje alguns pequenos grupos dos seus descendentes em differentes villas, e outros ainda selvagens com diversas denominações

Exemplos d'esta ordem, os que apresentam o Haity, Martinica e Guadelupe, onde nem ao menos existem restos das raças aborigenes que povoaram assás ilhas ao tempo da chegada dos primeiros europêos a ellas; o que se passa no extenso territorio que formava as

(44) Nota P.

(45) Nota Q.

(46) Mem de Sá, terceiro governador da Bahia, tomou posse em 1558 e conservou o governo até 1572, tempo em que falleceu na capital.

(47) Nota R.

antigas colonias da America do Sul, e o que igualmente se nota nos Estados da União Norte-Americana, apezar da diversidade de conducta com que, desde o começo de sua emancipação, procede o governo d'este paiz (48) ácerca dos respectivos indigenas, confirmando o pensamento do insigne naturalista Augusto de Saint-Hilaire (49)—que se póde predizer sem receio a proxima destruição dos fracos restos dos indios do Brasil—, desafiam ao mesmo tempo a sensibilidade do homem de coração bem formado.

Na informação que o celebre padre Antonio Vieira deu ao antigo governo em 31 de Julho de 1678, referiu que sendo o Maranhão conquistado em 1615, e achando os portuguezes mais de quinhentas povoações de indigenas, desde a cidade de S. Luiz até Gurupá, no rio Amazonas, todas ellas assaz povoadas; já em 1652, épocha da sua chegada áquella cidade, tudo estava despovoado, consumido e reduzido a um pequeno numero de aldêotas, das quaes todas não pôde o governador André Vital de Negreiros ajuntar oitocentos indios. Outro tanto ou peior ainda acontece n'esta provincia, onde já se acham desertas muitas das reducções que outr'ora floresceram sob a direcção dos jesuitas, e que rapidamente se extinguiram com o exterminio d'esses infatigaveis apostolos do Evangelho, a quem de tempos para cá passa como por moda cobrir apenas de baldões, e remetter ao silencio os beneficios que fizeram ao paiz (50), notando-se tão sómente existir ainda maior numero de indios nas comarcas de Caravellas, Porto-Seguro e Ilhéos, bem que por extremo desproporcional ao que continham n'aquella épocha.

(48) Não procederam porém diversamente das outras nações os inglezes no Canadá, e nos mesmos Estados-Unidos, ao tempo que este paiz achava-se sob seu dominio. Confir. Navarrete na introducção á *Collection des voyages et découvertes des Espagnols depuis la fin du XV siècle.*

(49) *Voyage au Brésil*, tom. II, pag. 58. Os padres Sobreviela e Narciso, bem como M. de Paw, ainda dizem mais quando avançam, que parece ser destino das nações selvagens o extinguirem-se, approximando-se a povos civilisados. *Voyage au Perou*, tomo 1º pag. 139.

(50) Nota S.

Assim desappareceu do continente da Bahia a famosa nação dos *Tupinambás*, tão historica nos annaes do Brasil, e á qual pertencia a celebrada Catharina Paraguassú, importando sem duvida uma especie de prodigio (51) o conservar-se ainda na igreja do mosteiro dos benedictinos da Graça a campa sepulchral que occulta os despojos da vida d'esta indegena, cuja viagem á França com Diogo Alvares Corrêa tem ultimamente servido de objecto á polemicas litterarias.

Reduzem-se pois as tribus indigenas que ainda existem n'esta provincia, não contemplando n'esse numero algumas cabildas de *Acroás*, *Chacriabás*, *Cherentes* e *Chavantes* do rio Tocantins que ás vezes erram pelos desertos ou *geraes* que separam a comarca do Rio de S. Francisco (52) da provincia de Goyaz, ás seguintes: os *Botocudos*, os *Machacalis*, que outr'ora estendiam-se desde o centro de Caravellas até Minas-Novas, onde actualmente existe o maior numero d'elles. Faziam parte d'esta tribu os *Macaxans*, *Monochòs*, *Macunis*, *Bacomins*, *Malalis*, *Mangalos* e os *Manhas*, os quaes todos infestaram por algum tempo a villa do Prado, e ora apenas em pequeno numero se encontram nas matas que vão desde essa villa até a de S. Matheus. Submetteram-se os *Machacalis* em 1786, apresentando-se na villa de Porto-Alegre (53) em numero de 120 individuos de ambos os sexos, e ainda ao tempo das viagens do principe Maximiliano e Augusto de Saint-Hilaire possuiam duas aldêas perto da villa

(51) E por certo não deixa hoje de ser algum tanto prodigioso, especialmente no Brasil, a conservação de qualquer objecto archeologico. Transcrevi no 1° vol. das *Memorias Historicas da Bahia*, pag. 56, a inscripção da lousa de Affonso Rodrigues, inhumado na igreja parochial da Victoria, e o primeiro homem que n'esta igreja casou, em 1534, com Magdalena Alves, filha de Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador d'esta capitania. Semelhante transcripção desafiou a curiosidade de bastantes estrangeiros, que alli foram ler a inscripção original; mas talvez que não tarde muito a desapparecer de uma vez, por ter sido arrancada de seu lugar a mesma lousa em 1836.

(52) Veja-se a *Informação ou Descripção topographica do Rio de S. Francisco*, que escrevi de ordem do governo provincial, e publicou-se em 1847, bem como a nota T.

(53) Fica na foz do rio Mucury em 18° 30' lat. e 41° 37' 30" long.

do Prado. Os *Patachós* e os *Comonochós*, que têm seu principal assento nas immediações da serra dos Aymorés, e erram desde o centro da comarca dos Ilhéos até a do Porto-Seguro, e finalmente os *Mongoiós*.

Occupavam a principio os *Mongoiós*, geralmente conhecidos agora por *Camacans* (54), o terreno que vai desde o Rio de Contas, cuja confluencia no oceano é em 14° 18' lat. e 41° 18' long. O, até o rio Pardo e adjacencias do Patype, que desemboca em 15° 42' lat. ; e dotados de um genio assaz bellicoso, repelliram por vèzes os que pretendiam submettel-os pela força, até que cedendo, no fim de muitos ataques, ao valor e perseverança com que os perseguiu o capitão João Gonçalves da Costa, sujeitaram-se em 1806 no lugar onde elle fundou o arraial que denominou Conquista (55). Eis como o principe Maximiliano refere essa sujeição :

« Não era outr'ora este cantão mais que uma solidão coberta de matos : um conquistador, isto é, um aventureiro que se intitulava capitão, chegou de Portugal com força armada (56), e fez guerra aos indigenas habitantes do territorio. Estendiam-se os *Camacans*, segundo se diz, até ás visinhanças do assento actual da villa da Cachoeira do Paraguassú, ou até os lugares occupados pela tribu dos *Cariris* ou *Kiriris*, cujos descendentes formavam a villa da Pedra Branca. Elle apoderou-se do territorio, e fundou o arraial que é conhecido pelo nome de Conquista. Finalmente, depois de haver concluido com esses selvagens uma pacificação, e de começar a formar o seu estabelecimento, observou que o numero de seus soldados diminuia

(54) O principe Maximiliano nota que esta segunda denominação escapasse ao infatigavel autor da *Corographia Brasilica*. *Voyage au Brésil*, cit. trad. de *Eyriès*, tom. III, pag. 172.

(55) Nota U.

(56) Equivocou-se n'isto o illustre viajante João Gonçalves da Costa, que chegou até o posto de coronel, contando cem annos de idade em 1819, tinha apenas dezeseis quando veiu de Portugal, sem a menor consideração politica, que obteve depois pelo genio emprehendedor de que era dotado, coadjuvando-o em suas emprezas seu irmão Raymundo Gonçalves da Costa. D'esta Conquista faz tambem menção Southey, *History of Brazil*, III, pag. 692.

todos os dias, e soube que os indios, attrahindo-os isolados ao interior do mato, debaixo de qualquer pretexto, alli os matavam. Um soldado assim alliciado, e que teve a coragem de dar a morte ao que o convidára, communicou ao commandante, em sua volta ao arraial, a perfida conducta dos *Camacans* ; e esse commandante, depois de haver secretamente determinado á sua tropa que tivesse promptas as armas, convidando aquelles selvagens para um festim, cercou-os por todos os lados, e em quanto elles sem a menor desconfiança se entregavam ao regosijo, matou a maior parte d'elles. Os que escaparam d'essa carnagem internaram-se nas matas, obtendo o arraial com isso o repouso e tranquillidade, e cada vez mais se reconcentram aquelles selvagens com o augmento da população, vivendo reunidos em pequenas rancharias ou aldêas, em partes conhecidas das matas que seguem desde o Rio Pardo, ao longo do rio de Ilhéos, até o rio de Contas, sem todavia chegarem absolutamente ao litoral, receioso das hordas de *Patachós* que vagueam desde este rio até o centro das matas da villa dos Ilhéos. »

Se felizmente porém são hoje impraticaveis ou rarissimos semelhantes actos de crueza e barbaridade, tão triviaes nos antigos consquitadores, attestando assim manifesto progresso na carreira da civilisação, parece por outro lado que todos esses excessos tem sido actualmente substituidos por uma especie de indifferença e menospreço no attrahir ao gremio social as tribus aborigenes, que ainda existem no estado selvagem, e mesmo em conservar as já christianisadas, pois que a ninguem desconhece a inefficacia de certas creações de recente data, bem como está ao alcance de todos, que havendo uns poucos de conventos de ordens religiosas n'esta provincia, são apenas os capuchinhos italianos do hospicio da Piedade os que se entregam á catechese, cujos effeitos (57) caminham apar do pequeno numero de operarios para tão grande messe.

(57) *Donnée à tous les hommes*, diz Mr. de Saint-Hilaire, *la religion qui eleva le genie de Pascal et des Bossuets peut aussi être entendu des races qui sont placées le plus bas sur l'échelle de l'intelligence humaine. A' sa voix des féroces Aymorés se sont réunis en*

O modo com que se devem alliciar e ganhar os selvagens, disse uma das nossas eminentes capacidades (58), é negocio da primeira importancia. O coração estremece com a recordação do methodo pelo qual governadores do Brasil, aliás não destituidos de juizo e humanidade, mandavam fazer esses chamados descobertos: era verdadeiramente uma caçada de homens, de que se encarregavam militares ferozes, escoltados da mais baixa relé: matar e exterminar eram as instrucções. . . . .

D'este modo de colonisar já se vê que o resultado seria o diametralmente opposto ás vistas do soberano.

Para este genero de emprezas pensamos nós que é perder tempo querer buscar outros conquistadores, que não sejam ecclesiasticos seculares ou regulares, instruidos e virtuosos. « O ar doce e santo, a intrepidez e paciencia de um sacerdote bem convencido das verdades religiosas, diz Mr. de Lozières (59), inspiram muito maior respeito ao selvagem, e o penetram muito mais do que o tom ameaçador e os raios de uma tropa guerreira. Semelhante á gotta d'agua que penetra o rochedo, a uncção do religioso acaba por ganhar o coração do selvagem, e reconduzil-o aos verdadeiros principios da natureza, que só conhece quem tem uma religião illustrada. Um cenobita vale mais do que um exercito contra anthropophagos. »

D'estas mesmas verdades não temos nós os mais irrefragaveis testemunhos nos nossos fastos gloriosos, que em nada cedem aos de nenhuma outra nação conquistadora? O caso é saber escolher esses ecclesiasticos, e sustentar illeso e puro o mesmo espirito de caridade christã dos primeiros fundadores, porque desgraçadamente de tudo se abusa, e tudo degenera nas mãos dos homens.

Seria pois nossa opinião que este fosse o methodo de attrahir os selvagens, e que se organisasse um plano adequado a cada uma das capitanias geraes. Os mesmos francezes, ainda no calor revolucionario, convieram na conservação dos conventos na Luiziana, com vistas da ci-

bourgades, et les Hottentots, devenus moins abrutis, on put gouter quelque bonheur. Veja-se Southey, *History of Brazil,* tom. 1, pag. 362, e a *Viagem* de Barrow.

(58) Nota V.

(59) M. Baudry de Lozières, *Voyage à la Louisiane.*

vilisação dos selvagens. Esta coarctada servirá a desarmar da critica, que por ventura nos iria preparando, a ouvir este conselho, algum espevitado em politica, que não estiver ainda escarmentado do nada que valem, para governar homens, as abstracções philosophicas.

Continuando porém com os *Camacans* —é d'esta tribu que se compõe a povoação de S. Pedro d'Alcantara ou Ferradas, nas adjacencias do Rio da Cachoeira, um dos quaes formam a bahia dos Ilhéos, cuja confluencia é em 14° 49' 25" lat. S., e 29° 52' 22" long O. de Lisboa, povoação essa fundada pelo missionario capuchinho italiano fr. Ludovico de Liorne, coadjuvado pelo conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, então ouvidor da comarca dos Ilhéos. Levado aquelle respeitavel missionario do mesmo espirito verdadeiramente apostolico, que sempre distinguiu os religiosos de sua ordem (60), internou-se pelas matas do districto da villa de S. Jorge dos Ilhéos, em busca dos indios d'aquella tribu que sabia errarem por alli, e encontrando-os depois de alguns dias, não só conseguiu á força de muitos trabalhos e fadigas atrahil-os ao gremio do christianismo, permanecendo entre elles, mas tambem preparou a futura

(60) Sob a direcção dos capuchinhos italianos do hospicio da Bahia floresceram as missões Rodella, Acará e Vargem, de Procós, Pambú, Cavallo, Taperoá e Vacarapá, de indios Kasinos; Rio de Contas S. Felix, de Grens. *Mem. Hist. e Pol. da Provincia. da Bahia*, tom. IV, pag. 230.

Na exposição que em o dia 4 de Novembro do corrente anno (1848) fez o Sr. Bernardino José de Queiroga, no acto de entregar a presidencia da provincia de Minas Geraes ao Sr. Dr. José Idelfonso de Sousa Ramos, nota-se este solemne testemunho a favor dos taes missionarios.

« Tambem tem merecido especial solicitude do governo a catechese e civilisação dos indigenas. Ultimamente me tenho convencido de que o melhor meio de chegar a este grande fim consiste em mandar missionorios capuchinhos, que se encarregam com desvelada assiduidade d'este penivel trabalho. Estes padres, que com pouco se contentam, habilitam-se com facilidade no nosso e no idioma selvagem, insinuam-se, fazem-se amar e respeitar, e conseguem, pela brandura, o que por outros meios não temos podido realisar— « Jornal do Commercio »— de 22 de Novembro de 1848. »

pacificação dos *Botocudos*, que até então inimigos implacaveis dos *Camacans*, apresentaram-se inesperadamente n'aquella aldêa em numero de dezeseis, ás sete horas da manhã de 20 de Maio de 1842, para conhecerem pessoalmente o referido missionario, cujo renome havia tambem chegado ás suas aldêas, situadas nas florestas adjacentes ao Rio Pardo, cousa de setenta leguas da beiramar. Acolheu-os prazenteiramente Fr. Ludovico, e convencendo-os das verdades do christianismo, persuadiu-os a voltarem a S. Pedro d'Alcantara em tempo prefixado, para acompanharem o religioso que devia residir entre elles, visto não lhe ser possivel abandonar aquella povoação para os seguir, como pretendiam. Não faltaram os *Botocudos* no tempo aprazado, e segunda vez alli tornaram, por isso que para se conseguir a partida de tal missionario foi preciso que o mesmo Fr. Ludovico viesse em pessoa buscal-o ao hospicio da capital, visto que nenhum resultado havia colhido das suas requisições por escripto, talvez por achar-se que exorbitava das despezas consignadas nas leis annuaes a que era mister fazer-se com os preparativos d'essa nova missão. Proviesse porém do que quer que fosse semelhante delonga, o que é certo é, que só aos 22 de Fevereiro de 1845 partiu esse missionario da povoação de S. Pedro d'Alcantara, entregue apenas á boa fé das promessas dos *Botocudos*, que desde o mez antecedente alli o aguardavam com impaciencia, e que de todos os mais das aldêas do Rio Pardo tem elle continuado a receber sinceras provas de dedicação e respeito

Pertenciam á tribu dos *Camacans* os indios conhecidos nas margens do Jequitinhonha pela denominação de *Menians*, cujos descendentes constituem hoje a maior parte dos habitantes de Canavieiras; e observa o principe Maximiliano, quando falla d'esses indios (61), que as differenças que se notam entre o idioma dos verdadeiros *Camacans* e o dos *Menians*, não podem induzir ao erro sobre este ponto os philosophos que se occupam do estudo das linguas, pois que convence a experiencia, que a separação das tribus, familias e hordas entre os indigenas da America, têm muitas vezes

(61) *Voyage au Brésil*, cit. tom. III. pag. 17.

influido sobre a linguagem, de sorte que se acha diversidade de variações de dialecto entre os differentes ramos de uma nação, que aliás se assemelham completamente

Tenho sem duvida sido prolixo em demasia sobre o primeiro ponto da proposta, e talvez que sem preencher, como cumpria, o que exige saber o Instituto Historico: passarei agora ao segundo quesito da mesma proposta.

Desde a mais alta antiguidade e em todas as épochas, diz o Sr. visconde de Abrantes (62), os homens illustrados e os povos mais cultos têm olhado para as arvores como o mais bello ornamento da natureza e como os entes na ordem geral mais necessarios á vida do homem. Plinio as reputava como o maior mimo que recebemos da natureza (63). Zoroastro, dogmatisador do Oriente, impôz a todo o homem a obrigação de plantar uma arvore, para que não se interrompesse, dizia elle a cadêa d'estes seres. Os romanos chamando a religião em soccorro das arvores, entregaram a defeza dos matos á Diana, e aos Faunos e Satyros. Na China ainda hoje o povo conta o arvoredo como um quinto elemento, pois sem madeira não ha agricultura, nem artes, nem commercio, nem cidades, nem homens sociaes.

A memoria de Sully vive menos nos livros que deixou, do que nas arvores que plantou por toda a França, e n'este bello e culto paiz as leis protectoras das florestas formam um codigo separado, e guardas proprios fazem a policia e velam na defeza dos matos. Na Inglaterra lord Merville, homem d'estado, apresentou-se em 1810 como advogado das arvores, demonstrando a necessidade de sua conservação e plantio mórmente nos paizes maritimos, que não possam prescindir de uma força naval: e Sir Walter Scott, o autor de Waverley e Ivanhoe, escreveu eloquentes memorias sobre a plantação de novas florestas.

(62) *Ensaio sobre o fabrico do assucar*, cap. 17.

(63) *Summum homini bonum datum, arbores.*

Comtudo porém póde quasi asseverar-se, que foi o governo quem poderosamente concorreu n'esta provincia para a rapida e progressiva devastação das ricas e magestosas matas seculares, que se estendiam por todo o seu litoral.

Determinou o alvará de 27 de Fevereiro de 1701 que o governador d'esta provincia, de accordo com os ouvidores geraes, fizesse semear e plantar mantimentos nas terras mais susceptiveis de cultura, dando preferencia á mandioca ; e o governador marquez de Valença, não contente ainda com as determinações a tal respeito de seus antecessores, mandou, por bando publicado aos 16 de Fevereiro de 1781, que todos os lavradores de mandióca plantassem annualmente quinhentas covas por cada escravo de serviço, sendo tambem obrigados os lavradores de canna a igual plantação, estendendo-se tal encargo aos proprietarios d'engenhos para a sustentação de suas fabricas, e aos donos dos navios do commercio da costa de Mina e Angola para o abastecimento d'essas embarcações. Era de mais imposto a todos os comprehendidos em tal bando o fazerem certo nas respectivas camaras, dentro de seis mezes, haverem cumprido semelhante dever, sob a pena de 50$000 réis pagos de cadêa, e dois mezes de prisão ; sendo designada a fortaleza de Santo Antonio além do Carmo para local da detenção dos contraventores que fossem pessoas nobres.

Deixando de parte a reluctancia em que se achava uma tal disposição com os verdadeiros principios de economia politica, direi sómente que entre os males que isso produziu, augmentou a destruição das matas, pelo prejuizo que ainda agora subsiste de serem unicamente proprios para a cultura de mandióca aquelles terrenos onde houverem arvores de vinhatico e sicupira, que vem a ser o mesmo que dizer—as florestas virgens. Todavia porém não arripiaram os outros governadores de semelhante determinação assaz impolitica e absurda, antes pelo contrario D. Rodrigo José de Menezes, em circulares de 12 de Outubro de 1783 e 10 de Março de 1787, bem como D. Fernando José de Portugal em 25 de Abril de 1788, impozeram novos deveres e encargos, com os quaes e com o receio da fome, que por esse

tempo assolava a provincia de Pernambuco, cresceu a cultura de mandióca a tal excesso, que comprava-se na capital por 320 réis um alqueire de farinha, preço de que desde muitos annos não havia exemplo (64).

Achava-se então encarregado da inspecção dos reaes córtes de madeiras na comarca dos Ilhéos o desembargador ouvidor Francisco Nunes da Costa, magistrado probo, illustrado e dedicado ao bem publico aquem se deve a introducção e progresso do plantio do café; que hoje constitue o principal ramo de commercio de exportação d'aquella comarca e das de Porto Seguro e Caravellas; e não podendo ser impassivel ante tamanho estrago das matas, dirigiu ao throno, em 20 de Julho de 1784, a seguinte representação:

« Senhora. A inspecção dos reaes córtes de madeiras que V. M. foi servida encarregar-me no districto d'esta capitania, e que presentemente se mandam laborar com mais extensão, acaba de confirmar-me na precisa diligencia de procurar pela régia autoridade o remedio competente ao estrago com que as admiraveis matas da mesma capitania se vão arruinando, e mostrando já a perda mais sensivel para V. M, para o commercio, e para os moradores que se ajudavam d'esta riquissima extracção. Pela prodigiosa abundancia das madeiras, que pareciam inexhauriveis nos primeiros tempos d'esta colonia, ou talvez pelo menor calibre dos navios e menor numero d'elles, sendo o fornecimento das matas da Europa muito superabundante, se não estabeleceu methodo ou legislação competente para regular a extracção e conservação das d'este continente, e apenas a primeira cautela que se encontra a este respeito é a simples recommendação feita ao governador da Relação, que nos ultimos annos do intruso Felippe IV se lhe fez no regimento de sua creação na cidade da Bahia, sustentada depois no segundo regimento que lhe deu em 1653 o Senhor D. João IV, tendo concorrido depois alguma provisão do conselho ultramarino em que se excita a mesma recommendação; mas todas estas providencias destituidas da sancção, que pela qualidade da pena fizesse conhecer o valor das matas, e a

(64 Balthazar da Silva Lisboa: *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéos.*

abominação dos incendiarios e destruidores das mesmas. A população e cultura principalmente do assucar, não tinham fertilisado de sorte que exigisse uma exacta combinação dos interesses d'esta cultura commoda conservação das matas, e por isso se deram de sesmaria e se assignaram, mesmo por mercês régias, dominios particulares na extensão da costa, que a invenção e descobrimento fizeram de V. M , pois, bem que o nexo do imperio assim o persuadisse, ainda mesmo a autoridade e direito publico das nações confere o dominio dos lugares inaccessiveis ao imperante, de fórma que pela sua natureza nenhum particular póde sustentar-se n'elle, sem assignação e adjudicação dos mesmos dominios. Hugo Grocio, no seu *Tratado da guerra e da paz* 1.° 2.° cap. 2.° § 3° do n. 2° até 6°, com seus annotadores o mostram admiravel e concisamente.

« Nasceu d'esta abundancia, por uma parte a demasiada facilidade nas sesmarias, por outra parte a introducção dos diversos proprietarios sem este titulo, e ultimamente a omissão do direito florestal, cujo uso é distinctamente conhecido em toda a Europa, na França reduzido a corpo, na Allemanha a systema, do que se lembra Bohemero no seu bom *Tratado do direito publico*, parte especial 1.ª 2.ª cap 10 § 17. Nem deixaram os augustos predecessores de V. M. intacta esta jurisprudencia: os diversos regimentos sobre o pinhal de Leiria, e a ultima creação de um magistrado para vigiar sobre elle, as amplas providencias incorporadas no regimento do monteiro mór, e ainda a recommendação que a lei faz aos corregedores das comarcas no respectivo regimento, dão uma adequada e perfeita idéa de que a menos circumspecção a respeito do Brasil teve por base a sua original e famosa abundancia.

«Mas agora que a falta já é sensivel, e que o abuso, o ferro, o fogo, a ignorancia e a ambição tem estragado rapidamente a fertil e riquissima mata de Jequiriça, e pouco menos todas as que decorrem para o sul até o Rio de Contas, e que este flagello continúa com tal abuso que até se tem estabelecido a maxima—que as matas são livres e de um direito publico e commum—, é necessario a reivindicação e uso dos direitos régios, para vedar e impedir tão ruinoso progresso. A autoridade provisional que me é licita, e que me faz cargo

como corregedor da comarca, estabelecida por um capitulo de correição, não podendo exceder a imposição de multa, mais ou menos severa, é freio debil para conter tantos arruinadores, como o summario mostra; precisamente se deve recorrer ao meio efficaz e positivo, que pela sancção contenha esses inimigos do Estado.

« O mesmo summario, e a propria inspecção e exame provam qual seja a incomprehensivel brevidade com que já muitas leguas se approximam sem remedio as maiores despezas dos transportes, e até a extincção das matas, o que é bem crivel logo que fôr reflectido, que estes quasi barbaros não costumam no mesmo terreno repetir a cultura, e passam adiante com incrivel rapidez, fazendo novos roçados, por supporem n'estes mais fertilidade, e nutrindo assim a iguaria com que adubados e surribudos por cultura habil os deixados terrenos, poderiam sem duvida alguma dar a vantajosa producção relativa ao consumo dos habitantes Os estragos que tem causado os intitulados roceiros de Nazareth tem sido tão graves, que estendendo-se ha menos de seis annos pelo espaço de mais de doze leguas, se acham actualmente occupando as cabeceiras do rio Jequiriçá, onde desprezando continuas advertencias, e até as notificações judiciaes, tem reduzido á cinzas matas preciosas e tão antigas como o mundo, fazendo uma perda, qual não ha calculo que possa computar.

« Esta mata de Jequiriçá, a mais proxima da Bahia, foi um rico deposito de onde se extrahiram as melhores peças, seja para o reparo e concerto das náos de guerra, seja para construcção dos navios particulares, que se tem construido nos estaleiros d'esta cidade n'estes ultimos annos; ella é a unica mata de onde se extrahem os importantes pranchões e taboado de vinhatico, os melhores pela sua qualidade, e os mais commodos pela conveniencia da descida do rio. Todas estas riquezas desprezadas por estes homens rusticos e ambiciosos estão proximas a extinguir-se, se de todo não forem detidos estes incendiarios, e se por outras conveniencias não forem as matas defesas, vedadas e guardadas com o mesmo ou

maior cuidado com que pelo regimento do monteiro mór se mandaram acautelar até as matas dos particulares, que pela proximidade dos rios se faziam as suas madeiras convenientes para as armadas reaes. Este o unico ponto de vista o mais importante da representação, que tenho a honra de pôr na presença de V. M., e consiste em se guardarem, estenderem e demarcarem as matas virgens que ainda restam livres do ferro e fogo dos roceiros, ficando estes homens obrigados a fazerem as suas plantações nas immensas matas já aproveitadas ou nas vulgarmente chamadas capoeiras; fazendo-se das matas reaes tombo, com as mesmas clarezas, confrontações e divisões que se observam no referido regimento do monteiro mór do reino, e dando-se todas as mais providencias que V. M. fôr servida.»

Além d'esta representação pediu tambem ao governador, que no entretanto providenciasse a evitar o destroço das matas, causado especialmente pelos roceiros da povoação, ora villa de Nazareth, e expediu então o governo esta portaria :

« Por quanto não sendo bastante as providencias que S. M. tem dado para evitar os estragos que os roceiros fazem nas matas d'esta capitania, me consta que os de Nazareth e Jequeriçá do termo da villa de Jaguaripe continuam a destruir estas matas, tão preciosas pelas madeiras que em si tem, e utilissimas á mesma Senhora, na extracção d'ellas para fabrico e apresto prompto das náos e fragatas da real armada, por causa da proximidade em que ficam ao porto do mar; e e attendendo a este prejuizo, e á falta que com semelhantes aberturas de roçados experimentaráõ ainda os povos d'esta cidade, com as madeiras e taboados, para edificarem e concertarem as suas propriedades: ordeno ao desembargador Francisco Nunes da Costa, ouvidor da comarca dos Ilhéos, que se acha encarregado por ordem de S. M., e instrucções minhas, da inspecção dos reaes córtes de madeiras, que passe aos districtos mencionados de Nazareth e Jequiriçá, e mandando passar uma linha imaginaria nas duas matas pela latitude d'ellas ao porto de mar, em que se facilite a extracção e conducção das madeiras, prohiba aos roceiros ou ou-

tras quaesquer pessôas o córte e a abertura de roçados, com pena de serem autuados immediatamente que me constar passam dos limites prohibidos, e castigados rigorosamente a meu arbitrio. E para que me conste da notificação, que se fizer aos mencionados roceiros, e das distancias que se limitára e se prohibíra, me remetterá o mesmo desembargador Francisco Nunes da Costa uma certidão authentica, deixando as proprias em sua mão para proceder ao auto e á prisão das pessôas que transgredirem esta minha ordem, para o que lhe confiro a commissão de assim o praticar, posto que seja fóra de sua comarca, pela inspecção de que se acha encarregado, remettendo-me logo os presos, para contra elles proceder como inimigos da utilidade publica. Esta mesma providencia dará o dito desembargador Francisco Nunes da Costa na sua propria comarca, de que igualmente mandará certidão á esta secretaria d'Estado, pela qual mando se expeçam as ordens necessarias, para ficarem scientes do determinado, ao desembargador ouvidor d'esta comarca, á camara d'aquella villa de Jaguaripe, capitão mór das ordenanças d'ella, e mais officiaes commandantes dos districtos de Nazareth e Jequeriçá, para, pela parte que lhes toca, darem inteiro cumprimento á esta minha ordem, auxiliarem e promptamente executarem as que a respeito d'este particular lhes enviar o sobredito desembargador Francisco Nunes da Costa, e mando que esta se registe nos livros da secretaria d'Estado, e nos da camara de Jaguaripe, e mais partes onde convier, para que a todo o tempo conste. Bahia, 28 de Setembro de 1784.—*D. Rodrigo José de Menezes.* »

Por outras ordens, dictadas em virtude de novas representações do mencionado ouvidor, providenciou o governador ácêrca da conservação das matas, emquanto não chegassem as determinações régias que se esperavam, e, entre outras medidas, foi nomeado Manoel Torroso mestre e guarda das matas reaes, desde Mapendipé até as de Santarem e Igrapiúna, não podendo nenhum particular extrahir d'alli madeiras sem licença do governador, e designação do local feita pelo conservador : mas viu-se este embaraçado de proceder á medição determinada ; cresceu o clamor dos lavradores ro-

tineiros contra a prohibição das derrubadas, e fallecendo n'este intervallo o mesmo ouvidor Nunes da Costa, ficaram em perfeita nullidade todas essas ordens prohibitivas, e sũbiu ao maior excesso a devastação, a despeito de algumas ordens do govarnador D. Fernando José de Portugal, não só por achar-se scientificado de estarem já destruidas as riquissimas matas que havia desde as adjacencias do rio Jequiriçá até o de Donas e suas cabeceiras, como por conhecer que nos terrenos das matas incendiadas são precisos seculos para crescer qualquer arvore de madeira de cônstrucção ao ponto de prestar utilidade, em virtude da calcinação do solo que o esterilisa, até para os generos agricolas (65).

Já desde muitos annos era prohibido o córte de madeiras chamadas de lei; o regimento de 12 de Setembro de 1652 § 12 e o de 13 de Outubro de 1751 § 29 impunham essa prohibição,estabelecendo para isso algumas providencias, e começou a ser inserta essa clausula nas cartas de sesmaria, desde que por carta régia de 2 de Janeiro de 1666 foi encarregado Sebastião Lamberto de estabelecer uma fabrica de fragatas.

Em virtude das representações levadas á decisão do governo geral, determinou a carta régia de 13 de Março de 1797 se organisasse um plano relativo á conservação das matas, em uma commissão presidida pelo governador, e composta do intendente da marinha José Francisco de Perné, do ex-ouvidor do comarca das Alagôas José de Mendonça de Mattos Moreira, e do futuro ouvidor dos Ilhéos; mas a final suppôz-se remediado tudo, creando-se por carta régia de 11 de Julho de 1799 a conservatoria dos Ilhéos, que, se

65 *Sed neque sollicites tractus quibus altior œquo*
Vulcanus se se immisit: nanque igne perusti
Quam sit opus, majore sinus telluris hebescunt,
Nec Cereris quidquam licet hinc sperare colonus

Rod. do Amar. *de Reb. rust. Brasil,* cant. 2.

Veja-se tambem a nota W.

algum beneficio produziu, não foi certamente o que se procurava obter.

D'esta sorte pois tem desapparecido da extensa cadêa do litoral d'esta provincia as primitivas florestas, que justamente enchiam de assombro e admiração (66) o observador da natureza, e de que apenas hoje se encontram alguns pequenos restos em differentes pontos destacados, subsistindo com tudo ainda intacta a continuação d'essas matas, que ficam bastantes leguas distantes das villas e povoações, onde por ora não chegou o machado devastador dos rotineiros lavradores, mas que chegará, volvidos que sejam mais alguns annos, por isso que continúa o serviço agricola a ser feito por escravos, e sabe-se que infelizmente illudem-se hoje as melhores leis.

Não se julgue porém que importa uma proposição temeraria o concorrer o serviço agricola feito por escravos para a progressiva devastação das matas: innumeras razões politicas o convencem, e limitar-me-hei a apresentar n'este lugar o que a tal respeito deixou escripto um homem de sempre gratas recordações ao Brasil, o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva (67), autoridade de grande peso.

« A lavoura do Brasil, diz elle, feita por escravos boçaes e preguiçosos, não dá os lucros com que os homens ignorantes e phantasticos se illudem. Se calcularmos o custo actual da acquisição do terreno, os capitaes empregados nos escravos que o devem cultivar, o valor dos instrumentos ruraes com que deve trabalhar cada um d'estes escravos (68), sustento e vestuario, molestias reaes e affectadas, e seu curativo, as mortes numerosas, filhas do máo tratamento e da desesperação, as repetidas fugidas dos matos e quilombos, claro fica que o lucro deve ser mui pequeno no Brasil, ainda apezar da prodigiosa fertilidade de suas terras, como mostra a experiencia.

(66) Nota X.

(67) *Representação á assembléa geral constituinte e legislativa do Brasil sobre a escravatura*, por José Bonifacio de Andrada e Silva, deputado á dita assembléa pela provincia de S. Paulo. —Paris, 1825.

(68) Por exemplo: vinte escravos de trabalho necessitam de vinte enxadas, que todas se poupariam com um só arado.

« No Brasil as rendas dos predios rusticos não dependem da extensão e valor do terreno, nem dos braços que o cultivam, mas sim da mera industria e intelligencia do lavrador. Um senhor de terras é de facto pobrissimo se, pela sua ignorancia ou desmazelo, não sabe tirar proveito da fertilidade de sua terra e dos braços que n'ella emprega. Eu desejára para bem seu que os possuidores de grande escravatura conhecessem, que a prohibição do trafico de carne humana os fará mais ricos; porque seus escravos actuaes virão a ter então maior valor, e serão por interesse seu mais bem tratados. Os senhores promoveráõ então os casamentos, e estes a população. Os forros augmentados, para ganharem a vida, aforaráõ pequenas porções de terras descobertas ou tapéras que hoje nada valem. Os bens ruraes serão estaveis, e a renda não se confundirá com a do trabalho e industria individual.

« Não são só estes males particulares que traz comsigo a grande escravatura no Brasil; o Estado ainda é mais prejudicado. Se os senhores de terras não tivessem uma multidão demasiada de escravos, elles mesmos aproveitariam terras já abertas e livres de matos, que hoje jazem abandonadas como maninhas. Nossas matas preciosas em madeiras de construcção civil e nautica, não seriam destruidas pelo machado assassino do negro, e pelas chammas devastadoras da ignorancia. Os cumes das nossas serras, fonte perenne de humidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação electrica, não estariam escavados e tostados pelos ardentes estios do nosso clima. E' pois evidente, que se agricultura se fizer com os braços livres dos pequenos proprietarios ou por jornaleiros, por necessidade e interesse serão aproveitadas essas terras, mórmente nas visinhanças das grandes povoações, onde se acha sempre um mercado certo, prompto e proveitoso; e d'este modo se conservaráõ, como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas matas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade caracterisam o nosso bello paiz (69). »

Fallando porém da extensa cadêa de matos virgéns ao longo do litoral da provincia, isto é, do espaço de cento e

(69) Nota Y.

quarenta leguas de comprimento norte sul, com largura desigual para o centro, não pretendo todavia dizer, que só n'essa extensão de terreno havia madeiras preciosas e florestas virgens, pois que ainda se encontram no interior, e em diversos confluentes do Rio de S. Francisco (70), famosas matas cobertas de basto e corpulento arvoredo, da melhor madeira de construcção; contrastando esse arvoredo, que tambem se encontra em differentes serras, com o mesquinho das charnecas e capões que existem por todo o interior, onde apenas ha campos nativos, que bordam commummente as matas, improprios para qualquer genero de cultura, mas aptos para a criação do gado quando as estações são regulares, e não sobrevem as sêccas assoladoras.

Acham-se já descriptas por varios escriptores que se têm seguido a Marcgrave (71) e Pison as madeiras preciosas que ornavam as matas já extinctas, e ainda ornam as existentes em todas as provincias do Brasil: nenhuma d'essas especies se acha inteiramente anniquilada n'esta provincia; mas não obstante isso, cumprirei quanto me fôr dado esta parte da proposta, cingindo-me restrictamente ao que se exige saber — quaes as madeiras preciosas de que abundam as florestas.

São apreciavois para a construcção naval o angelim (*Andira ibacariba*, Pison), arvore de mais de cem palmos de comprimento, da qual ha outras tres especies; o páo d'arco (*Bignonia leucoxillum, L.*) tambem de tres especies, que excede de cem palmos de alto, com vinte e quatro de circumferencia; o aderno verdadeiro, e marnacaiba; o vinhatico, originalmente *sabigenguia*, que chega a cento e cincoenta

(70) *Informação ou Descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco.*

(71) Margravius. *Historia rerum. nat. Brasiliæ.* Piso *de Medic. et Hist. nat. Bras.* O conselheiro B. da Silva Lisboa eleva ao numero de trezentas e dez as especies de arvores do Brasil, de utilidade na civillisação e marinha, descrevendo-as alphabeticamente no 1· volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*; e o tenente general Carlos Napion menciona a força da madeira de algumas d'ellas, sua elasticidade, peso especifico, dureza e força dos pregos, com outras diversas observações physicas assaz importantes, no *Patriota* n. 6, de Dezembro de 1814.

palmos de altura, e serve até na marceneria para obras assaz delicadas ; a sapucaia (*Lecythis ollaria, L.*), de mais de cem palmos de comprimento, que produz a castanha conhecida com esse nome ; a sicupira, que ha de diversas especies, arvore que sobe a cem palmos, com oito a doze de circumferencia no tronco ; o putumojú, arvore de cento e cincoenta palmos de altura, com vinte a vinte e cinco de grossura no tronco ; o cedro, que entre os indios tinha o nome de *acajucatinga*, é assaz conhecido. Não chegam os cedros que ainda se encontram n'esta provincia á corpulencia e espantosa proceridade dos do Amazonas e Madeira ; mas affirma Gabriel Soares (72), que de um que descêra com a inundação pelo rio dos Ilhéos, se extrahira o taboado necessario para a construcção de uma igreja que alli se erigiu, ficando ainda parte por desnecessaria. O piquí amarello, que excede a cento e cincoenta palmos, pertence á classe *Pentandria tetraginia*, e distilla por incisão do seu tronco um licor assaz amargo e espirituoso, que suppre o cóca ou trovisco na pescaria d'esse genero nos rios. Coração de negro, arvore de sessenta palmos ; comumbá vermelho, de igual altura ; o jequitibá, que chega a mais de cem palmos, com vinte de circumferencia no tronco, e serve até para mastros de náos. Jetahypéba, da classe *Decandria monoginia*, com sessenta a cem palmos de alto ; jetahypebassú, ainda maior que a precedente ; e jetahypebamerim, que excede pouco de cincoenta palmos. Massaranduba, de duas qualidades ; excede a verdadeira de cem palmos, com doze de grossura ; a jatobá (*Hyminia courbaril*, Mart.) chega a mais de cem palmos de altura, com dez a doze de circumferencia ; louro, de que distinguem-se dezeseis qualidades ; a inhabitatan, arvore de mais de sessenta palmos, que serve para mastros de brigues e galeras ; olandim, de sessenta palmos ; oiticica, de mais de oitenta palmos de comprimento, e dez a doze de grossura ; pindahiba, que cresce até quarenta e cinco palmos, e é preferida para mastros de pequenas embarcações ; pinhã, arvore de cem palmos ; pirandúba, de cincoenta palmos, escolhida para mastros de lanchas. Orucurana, cresce até a altura de cem palmos ;

(72) *Not. do Brasil*, part. II, cap. LXIV.

jetahy preto, de sessenta a cem palmos, e de tal rijeza que é impenetravel ao gusano (*Teredo navalis* ou *Dentalium*, L.) (73). Oiti, de diversas variedades, todas excendentes a sessenta palmos de altura; a mucury, arvore que chega a sessenta palmos; cutucoem, de quarenta palmos; biriba, arvore de cincoenta a cem palmos de alto e que, além de ser tambem impenetravel ao gusano, fornece de sua casca optima estopa para o calafeto das embarcações; o burahem macho e femea, que excede na altura a sessenta palmos; gurubá, arvore maior de oitenta palmos; e finalmento o comumbá, que chega a sessenta palmos, além de outras.

Para a marcenaria são estimadas, além de vinhatico as seguintes: jacarandá de quatro especies; amoreira de amago preto, arvore de vinte cinco palmos, e de cujas cinzas se extrahe a soda; araribá macho e femea, que cresce até sessenta palmos; mussutahiba, tambem de sessenta palmos de comprimento; azulão, de pouco mais de trinta palmos as maiores; brazilete, arvore de sessenta palmos; canella (*Laurus americana adorata*, Marcgrave), que chega a trinta palmos; condurú, arvore de oitenta palmos de comprido; mingú preto, pardo e roxo, que não passa de trinta palmos de altura, com a pequena grossura de um palmo; gonçalo-alves, de vinte palmos de altura, e pouco mais de dois de grossura; sebastião d'arruda, tambem de vinte palmos de comprido e dois de circumferencia; a amamonas, de cincoenta palmos de elevação e dois de grossura; e a arataia, de quarenta palmos.

Distinguem-se na ordem das oleaginosas a arvore do balsamo (*Balsamum ex Peru ancabureiba*, Pison), originariamente cabureiba, que excede da altura de cem palmos, com seis a oito de grossura no tronco; sua madeira é incorruptivel, e distilla, por incisão, nos mezes de Fevereiro e Março, um balsamo precioso para diversos usos da medicina: a copahiba (*Capaifera officinalis*, L.), que

(73) Nota Z.

chega a cento e cincoenta palmos de comprimento, com mais de vinte de grossura, e fornece nos mezes de Janeiro e Fevereiro o oleo geralmente conhecido, servindo o tronco para mastros e vergas das maiores embarcações. Ha mais tres especies do copahiba, vulgarmente denominadas de oleo preto, branco e vermelho: e notam-se entre as resinosas a arvore do breu (*Amyres,ellemifera*,Juss.); a almecega ou almecegueira (*Icica amyres*, Aublet), originariamente ubiracica, de trinta palmos, cuja gomma, além de varias applicações medicinaes (74), substitue a falta do breu no calafeto das embarcações ; a almecegassú, mais alta do que a precedente e dos mesmos usos ; o jabotá já mencionado (75), o cajueiro bravo, e a landirana, arvore de trinta palmos de comprido com dois de grossura, fornecendo materia abundante para a tinturaria, além do páo-brasil (*Cæsalpinia brasiliensis*), e differentes arbustos e hervanços; o piqui, de cuja casca se extrahe tinta preta ; o louro anniúba, a jutahy, a tatagiba, cuja madeira dá finissima tinta amarella (76) e de outras côres, segundo as combinações que para isso se empregarem; a araribá da serra, que excede a quarenta palmos de altura, e fornece do extracto de seu lenho optima côr de rosa ; a gurubú, de cuja casca extrahe se tinta roxa ; tinta esta que tambem se colhe do fructo da aroeira, arvore de madeira rigissima, que se eleva a mais de quarenta palmos de altura, e cresce até fóra das matas ; havendo ainda talvez nas mesmas matas outras mais arvores, que serão aproveitadas na

(74) Nota AA.

(75) Nota BB.

(76) Antonio José Pereira Tatagiba, morador na cidade de Cabo Frio, escreveu uma pequena memoria, que se acha á pag. 139 do 12º vol. do *Auxiliador da Industria Nacional*, inculcando-se autor da descoberta d'esta tinta em 1810 : todavia porém as pessoas versadas nas cousas do Brasil sabem, que tal descoberta remonta a muitos annos anteriores. Os francezes, que, desde 1612 até principios do anno de 1615, occuparam o Maranhão capitaneados por M. de la Revardière, já a conheciam, conforme o testemunho coevo do sargento-mór Diogo de Campos Moreno, escriptor da *Jornada do Maranhão feita em 1614, por ordem de S. M., por Jeronymo de Albuquerque ;* documento precioso publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

tinturaria, quando para tal fim forem empregados os a gentes chimicos, por ora sem uso entre a gente do campo. Resta-me o ultimo quesito.

Não se poderá observar sem o maior assombro, nota um erudito escriptor (77), que ao tempo da descoberta do novo mundo não existisse entre os tropicos nenhum grande quadrupede, pois que além do rhinoceronte e do hippopotamo, faltavam os cavallos, jumentos, bois (78), camellos, dromedarios, girafos e elephantes, as sete especies principaes utilissimas ao homem, e que desde tempo immemorial estavam sujeitas á domesticidade do antigo mundo (79). Nada é mais inconcebivel que a maneira porque a natureza tem repartido e distribuido as especies animaes sobre o globo; parece que se deveriam achar as mesmas especies debaixo das mesmas latitudes, e todavia não acontece assim, pois ha qualidades que existem apenas em pequenas regiões, e que não se encontram em outros lugares. Todavia, posto que não se encontrassem mais no continente da America, ao tempo de sua descoberta, animaes cujos analogos existem ainda no antigo hemispherio, é certo que em eras remotissimas povoavam-no algumas raças, talvez antediluvianas, que tambem hoje não existem em parte alguma das conhecidas.

Pertenciam sem duvida á essas raças os volumosos animaes de cujas enormes ossadas, ainda não ha muitos annos, viam-se restos nos termos das villas de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas e Pambú, e que por um desmazelo assaz consideravel se tem perdido. O conselheiro Balthasar

(77) O autor da *Défense des Récherches philosophiques sur les Américains*.

(78) Nota CC.

(79) De duzentas especies differentes de quadrupedes espalhados sobre a superficie da terra, achou-se apenas um terço d'ellas na America ao tempo da sua descoberta. Buffon, *Hist. Nat.*, tomo IX pag. 86. Comtudo porém assegura M. de Saint-Hilaire haver enviado mais de cento e vinte nove quadrupedes para o museu de Paris. *Voyage au Brésil*, tomo II, pag. 335.

da Silva Lisboa refere (80) ter visto dentro de uma lagôa de agua salgada, nas dilatadas campinas do districto da villa Nova da Rainha, um monstro petrificado, que parecia uma balêa; e não é sómente n'esta provincia que se tem descoberto ossadas semelhantes, pois que tambem em outros pontos do Brasil, e nos Estados da União Norte-Americana, ellas se tem achado (81). Ouçamos a este respeito o elevado juizo de um distincto naturalista dinamarquez, o Sr. Dr. Lund, em suas investigações geologicas pela provincia de Minas-Geraes (82).

« A questão da coexistencia do homem com as grandes especies extinctas de mammiferos terrestres não póde ainda ser resolvida de uma maneira decisiva pelas investigações dos naturalistas do velho mundo. Em quanto que alguns poucos factos parecem ser favoraveis a uma solução affirmativa do problema, outros, e em muito maior numero, conduzem a um resultado negativo. Tendo eu tido occasião favoravel de submetter esta questão a um novo exame n'esta parte do mundo, não tenho poupado esforços para chegar a uma solução definitiva d'ella; porém apezar do mais feliz exito dos meus trabalhos na parte zoologica, não me permittiram ainda de tirar uma conclusão satisfactoria sobre este importante assumpto.

« Os archivos em que se acham depositados os documentos relativos á historia do nosso planeta, na épocha geologica de que se trata, são as cavernas furadas em pedra calcarea que entra como parte constituinte n'uma formação das mais extensas do interior do Brasil. Os animaes, cujos restos se encontram envolvidos nos depositos terreos d'estas cavernas, são em maior parte differentes de todos os que existem actualmente na superficie da terra, mostrando assim terem pertencido a uma creação distincta da que se apresenta hoje á nossa vista O numero das cavernas que até agora tenho examinado sobe a perto de duzentas, e o das espacies de

(80) *Annaes do Rio de Janeiro*, tom. 1, pag. 147.

(81) Nota DD.

(82) Carta escripta da Lagoa Santa, em 12 de Janeiro de 1842, ao conego Januario da Cunha Barbosa, em cuja morte perdeu o Brasil um dos distinctos luminares da sua constellação litteraria.

animaes que n'ellas tenho reconhecido, só na classe dos mammiferos, a 115, numero que muito excede ao das especies d'esta classe que actualmente existem n'estes lugares, o qual se reduz a 88. O estado mutilado em que se acham geralmente os ossos das cavernas e a natureza d'estas mutilações me tem convencido de que, na maior parte dos casos, elles devem a sua introducção nas cavernas ás féras d'esses tempos, as quaes habitavam nos escondrijos interiores d'ellas, para onde carregavam as suas presas, para alli devoral-as.

« No meio d'essas numerosas testemunhas de uma ordem de cousas differentes da actual, nunca tenho encontrado nem o mais leve vestigio da existencia do homem. E comtudo, n'uma epocha em que os animaes ferozes abundavam n'este paiz, e debaixo de formas gigantescas (83), como explicar que o fraco ente, o homem, escapasse á sorte que havia acarretado tantas outras victimas, munidas de forças physicas muito superiores (84)? Julgava pois—em tanto que uma questão possa ser decidida por via de factos negativos—o numero d'estes factos já sufficiente para decidir a presente questão, quando inesperadamente, depois de seis annos de baldadas pesquizas, tive a fortuna de encontrar com os primeiros restos de individuos da especie humana, debaixo de circumstancias que ao menos admittiam a possibilidade de uma solução contraria da questão.

« Achei estes restos humanos em uma caverna que continha, misturados com elles, ossos de varios animaes de especies decididamente extinctas (Platyonyx Bucklandii, Chlamydotherium Humbolditii, C. majus. Dasypus sulcatus,

(83) Entre muitos outros basta citar um que tenho denominado *Smilodon populator*. Esta terrivel féra, que na estructura dos dentes e das unhas approxima-se ao genero *Felis*, excedia ao leão no tamanho, e igualava na robustez ao urso. As presas chegavam ao enorme comprimento de nove pollegadas.

(84) Um grande numero de animaes gigantescos habitavam, n'essa epocha, nas matas do Brasil. O *Mammouth* e o *Megatherium Cuvieri* eram do tamanho do Elephante. As familias das *Preguiças* e dos *Tatús* que actualmente abrangem os animaes de estatura pequena ou mediocre, continham n'esses tempos uma abundancia de especies de dimensões extraordinarias.

Hydrochœrus sulcidens e. a.), circumstancia que devia chamar toda a attenção para estas interessantes reliquias. Demais apresentavam elles todos os caracteres physicos dos ossos realmente fosseis. Eram em parte petrificados, e em parte penetrados de particulas ferreas, o que dava a alguns d'elles um lustro metallico, imitante ao bronze, assim como um peso extraordinario. Sobre a immensa idade d'elles não podia pois haver duvida alguma; porém em quanto á questão de saber se os individuos de que elles derivavam tinham sido coevos com os animaes, em cuja companhia se achavam, não se póde infelizmente tirar conclusão alguma decisiva, visto a caverna que os continha achar-se na margem de uma lagôa, cujas aguas annualmente, no tempo das grandes chuvas, entravam n'ella. Em consequencia d'esta circumstancia podia não só ter havido lugar uma introducção successiva de restos de animaes na caverna, como tambem os introduzidos posteriormente podiam misturar-se com os já depositados. Esta possibilidade mostrou-se effectivamente realisada, pois que, no meio dos ossos pertencentes á especies decididamente extinctas, achou-se outros de especies ainda existentes. Estes ultimos mostraram pelo seu estado de conservação serem de diversa idade, differindo alguns apenas de ossos frescos, e approximando-se outros ao estado submetallico de que tenho fallado, achando-se o maior numero n'um gráo de decomposição intermedio entre estes dois extremos. Uma differença semelhante, posto que menos consideravel, notou-se igualmente nos ossos humanos, provando innegavelmente uma desigualdade na idade d'elles; porém todos apresentavam sufficiente alteração na sua composição e textura para se reclamar para elles uma grande antiguidade; de sorte que se elles perderam o direito de servirem como documentos para decidir a questão principal da coexistencia do homem com as grandes especies extinctas de mammiferos terrestres, ao menos conservam ainda bastante interesse debaixo d'este ultimo ponto de vista.

Pelas indagações dos naturalistas da Europa, consta que nenhuma das grandes especies de mammiferos terrestres, cujos ossos se acham n'um estado verdadeiramente fossil,

têm existido viva nos tempos historicos, e que por conseguinte a data de sua extincção remonta a mais de tres mil annos. Applicando este resultado ás especies extinctas do Brasil, no que concorda o estado de conservação dos ossos, que é o mesmo nos dois paizes, e attribuindo áquelles ossos humanos, que se acharem n'um estado de conservação perfeitamente analogo do que caracterisa os ossos fosseis, uma antiguidade correspondente, temos para estes uma idade de trinta seculos para cima. Como porém o processo da petrificação é um dos que tem sido menos bem estudados, principalmente em relação ao tempo exigido para a sua consummação, e constando mesmo que este tempo varia segundo as ciscumstancias mais ou menos favoraveis, não se póde arriscar uma estimação d'elle senão com uma approximação bastantemente vaga. Seja porém, isto como fôr, sempre fica para estes ossos uma antiguidade muito consideravel, que os faz remontar não só muito além da épocha do descobrimento d'esta parte do mundo, como talvez além de todos os documentos immediatos que possuimos da existencia do homem, visto não ter achado em outra alguma parte ossos humanos em estado de petrificação.

« Fica portanto provado por estes documentos, em primeiro lugar, que a povoação do Brasil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos.

« A questão que se offerece naturalmente agora, é saber quem foram esses antiquissimos habitantes do Brasil, de que raça eram, qual era o seu modo de vida, a sua perfeição intellectual?

« Felizmente as respostas a estas questões são menos difficeis e menos duvidosas. Tendo achado varios craneos, mais ou menos completos, pude determinar o lugar que deviam occupar os individuos a quem tinham pertencido, no systema anthropologico. Effectivamente a estreiteza da testa, a proeminencia dos ossos zygomaticos, o angulo facial, a fórma da maxilla e da orbita, tudo assigna a estes craneos o lugar entre os mais caracteristicos da raça americana E' sabido que a raça que approxima-se mais da raça americana é a mongolica, e que um dos caracteres mais constantes e mais salientes, pelos quaes se distinguem entresi, é a maior depressão da testa na primeira. N'este ponto

da organisação os craneos antigos mostram-se, não sómente conformes com os da raça americana, mas alguns d'elles exhibem este caracter n'um gráo excessivo, até o desapparecimento total da testa.

« Fica pois provado em segundo lugar —qne os povos, que em tempos remotissimos habitaram n'esta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que no tempo da cônquista occupavam este paiz.

« Sabe-se que as figuras humanas que se acham esculpidas nos monumentos antigos do Mexico representam em mór parte d'elles uma configuração singular da cabeça, sendo esta inteiramente destituida de testa, fngindo o craneo para traz immediatamente acima das cristas superciliares. Esta anomalia, que geralmente se attribuia ou a uma desfiguração artificial da cabeça, ou ao gosto dos artistas, admitte agora uma explicação mais natural, sendo provado pelos presentes documentos authenticos, que realmente existiu n'este continente uma raça exhibindo esta anormal conformação.

« Os esqueletos mostraram terem pertencido a individuos de ambos os sexos, e eram de tamanho ordinario : todavia dois de homens offereceram dimensões acima do vulgar.

« Depois d'estas breves noções sobre a natureza physica dos antigos autochthones do Brasil, passarei a expôr succintamente as conclusões, que d'esta descoberta se póde tirar relativamente ao estado intellectual, e ao provavel gráo de civilisação em que se achavam esses povos.

« Sendo, como é, sufficiente provado que o desenvolvimento da intelligencia está em relação directa com o desenvolvimento do cerebro, fica sempre a inspecção do craneo um dos meios mais seguros, sendo feito com a necessaria discrição, para avaliar o gráo que deve occupar o individuo examinado, e conseguintemente a raça a que elle pertence na escala progressiva dos entes intellectuaes. Applicado este criterio aos craneos em questão, ha de sahir a sentença muito em desfavor das faculdades intellectuaes dos individuos de quem derivam : nem podemos esperar grandes progressos da industria e nas artes de povos cuja organisação cerebral offerece um sub extracto tão mesquinho para a séde da intelligencia.

« Esta conclusão vem a ser corroborada pelo achado de um instrumento de imperfeitissima construcção junto aos esqueletos. Consiste este instrumento simplesmente n'uma pedra hemispherica de amphibolo, de dez pollegadas de circumferencia, lisa na face plana, a qual evidentemente serviu para machucar sementes ou outras substancias duras.

« Não sendo o meu fim agora tirar todas as illações que se podem deduzir dos factos exarados n'esta breve communicação, o que deixairei á mãos mais habeis, limitar-me-hei sómente a acrescentar que, além dos mencionados ossos humanos, tenho achado mais alguns em duas outras cavernas, os quaes igualmente offereceram os caracteres physicos dos ossos fosseis, sendo privados de quasi toda a parte gelatinosa, e em consequencia muito friaveis e alvos na fractura. Infelizmente acharam-se isolados e sem acompanhamento de ossos de outros animaes, de sorte que a parte principal da questão ficou ainda n'estes casos indecisa, sendo todavia corroborada a conclusão relativamente á prolongada existencia do genere humano n'esta parte do mundo. »

Agora porém encontram-se tão sómente nas matas existentes as mesmas especies de animaes que povoavam em outros tempos as florestas virgens já destruidas, e posto que sejam quasi geralmente conhecidos em todas as provincias do Brasil esses animaes, mencionarei comtudo os principaes, sem fazer-me cargo de sua zoographia.

Occupa o primeiro lugar a anta, designada pelos naturalistas *Tapir americanus*, sem duvida da denominação *Tapiira* que tem entre os indios, e por muito tempo foi considerada como variedade do hippopotamo, e de qualidade indomavel (85). E' o maior quadrupede da parte meridional do novo continente (86), e suppunha-se ser parti-

(85) Le tapir étant lucifugue, il ne se laisse ni apprivoiser ni rendre, domestique, et bien moins encore soumettre au travail. *Recherches* cit., tomo III, pag. 289.

(86) Nota EE.

cular da America, em quanto não foi tambem encontrado na ilha Sumatra, e na provincia de Sutchouen, na China. O venerando José de Anchieta faz d'este animal exactissima descripção quando diz (87):

Est aliud animal satis frequens esui aptum, ab Indis Tapiira, *ab Hispanis vero* Anta *dicitur, ea credo quæ Latinis* Alce *nominatur: mulæ similis bestia, cruribus aliquanto brevior, pedes habet trifidos, superius labrum prominentissimum, colore est inter camelum et cervum, medio in ningrun declinante: erigit se jubarum loco per cervicem torus ab armis ad caput, in quo erectior aliquantulo totam frontem armat, et viam sibi per nemorum condensa discretis hinc ind lignis aperit: brevissima est cauda, nullis munita jubis: sibilum ingentem vice vocis emittit: die dormit et quiescit, nocte huc illuc discurrens diversos arborum fructus pascit, et cum hi defuerint, cortices: cum a canibus lacessitur, morsibus resistit et calcibus, aut in flumina prosilit, diuque latitat sub aqua, quam ob rem juxta fluvios frequentius versatur; ad quorum oras solet etiam terram effodere et argilam mandere. Hujus ex tergore faciunt Indi cetras, duratas solummodo ad solem, sagittis omnino impervias.*

Seguem-se a onça (*Felis onça*, L.) de que se contam quatro especies — onça pintada ou verdadeira, tigre, cangussú, e sussuarana (*Felis concolor*, L.). Differentes especies de quadrumanos, como guaribas (*Mycetes ursinus*, Umb), macacos e saguins *Callitrix sciurea*, Cuv.): o gato do mato, tambem de quatro especies, quaes o maracaiá (*Felis pardalis*, L.), mourisco vermelho (*Felis eyra*, Az.), mourisco preto, e mourisco pintado. O guará, que se compara ao lobo da Europa (*Canis campestris* Neuw.); a raposa do mato e do campo (*Canis Azaræ*, Spix): o cachorro do mato, o papamel (*Felix mellivora*, *Ill.*); o coatí mondé (*Nasua solitaria*, Neuw.) e o coatí de bando. Seis especies de veados, das quaes pertencem sómente ás matas os mateiros (*Cervus rufus*, *Ill.* ex Spix); e o catin-

(87) Veja-se a sua bellissima carta escripta em latim, e datada de S. Vicente aos 31 de Maio de 1560, que vem no 1° vol. da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicada de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e annotada pelo Sr. Diogo de Toledo Lara Ordones.

güeiro (*Cervus simplicicornis, Ill.*); o porco do mato (*Sus taiassú*, Cuv.), dividido em tres especies — caititús, queixada branca, e tiriríca. O mocó) *Cavia rupestris*, Nuew); cotía (*Dasyproctas aguti, Ill.*); o ouriço cacheiro (*Histrix prehensilis*, L.); quatro especies de tatús, —canastra (*Dasypus gigas*, Cuv.), tatú verdadeiro (*Dasipus novemcinctus*, L.) tatú peba (*Dasypus gilvipes, Ill.*), e tatú bola (*Dasypus tricinctus*, Spix.). O tamandoá bandeira e merim (*Myrmecophega jubata et tetradactyla*, L.): duas especies de pácas (*Coelogenys brunea et rufa*, Cuv.). A capivara ou capiuára (*Cavia capibara*, L.); o guaxinim (*Procyon carnivorus, Ill*); o gambá (*Viverna marsupialis*) de duas especies: o saroé ou mucúra (*Didelphis oppossum*, L.) e a preguiça (*Bradypus tridactylus*, L.), que habita ordinariamente nas árvores que bordam as margens dos rios.

Povoavam tambem as antigas matas, e ainda hoje se encontram nas existentes, o jabotí ou kagado (*Testudo tabulata*, L.); diversidade de sapos, entre os quaes destingue-se por seu tamanho o sapo marinheiro (*Caprimulgus grandis*, Neuw.); lagartos de varias especies, em cujo numero nota-se o jacuruarú ou teiú (*Lacerta teguixim*, L.); a aranha caranguejeira ou nhanduassú (*Aranea aviculares*, L.); carrapatos, diversidade de formigas, entre as quaes é o flagello das plantações a denominada formiga de mandioca, conhecida entre os indigenas por *usaubau*; a guajuguajú, a guibuguiburá, isan, upiraipú, tasiburá, e tapiahi, maior que todas, e como ellas assaz incommoda por sua mordedura; e posto que seja fóra de duvida não conter o Brasil. a quantidade excessiva de reptís venenosos que geralmente se suppõe, todavia ha lugares nas mesmas matas em que abundam as jararácas (*Vipera atrox*, L.) de cinco especies, todas do genero Trigonocephalus; a cobra verde (*Caphias bilineatus*, Neuw.), a ibobóca (*Elaps Marcgravii*, Neuw.), a coral (*Elaps corallinus*, Neuw.), e a surucucú (*Lachesis mutus*, Daudin, ou *Crotalus mutus*, L.) mais temida que as precedentes pela violencia do seu veneno, e inimiga capital do fogo, onde muitas vezes parece querer extinguil-o, varrendo-o com o corpo.

Não se limita porém ás especies designadas o ramo da herpetologia d'esta provincia quanto aos orphidacios, pois que, existem fóra das matas virgens outras mais especies, que por isso deixam de ser aqui mencionadas ; e não obstante serem actualmente conhecidos diversos antidotos, assaz proveitosos na mordedura das cobras (88), faria comtudo valioso serviço o governo da provincia, mandando classificar e generalisar a noticia de um arbusto que abunda na comarca do Rio de S. Francisco, e em grande parte da do Rio de Contas, arbusto este conhecido alli pela denominação vulgar de S. João, e cuja raiz é o mais poderoso e efficaz preservativo de semelhante flagello.

Quando em 1825 proseguia em minha viagem por terra á provincia do Pará pela de Goyaz, encontrei-me na povoação Formosa, termo da villa de Santa Rita do Rio Preto, com um individuo de nome Francisco, quasi indio, unico que então possuia o segredo da virtude de tal raiz, e confesso que encheu-me de assombro o que então lhe vi praticar com algumas cobras cascaveis (*Crotalus horridus*, L), que segurava quando mais enfurecidas, e enroscava impunemente pelo corpo, passando por isso por grande *curador de cobras* ; mas nem a cascavel, nem outro algum reptil venenoso incutem agora o menor receio aos habitantes d'aquellas paragens, depois que divulgou o segredo de tal raiz uma mulher, que desde tempos acompanhava aquelle individuo, por occasião de desavir-se com elle.

Criam-se igualmente nas lagôas existentes nas matas, jacarés (*Lacerta alligator*, L.), giboias, (*Boa constrictor*, L.), e até enormes sucuriús (89), (*Boa scytole*, L.),

(88) Notta FF.

(89) Buffon, notando serem os quadrupedes da America assaz pequenos, quando os insectos e os reptis são tamanhos, attribue esse effeito á posição do paiz, onde tudo concorre a carregar o ar de vapores frios e humidos ; á grande quantidade de aguas correntes que, entregues á sua propria impetuosidade, cobrem suas margens, lagôas e pantanos lodosos; e finalmente ás exhalações necessariamente insalubres de uma terra inculta e bruta, cheia de hervas espessas, coberta de abrolhos e matas que jámais abriu o seu seio aos raios vivificos do sol. Caz. Giral. Veja-se a nota GG.

que mais commummente vivem nos rios. Os naturalistas que têm descripto esta serpente, diz o principe Maximiliano (90), têm commenttido erros, confundindo-a com outras. Daudin denominou-a *Boa anacondo* : ella acha-se espalhada por toda a America Meridional, e chega á dimensões extraordinarias em todas as especies d'este genero n'esta parte do mundo. Todas as dimensões, que têm relação á morada das cobras n'agua applicam-se á esta serpente, porque as outras especies de seu genero não vivem senão em terra. A sucuriú ou sucuriúba, pelo contrario, vive constantemente dentro d'agua, e é por conseguinte um amphibio em toda a accepção da palavra.—Prevalecendo pois tal principio, devem reputar-se como especies da sucuriú a boyuna, de disforme tamanho, a araboya, e a tareiboya, de que tratam Gabriel Soares (91), Pison (92), e Laet (93).

Finalmente habitam tambem as matas differentes aves, como o mutum (*Cras alector*) de duas especies —assú e pinima ; o jacú (*Penelope*) ; a jacupemba (*Penelope marail*, L.) ; a jacutinga; (*Penelope leucoptéra*, L.) ; papagaios de diversas especies, entre as quaes nota-se o papagaio verdadeiro (*Psitacus amasonius*) ; o tucano (*Ramphastos tucanus* ou *discoloris*, L.) ; o arassarí (*Ramphastos arassarí*, L.) ; a sabiá da mata (*Turdus rufiventris*), aracuan (*Phasianus garrulus*, Humb.), araras rôxas e azues (*Psitacus macao*, et *araruna*, L.) patos (*Anas moschata*, *L.*), e outros (94).

Havendo pois terminado a informação exigida no ultimo quesito, findarei a presente Memoria com algumas palavras sobre a pretendida degeneração das especies de animaes transportados do antigo para o novo continente.

(90) *Voyage au Brésil*, tom. II, cap. XI.

(91) *Noticia do Brasil*, parte II, cap. 112.

(92) *Guil. Pisonis de Indiæ utriusque re naturali et medica libri quatuor*, etc., ediç. de 1658, pag. 282.

(93) *Historia naturalis Bras.* G. Pisonis.

(94) Entre as differentes obras conhecidas sobre a ornithologia do paiz é certamente digna do maior apreço uma impressa em Lisboa

O abbade Raynal (95), depois de notar que a domesticidade dos animaes fôra, como todas as outras artes uteis, uma invenção da sociedade que talvez exigiu mais talento, mais tempo e mais acasos; e que em nenhuma região da America se achasse entre os indigenas, que a povoavam na épocha da sua descoberta, animal domesticado, continúa, que das especies levadas da Europa, apenas deixára de degenerar o porco (96), cuja perfeição consiste unicamente no engordar, perdendo porém os bois, cavallos e ovelhas, conduzidas pelos inglezes para as colonias septentrionaes da America, muito da sua força e tamanho que tinham no paiz de que eram oriundas, não obstante serem essas especies escolhidas com prevenção. E' sem duvida o clima e a natureza do ar e do solo que se oppoem ao successo da sua transplantação: estes animaes foram, como os homens, sujeitos á molestias epidemicas, e se o contagio não os destruiu, como á especie humana na mesma raiz da geração, muitas especies pelo menos tiveram bastante difficuldade em reproduzirem-se. Em cada geração ellas se abastardaram, e á semelhança das plantas da America transportadas para a Europa, o gado da Europa tem continuadamente degenerado na America. E' a lei dos climas, que quer que cada povo, cada especie vivente ou vegetante, cresça e more no seu paiz natal. O amor da patria parece imposto pela natureza a todos os seres, assim como o da sua conservação.

em 1800, sob o titulo *Aviario Brasilico, ou Galeria ornithologica das aves do Brazil*, por fr. José Mariano da Conceição Velloso, brasileiro que tanto honrou e illustrou a patria com seus importantes e variados trabalhos litterarios, protegido pelo governo animador d'aquelle tempo, á cujas expensas foram publicados todos estes trabalhos. A' tal publicação pois remetto o leitor estudioso que desejar conhecer as outras especies de aves, cuja designação se omitte na presente *Memoria*, por não transcender dos limites que lhe são prescriptos.

(95) *Hist. polit. et philosoph.* cit., liv. XVIII, cap. XVIII.

(96) M. Calm nem ao menos fez esta excepção, enunciando que na quarta geração não ha quasi comparação alguma entre as producções do gado vaccum, cavallar e suino, e seus primeiros pais, quanto ao seu tamanho e força! *Hist. nat. et polit. de la Pensilvania*, pag. 86 e 87.

Não se limitou porém aos quadrupedes sómente (97) essa idéa de degeneração, que adquiriu maior vulto depois de sanccionada pelo grande Buffon, sobresahindo M. de Paw em fazer dos americanos o quadro mais degradante e phantastico. Na opinião d'este escriptor: a natureza, tirando tudo a um hemispherio para dal-o a outro não collocou na America senão meninos, que ainda não ha sido possivel tornar homens. Uma insensibilidade estupida constitue o fundo do caracter de todos os americanos (98); sua preguiça impede-lhes o ser attentos á instrucção, e nenhuma paixão tem bastante poder para abater-lhes a alma, ou eleval-os acima d'ella mesma. Superiores aos animaes por terem o uso das mãos e da lingua, elles são realmente inferiores ao menor dos europêos, e debalde no espaço de tres seculos se tem ensaiado sobre elles toda a especie de cultura, pois que ainda nenhum ha podido chegar a adquirir um nome nas sciencias, artes e officios (99). Garcilasso de la Vega, aventurando-se a escrever a historia de seu paiz, produziu uma obra tão indigesta e miseravel, que em vão tentaram redigil-a e pôl-a em ordem MM. de Baudoin, Ricaul e outros; não contendo uma só phrase da original a *Historia dos Incas* que appareceu em Paris em 1744, e se attribue ao mesmo Garcilasso; de sorte que se ha chegado ao

(97) O profundo Humboldt, julgando superfluo refutar as asserções arriscadas de Buffon sobre a pretendida degeneração dos animaes domesticos, introduzidos em o novo continente, accrescenta que essas idêas propagaram-se facilmente, porque, lisongeando-se a vaidade dos europêos, ligavam-se tambem á hypotheses brilhantes sobre o antigo estado do seu planeta. *Essai polit. sur la Nouvelle Espagne*, tom. III, pag. 224.

(98) *Recherches philosophiques sur les Américains*, tom. II, pag. 141.

(99) Bem differentes porém d'esta generalidade escreveram outros a respeito dos indigenas do Brasil.

Le Brésilien est une animal qui n'a pas encore atteinte le complément de son espèce: c'est un oiseau qui n'a ses plumes que trop tard; une chenille enfermée dans sa sève, qui ne sera papillon que dans quelques siècles. Il aura peut-être un jour des Newtons et des Lockes. —*Bibliothèque de l'Homme Public*, tom. XIV, pag. 95.

ponto de affirmar ousadamente que os crioulos da quarta e quinta geração têm menos genio e capacid de para as sciencias do que os verdadeiros europêos » Cumpre observar que tudo isto se escrevia e publicava em 1771 !

Prescindindo pois de gastar tempo em confutar paradoxos de tamanho calibre, devo porém acrescentar que o antiquario e exacto investigador Gabriel Soares não se esqueceu de referir a espantosa multiplicação das ovelhas e cabras que recebeu a Bahia, e tratando das eguas assegura que as nascidas e criadas na provincia «são tão formosas como as formosas e melhores da Hespanha, das quaes nascem formosos cavallos (100). Se um certo numero d'estes quadrupedes, e de alguns outros transportados do antigo para o novo continente, nota M. de la Roquette, não têm adquirido o mesmo desenvolvimento, não procede essa especie de decrescimento de serem o clima e solo da America menos favoraveis á força e á perfeição do genero animal, nem de que a natureza seja ahi menos fecunda e menos vigorosa; mas sim, unicamente, do pouco cuidado que na mesma America se tem tido dos animaes para ella conduzidos, os quaes têm sido abandonados a si proprios a maior parte do tempo. Teria acontecido outro tanto na Europa em circumstancias semelhantes, e poder-se-iam citar muitas regiões d'esta parte do mundo, onde os quadrupedes são tão pequenos como as especies semelhantes na America, e pelo mesmo motivo que os têm feito decrescer n'este ultimo continente, pois é reconhecido que a maneira de criar e pensar os animaes, e o cuidado que d'elles se toma, concorrem muito para o melhoramento das raças.

(100) *Noticia do Brasil*. Veja-se a nota GG.

NOTAS

A

O erudito Antonio Ribeiro dos Santos, escriptor da famosa memoria —*Do conhecimento que era possivel ter da existencia da America pela tradição dos antigos e por motivos philosophicos*—, acrescenta n'uma das suas notas : « Strabão, que não costuma facilmente acreditar as noticias das antigas navegações, comtudo sobre a existencia d'este continente diz no liv. III da sua *Geographia*, que já póde ser que não fosse fabuloso. »

E' tambem digno de ver-se sobre a existencia da Atlantida o conde Carli, *Cartas Americanas*, tom. II, cartas 36, 37 e 38 ; e não será desagradavel addicionar aqui uma observação physica que não é vulgar, e póde servir de tornar mais verosimil a antiquissima existencia d'aquelle grande continente, e persuadir que é parte restante d'elle o novo mundo. Olhando nós desde a bocca do Rio Grande do Brasil, até a ponta do cabo do Tangrin, na costa africana de Malagueta, por uma linha que faça um angulo com o Equador de 30 a 35 gráos, vêm-se n'ella pela grande extensão do mar Atlantico claros vestigios de haver quasi desapparecido, ou por innundações, ou por outras causas semelhantes, um grande continente ; por que n'esta mesma linha se descobre uma continuação de ilhotas, picos e baixos, demonstradores da antiga existencia de uma vastissima região ; o que bem mostra M. Buache nos mappas que publicou, e depois reimprimiu o já citado Carli nas suas cartas estampadas em Cremona em 1785.

Ainda se póde juntar a esta autoridade a de Bory de Saint-Vincent, nos seus—*Ensaios sobre as ilhas Fortunatas*, onde fallando da subversão de um grande continente no mar Atlantico, não sómente traz o argumento da tradição da mais remota antiguidade, mas tambem o que se

deduz do estado physico das ilhas Canarias, e das outras Atlanticas, que parecem ser restos do antigo continente, submergido pelos effeitos reunidos da violencia do oceano e das irrupções volcanicas, sendo provas d'isto a pouca profundidade que ha n'aquelles mares, e as muitas ilhas e ilhotas que n'elles se observam.

B

O mencionado A. Ribeiro dos Santos refere ser para o Brasil, e particularmente para a Parahyba do Norte, que se inclinavam alguns dos muitos escriptores que aponta na citada memoria. Ha quem applique para aqui, diz elle, o lugar de Isaias, no cap. 18, vs. 1, em que falla da terra além da Ethiopia, depois da qual ha uma terra de gente terrivel, pisada dos pés (*antipodas*), a quem os grandes rios roubaram muito terreno, a qual enviava de uma parte para outra os seus vasos e embarcações, e canôas de uma só peça de madeira cavada, ou feitas das cascas e cortiças das arvores: assim o entenderam José da Costa, tão versado nas escripturas sagradas e na historia natural das Ilhas occidentaes, os doutissimos fr. Luiz de Leão, Thomaz Rosio, Arias, Montano, Martin del Rio, e singularmente o nosso Vieira em sua engenhosa e caprichosa *Historia do Futuro*.

C

« Outros disseram que estes primeiros povoadores foram d'aquellas gentes de hebrêos, os quaes o sabio Salomão costumava enviar em suas náos do mar Vermelho á região chamada de Ophir, em busca de ouro, páos preciosos, simios e cousas semelhantes; e tem para si que esta região de Ophir é a da America, especialmente o Perú, o Mexico e Brasil. E esta opinião parece a alguns muito provavel, e como tal a defende com forçosos argumentos o padre João de Pineda, de nossa companhia, *De rebus Salomonis*, liv. 4, cap. 16 fol. 214,

retratando o parecer contrario, que tinha seguido seus commentarios sobre Job. Não com menos efficacia a defende o padre fr. Gregorio Garcia, da sagrada religião de S. Domingos, no liv. 4° de *Indorum occidentalium origine*, e allega por si os autores seguintes: Vatablo sobre o 3° livro dos Reis, cap. 9 (e foi o primeiro defensor d'esta opinião), Postello, Goropio, Arias, Montano, Genebrardo, Marino Lixiano, Antonio Possevino, Rodrigo Yepes, Bosio, Manoel de Sá, e outros referidos pelo padre Pineda no lugar citado.

E na verdade os fundamentos que trazem por si estes autores fazem a cousa muito verosimil, porque ninguem póde negar que o grande sabio Salomão em sua alta sabedoria teve conhecimento da disposição de todas as terras do mundo, como elle o diz no cap. 7° da Sabedoria: *Ipse dedit mihi horum, quæ sunt, scientiam veram, ut sciam dispositionem orbis terrarum, et virtutes elementorum.* Pois se tinha conhecimento do mundo, e sabía conseguintemente os thesouros das riquezas da America, especialmente da Maldivia, Perú, Chile, e as da terra do Brasil, e tinha tão grande desejo de ajuntal-as para a obra do templo de Deus, que trazia entre mãos; porque não mandaria em busca d'ella ás partes sobreditas, mórmente tendo só para este effeito fabricado grossa armada nos portos do mar Vermelho, com gente do mar destra, instruida por elle, como por mestre de todas as artes? E correndo esta de tres em tres annos o mundo em busca d'estas drogas, porque não poderia n'este tempo penetrar tambem estas ultimas terras do Occidente?

Nem para isto o acobardariam carrancas dos antigos philosophos, de que não eram navegaveis estes mares, nem habitaveis estas terras; porque teve sciencia infusa da arte da cosmographia e hydrographia, como de todas as mais sciencias. Nem a viagem era das mais difficultosas, por isso que partindo, como costumavam suas armadas, do mar Vermelho, vinham correndo aquella parte da India oriental, costeando Malaca e Sumatra, e d'aqui direitas á ilha de S. Lourenço, d'esta ao Cabo da Boa Esperança, e d'ahi caminho direito ao Brasil, e d'este finalmente, correndo a costa, buscando as ilhas de Cuba, S. Domingos, Hispaniola,

e d'ellas os reinos de Perú e Chile. Na mesma fórma pinta a viagem d'estas náos Genebrardo.—*Opportuit*, (diz elle) *solventis ex mari Rubro, et aliqua Indiœ orientalis parte perlustrata, attactis Malaqua, Sumatra, recta deinde contendere ad insulam Sancti Laurentii ex quad ad Caput Bonœ Spei, inde ad Brasiliam: atque legentes illam Brasilœ oram, tangere Cubam et insulam Sanctii Dominici Hispanam, ex qua tandem pateret accessus ad Mexicanas oras.* E muito menos ha de distancia do Cabo da Boa Esperança á costa do Brasil, e d'ahi á da Nova Hespanha, que á de Hespanha antiga, Africa e Phenicia onde commummente dizem os autores chegavam as náos de Salomão, como se deixa ver do computo dos gráos » Vasconcellos, *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brasil.*

D

Grande peninsula ao N E da Tartaria chineza, sobre a costa do S E da Siberia, que é a do N E da Asia. Da ponta meridional d'esta peninsula parte uma cadêa das ilhas chamadas Kurilas: ella se inclina quasi ao S S O, e vai n'esta direcção reunir-se ao N do Japão, de quem é separada pelo estreito de Sangaar. O Kamtschatka é banhado ao O pelo mar de Ochotsk ou mar de Lama, a E pelo grande Oceano septentrional, no qual se acham as ilhas Aleucianas, e ao N une-se ao paiz dos Coriakes. Parece natural collocar o isthmo que junta esta peninsula ao continente onde elle mais estreita, como na altura da ilha Caragui, pelos 59° 25' lat. N. segundo M. de la Perouse: com tudo porém dicta a exactidão geographica que o golfo de Penzina ao O, e o de Otutora a E, prolongando-se de ambas as partes de uma lingua de terra mais ao N, poderáõ justificar a opinião d'aquelles que dão ao Kamtschatka uma extensão mais boreal que a determinada. Chama-se mar de Kamtschatka todo o espaço comprehendido entre as Kurillas e a ilha Seghalien, e fica no meio da costa oriental da peninsula o porto de Kamtschatka, onde os russos se estabeleceram nos

principios do seculo passado. O de Petropaulovsk ou Awatcha, que está mais ao meiodia sobre a mesma costa, é o mais frequentado, e contam-se mil e quatrocentas leguas de Kamtschatka a Moskou.

Veja-se Grandpré, *Dict. de Geog. marit.*

E

Segundo o famoso geographo Balbi, os *Esquimáos* formam uma nação pouco numerosa, mas espalhada em toda a extremidade boreal do novo mundo, e dividida em cinco ramos principaes, a saber: os *Caralis*, chamados commummente *Groenlandezes*, porque occupam as solidões da Groenlandia; os *Esquimáos* propriamente ditos, sobre a costa do N E do Labrador, que são os mais meridionaes e os menos incultos; os *Esquimáos* do occidente, que vagam junto ás embocaduras do Mac Kenzie e dos Copper Mine, nos arredores do cabo Dobb, nos de Repulse Bay, na peninsula de Melville, nas costas das ilhas do Inverno, Iglooliki, Southompton, e outras que formam o archipelago de Bassin-Parny. Ao ramo groenlandez pertence a povoação dos *Esquimáos* descobertos nos Arctic-Highlands pelo capitão Ross.

Acha-se hoje inteiramente reconhecido que os *Esquimáos* da America em nada differem dos *Groenlandezes*, e que elles todos constituem um só povo e uma só raça de homens, cujo idioma, instincto, costumes e figura são perfeitamente semelhantes. La Peyrere tinha ascripto no seu tempo, sem a menor prova, que a lingua que se falla na Groenlandia não era entendida pelos selvagens que habitam ao occidente do estreito de Davis; Anderson repetiu a mesma opinião, de sorte que todos os sabios de Dinamarca e da Suecia estavam n'essa preocupação; mas em 1764 um missionario dinamarquez, que aprendêra a fundo o groenlandez, instado por M. Hugn Palliser, governador da Terra Nova, emprehendeu a viagem á America Septentrional, penetrou até o Labrador, e depois de muitas excur-

sões encontrou, em o dia 4 de Setembro do mesmo anno, um grupo de duzentos *Esquimáos*, aos quaes fallou em groenlandez, e foi por elles perfeitamente entendido e correspondido na mesma lingua, que é o idioma nacional do seu paiz. Disseram-lhe que ignoravam serem conhecidos por *Esquimáos*, pois que o nome generico da sua nação era *Innuit* ou *Karalit*, denominação esta que segundo o bispo Egede (101), é a mesma que se dão os *Groenlandezes*, e que significa *homens*, sendo corrupção a do *Skralings* ou *Skrelingers*, que se encontra nas antigas relações ácerça d'estes povos.

M. de Paw, sectario da idéa de ter sido a Groenlandia povoada primitivamente não por dinamarquezes, nem por *Islandezes* ou *Noruegianos*, mas sim pelos *Americanos*, que já alli existiam desde antes do anno 700 da era cristã, e de fazer esse paiz parte do continente da America e não da Europa ou da Asia, sustenta (102) ser destituida de difficuldades a passagem d'esses *Americanos* para aquelle paiz—ou effectuando-a pela terra firme, costeando a ponta da bahia de Bassins, entre os 79 e 80' lat, quando ainda não tinham as aguas rompido e aberto a ponta d'esse golfo, ou atravessando em suas canôas de pelles alcatroadas o estreito de Davis, que tem trinta leguas de largo defronte da ilha Disco, e que além d'esta altura nem chega a ter duas milhas de mar de uma á outra parte. Viagens muito maiores e mais arriscadas fazem annualmente os habitantes de Labrador, os *Samoyedas*, e outros povos pescadores

F

Outro tanto porém não acontecerá a respeito da parte da America Septentrional que se prolonga ao sul da bahia de Chesapeak, e contém em si as duas Carolinas, a Georgia e a Florida. Conforme o Sr. Rafn na *memoria* citada os *Esquimáos* que habitavam, ha mais de oitocentos annos, na visinhança de Vinlandia, affirmavam que no paiz fronteiro vivia outro povo, que trajava vestes todas brancas ; paiz esse

(101) *Hist. naturelle de Groenlande.*

(102) *Recherches philosoph. sur les Américains*: tom. I, part. III, sect. I.

que se julga ser o *Hvitramannaland* (terra dos homens brancos), tambem chamada *Irland it Mikla* (Grande Irlanda), que deve ser aquella parte da America. Entre os indios *Shwanezes*, que emigraram da Florida ha quasi um seculo, e acham-se actualmente residindo no estado do Ohio, corre a tradição que a mesma Florida era em outro tempo habitada por um povo branco, que fazia uso de instrumentos de ferro; e a julgarmos d'esta tradição segundo os antigos documentos, devia ser uma colonia christã de *Irlandezes* que alli se estabeleceu em principios do anno 1000 da nossa era.

G

M. Ferdinand Denys considera esta tribu como a nação sagrada dos primitivos aborigenes, pela denominação generica que a distingue. Convém saber-se, que *maracá* é o nome dado ainda hoje ao fructo da coloquintida, enfeitado com pennas de côres variegadas, contendo sufficiente porção de grãos ou de pequenos seixos para chocalhar, de que usam os payés nos seus curativos e outros actos supersticiosos, como observei por algumas vezes em diversos lugares da provincia do Pará. N'essas occasiões é empregado o maracá como emblema symbolico da divindade, e os payés não só tremem com a voz nos seus cantos, e ficam estaticos por intervallos, mas até fazem contorsões musculares pasmosas.

E' a esse mesmo instrumento que na America do Norte se dá o nome de *chichikue*, e posto que os illustrados Martius e Spix não lhe attribuam valor symbolico entre os indios que o possuiam, talvez por não terem assistido a nenhum d'aquelles actos, a que poucos estranhos á classe indiana são admittidos, comtudo são dignos de serem consultados, sobre as qualidades mysteriosas e sagradas do maracá entre os *Tapuias* e *Tupís*, Hans Stade, Lery, Pison, Claudio d'Abbeville, Roulox Baro, Koster, o principe Maximiliano, e Saint-Hilaire em sua segunda viagem.

Eis como o antiquario Gabriel Soares se exprime fallando dos *Maracás*, *Tapuias*, *Amoipirás* e *Ubirajarás*.

« Até agora tratamos de todas as castas de gentio que vivia ao largo do mar da costa do Brasil, e de algumas nações que vivem pelo sertão de quem tivemos noticia; e deixámos de fallar dos *Tapuias*, que é o mais antigo gentio que vive n'esta costa, do qual ella foi em todo senhoreada da bocca do Rio da Prata até o rio Amazonas, como se vê do que está hoje povoado e senhoreado d'elles, porque da banda do Rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de cento e cincoenta leguas, e da parte do rio Amazonas senhoream para contra o sul mais de duzentas leguas, e pelo sertão vem povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio, nomeadas desde o Rio da Prata até o Amazonas, e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, d'onde por espaço de tempo foram lançados de seus contrarios, por se elles dividirem e inimizarem uns com os outros, por onde se não favoreceram, e os contrarios tiveram forças para pouco a pouco os irem lançando da ribeira do mar, de que elles eram possuidores.

« Como os *Tapuias* são tantos, e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer d'elles muito era necessario de proposito e de vagar tomar grandes informações de suas divisões vida e costumes; mas pois ao presente não é possivel, trataremos de dizer dos que visinham com a Bahia, sobre quem se fundaram todas estas informações de suas divisões, vida e costumes, que n'este caderno estão relatadas, começando logo que os mais chegados *Tapuias* aos povoadores da Bahia são uns que chamam de alcunha os *Maracás*, os quaes são homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até as orelhas e copado, e as mulheres os cabellos compridos e atados atraz; o qual gentio falla sempre de papo, tremendo com a falla, e não se entende com outro nenhum gentio, que não *Tapuia*. Quando estes *Tapuias* cantam, não pronunciam nada por ser tudo garganteado, mas a seu modo, e são entoados, e prezam-se de grandes musicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar.

São estes *Tapuias* grandes flecheiros assim para a caça, como para seus contrarios, e são muito ligeiros e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em corpo e a descoberto, mas pouco amigos de abalroar cercas; e quando dão em seus contrarios, se se elles recolhem em alguma cêrca, não se detêm muito em cercar, antes se recolhem logo para suas casas, as quaes têm em aldêas ordenadas, como costumam os *Tupinambás*.

«Estes *Tapuias* não comem carne humana, e se tomam na guerra alguns contrarios, não os matam, mas servem-se d'elles como se de seus escravos, e por taes os vendem agora aos portuguezes, que com elles tratam e communicam. São estes *Tapuias* muito folgazões, e não trabalham nas roças como os *Tupinambás*, nem plantam mandióca, e nem comem senão legumes que as mulheres lhes plantam e grangeam em terra sem mato grande, a que poem fogo para fazerem suas sementeiras; os homens occupam-se em caçar, a que são muito afeiçoados. Costuma este gentio não matar a ninguem dentro de suas casas, e se seus contrarios, fugindo-lhe da briga, se recolhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhes nenhum aggravo, por mais irado que estejam, e esperam que saiam para fóra, ou se lhe passe a ira, e aceitam-nos por escravos, ao que são mais afeiçoados que a matal-os, como lhe fazem a elles.

« São os *Tapuias* contrarios (103) de todas as nações de todo o gentio por terem guerra com ellas, ao tempo que viviam junto do mar, d'onde por força de armas foram lançados; os quaes são homens de grandes forças, andam nús como o mais gentio, e não consentem em si mais cabellos que os da cabeça, e trazem os beiços furados e pedras n'elles como os *Tupinambás*. Estes *Tapuias* são conquistados pela bandas do rio de Sergipe dos *Tupinambás*, que vivem por aquellas partes, e por outra parte os vêm saltear os *Tupinaes*, que vivem da banda do poente, e vigiam-se ordinariamente uns dos outros, e está povoado d'este genio por esta banda cincoenta ou sessenta leguas de terra, entre as quaes ha umas serras,

(103) E' d'aqui que lhes foi imposta a denominação de *Tapuias* que significa inimigo pelas numerosas tribus que os cercavam ignorando-se hoje qual fosse o nome primitivo porque eram conhecidos.

onde ha muito salitre e pedras verdes, de que elles fazem as que trazem mettidas nos beiços por bizarria.

« Tem os *Amoipirás* a mesma linguagem dos *Tupinambás*, e a differença que tem é em alguns nomes proprios, que no mais entendem-se muito bem, e tem os mesmos costumes e gentilidades, mas são mais atraiçoados, e de nenhuma fé nem verdade.

« Na terra onde este gentio viver ha muita falta de ferramentas, por não terem commercio com os portuguezes ; e apertados da necessidade cortam as arvores com umas ferramentas de pedra que para isso fazem, com que ainda e com muito trabalho roçam o mato para fazerem suas roças, do que tambem se aproveitavam antigamente todo o outro gentio, antes que se communicasse com a gente branca.

« E para plantarem na terra sua mandioca e legumes cavam n'ella com uns páos tostados agudos, que lhes servem de enxadas. Os *Amoipirás* ; trazem o cabello da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como os *Tupinambás* : pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhes servem de anzóes, com que matam muito peixe e á flecha, para o que são mui destros, e para matarem muita caça.

« Trazem os *Amoipirás* os beiços furados e pedras n'elles como os *Tupinambás*, pintam-se de genipapo e enfeitam-se com elle. Usam na guerra tambores, que fazem de um páo que cavam por dentro com fogo, tanto até que fica delgado, os quaes toam muito bem ; na mesma usam de trombetas, que fazem de uns buzios grandes furados, ou de cana das pernas das alimarias que matam, a qual lavram e engastam em um só páo Em tudo o mais seguem os costumes dos *Tupinambás* assim na guerra como na paz, dos quaes fica dito largamente no seu titulo Estes *Amoipirás* têm por visinho no sertão detraz de si outro gentio, a que chamam *Ubirajarás*, com quem têm guerra ordinariamente, e se matam e comem uns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas quando se captivam.

« Pelo sertão da Bahia além do Rio S. Francisco partindo com os *Amoipirás* da outra banda do sertão, vive uma certa nação de gente barbara, a que chamam *Ubirajarás* que quer

dizer senhores dos páos, os quaes se não entendem na linguagem com outra nação alguma do gentio: tem continua guerra com os *Amoipirás*, e captivam-se, matam-se e comem-se uns aos outros sem nenhuma piedade.

« Estes *Ubijararás* não viram nunca gente branca, nem têm noticia d'ella, e é gente muito barbara, da estatura e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos, assim os machos como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos, que em lhes nascendo os não arranquem. »

« Fazem estes *Ubijararás* suas lavouras, como fica dito dos *Amoipirás* e pescam no rio com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem, em que lhe cahem facilmente

« A peleja dos *Ubirarajás* é a mais notavel do mundo, porque a fazem com uns páos tostados muito agudos, do comprimento de tres palmos pouco mais ou menos cada um e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes, que são tão certeiros com elles, que não erram tiro, com o que tem grande chegada, e d'esta maneira matam tambem a caça que, se lhe espera o tiro, não lhe escapa. Com estas armas se defendem de seus contrarios, tão valorosamente como seus visinhos com arcos e flechas, e quando vão á guerra leva cada um seu feixe d'estes páos, com que peleja; e com estas armas são mui temidos dos *Amoipirás*, com os quaes têm sempre guerra por uma banda, e pela outra com umas mulheres, que dizem ter uma só têta, que pelejam com arcos e flechas, e se governam e regem seus maridos, como se diz das Amazonas, dos quaes não podemos saber mais informações, nem da vida e costumes d'estas mulheres, de que muito desejariamos dizer, se o podessemos alcançar. » *Noticia do Brasil.*

H

Tupin-Imbas ou *Tamoyos*, lê-se no *Ensaio Economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*, excellente escripto do douto bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. João Lery, francez e companheiro da Nicoláo Du-

rand de Villegaignon, no Rio de Janeiro, onde se demorou por mais de onze mezes, tambem menciona os *Tupinambás* como visinhos d'aquelle continente (104), e sabe-se que ao tempo da descoberta do Brasil occupavam os *Tamoyos* toda a costa que vai desde o cabo de S. Thomé até Angra dos Reis, os quaes mantendo continua guerra com todas as mais tribus indigenas, apenas eram amigos dos *Tupinambás*, de quem se diziam parentes, e cujos usos e costumes conservavam, differindo até muito pouco no idioma. Estas considerações justificam de algum modo a opinião de formarem a principio ambas essas tribus uma só nação, dividindo-se pelo tempo adiante, como aconteceu a respeito das mais nações dos aborigenes primitivos.

I

« Notavel e admiravel foi a attenção com que os indigenas assistiram ao acto de religião, pondo-se de joelhos, e imitando por acções semelhantes o que viam fazer aos seus hospedes. Quando terminou a missa, deram signaes de alegria e complacencia, cantando, dansando, batendo palmas, tocando cornetas, e atirando ao ar as suas settas, levantando as mãos aos céos, como em acção de graças por serem visitados por tão pacifica e pia gente estrangeira. —Silva Lisboa, *Hist. dos principaes successos do Brasil*, parte 1.ª cap. VII.

O Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa que acaba de enriquecer a litteratura nacional com o seu poema *A Independencia do Brasil*, obra de bastante erudição, engenho e patriotismo, não omittiu esse facto nas seguintes e bellissimas estancias CLXVII e CLXVIII do canto II.

(104) *Alium vero, o bone, fratres tuos mactavi et buccanavi; tot denique viros, fœminas, puerulosque, ex vobis Toupinambaoultiis in bello a me captos devoravi, ut numerum assequi non possim.* Lery, *Historia navigationis in Brasiliam*, cap. 14.

Com as armas reaes foi levantado
Aqui da redempção o signal santo:
Da missa o sacrificio celebrado
Alli se viu com acatamento tanto!
O selvagem da terra então prostrado
Assistiu... ah! que vel-o era um encanto!
Adorando de um Deus desconhecido
Um mysterio por elle não sabido.

Oh Deus de paz, de amor, oh Deus eterno!
Santo nome que ouvindo exulta o mundo,
E de susto estremece o negro inferno.
Medonho em seus tormentos e iracundo!
Teu poder e teu nome sempiterno
Quem não ha de adorar venerabundo
Que o selvagem em tão ampla liberdade
Sentiú a tua immensa magestade!

Conf. Barros, Dec. 1ª, liv V, cap II, e a *Naveg. de Pedro Alvares Cabral.* Cap. II.

Já fica dito, escreve Gabriel Soares, como o gentio *Tupiniquim* senhoreou e possuiu a terra da costa do Brasil ao longo do mar, do rio de Camamú até o do rio Cricaré (105), o qual tem agora despovoado toda esta comarca, fugindo dos *Tupinambás* seus contrarios, que os apertaram por uma banda, e aos *Aymorés*, que os offendiam por todas: pelo que se affastaram do mar, e fugindo ao máo tratamento que lhes alguns homens brancos faziam, por serem pouco tementes a Deus; e pelo que não vivem agora junto ao mais que os christãos de que só faremos menção. Com estes gentios tiveram os primeiros povoadores das capitanias dos Ilheos e Porto-Seguro, e da do Espirito Santo nos primeiros annos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam grandes damnos; mas pouco tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram bem e guardaram de parte a parte, e desde então foram os *Tupiniquins* muito fieis e verdadeiros aos portuguezes.

Este gentio e os *Tupinaes* descendem todos de um tronco.

(105) Hoje Rio de S. Matheus.

e não se têm por contrarios verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras, os quaes *Tupinaes* lhe ficavam nas cabeceiras pela banda do sertão, com quem a maior parte dos *Tupiniquins* agora estão misturados, e este gentio é da mesma côr baça e estatura que o outro gentio de que falámos, o qual tem a linguagem, vida, costumes e gentilidades dos *Tupinambás*, ainda que são seus contrarios, em cujo titulo se declarará mui particularmente tudo o que se pôde alcançar.

« Ainda que são contrarios os *Tupiniquins* dos *Tupinambás*, não ha entre elles na lingua e costumes mais differença da que tem os moradores de Lisboa dos da Beira, mas este gentio é mais domestico e verdadeiro que todo o outro da costa d'este Estado ; é gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos portuguezes contra os *Aymorés*, *Tapuias* e *Tamoyos*, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto do mar e das nossas povoações, com quem visinham muito bem, os quaes são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros ; são valentes homens, caçam, pescam, cantam e bailam como os *Tupinambás*; e nas cousas da guerra são mui industriosos e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.—*Noticia do Brasil*, cap. XXXIX.

J

Refere o conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, em sua *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéos*, publicada no tom. 9.° das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, que essa submissão tivéra lugar depois de uma crua guerra ; mas não só repugna isto a idéa de haver na villa dos Ilhéos tocado de passagem Mem de Sá, quando ia muito adiante cumprir ordens régias que não admittiam delonga ; mas até concorda a geral e sempre constante tradição de haverem bastado para essa pacificação as maneiras doces e caracter benefico d'aquelle governador. Creio até que o illustre escriptor confundiu os *Tupiniquins*

com os *Aymorés*, a quem o mesmo governador castigou n'aquella villa, quando em fins de Novembro de 1565 seguiu da capital da provincia em sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, como mencionei no 1° vol. pag. 76, das *Mem. Hist. e Polit. da Bahia.*

K

O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, infatigavel archeologo e distincto litterato brasileiro, mostra exuberantemente em suas *Reflexões criticas* publicadas no 5° vol. da *Collec. de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, ser Gabriel Soares de Sousa, de quem igualmente trata o abbade Barbosa (106), o autor da interessante *Noticia do Brasil*, cujo manuscripto é algumas vezes citado por Ayres do Cazal e pelo Dr. Martius como obra de Francisco da Cunha Dezesete annos residiu Gabriel Soares no Brasil, possuindo até n'esta provincia um engenho de fabricar assucar, segundo elle mesmo o declara no corpo d'essa obra, dedicada ao conselheiro de Estado D. Christovão de Moura, em Madrid, no 1° de Março de 1589 E' de lastimar porém que um escripto tão precioso, pela vastidão de noticias que revela d'aquellas eras afastadas, seja impregnado de erros em infinitos nomes proprios, que por isso não pouco embaraçam actualmente, defeito esse proveniente sem duvida dos copistas diversos que teve antes de ser impresso pela primeira vez em 1825, e de circular sob differentes titulos.

L

Assim o affirma Gabriel Soares, cap. XXXII da *Noticia do Brasil*, a quem seguiu Southey (107); mas o illustre viajante principe Maximiliano contesta semelhante assertiva, assegurando, que de todas as tribus indigenas do Brasil nenhuma certamente ha que não possua o talento da natação,

(106) *Biblioth. Lusit.* tomo II, pag. 321.
(107) *History of Brazil*, tom, pag. 282

sendo preciso, para que os *Aymorés* apresentassem semelhante excepção, que elles vivessem em um deserto arido e absolutamente desprovido d'agua; e que essa opinião de Southey, copiada de outros escriptores, provém de não terem os mesmos *Aymores* canôas como as outras tribus, e servir de abrigo aos seus ataques qualquer rio de rapida corrente (108) Pelo menos é certo que a pequena navegação dos *Botocudos* data de sua communicação com os soldados da divisão de S. Miguel, no Jequitinhonha, de que era commandante Julião Fernandes Leão.

O rio Jequitinhonha, que sahe no oceano em 15° 50' lat., tendo apenas na sua foz dez a doze pés d'agua nas grandes marés, nasce na serra da Pedra Redonda, cerca de oito leguas a oésudoéste da cidade do Serro, e começa a ser navegavel para canôas na povoação de Tocoyós, distante da embocadura noventa e seis leguas, depois de ter recebido o ribeirão de S Gonçalo. De Tocoyós até S. Miguel contam-se perto de trinta e quatro leguas; adiante da sua origem inclina-se para o nordéste, e recebe pela margem direita o ribeirão Mocaúba e o Itucambira, o rio Vaccaria, o ribeirão Salinas; e adiante pela margem opposta o rio Arassuahy, que póde ser navegavel por espaço de quarenta leguas. Com este ultimo confluente engrossa o Jequitinhonha, e dão-lhe a denominação de Rio Grande, denominação que perde no Salto Grande, d'onde por diante ainda é hoje vulgarmente conhecido por Belmonte, nome de uma pequena villa que fica no angulo septentrional da sua foz.

Os rochedos que existem entre Tocoyos e a povoação de S. Miguel difficultam a navegação das canôas, sem todavia obrigarem a descarregal-as; mas de S. Miguel para baixo é indispensavel essa operação em tres lugares; isto é, na cachoeira do Inferno, vinte oito leguas adiante de S. Miguel; no Salto Grande, onde as aguas despenham-se de uma altura que se estima ser de vinte braças, formada por dois grandes morros da cordilheira dos Aymorés, por onde rompeu o rio, cujo fracasso ouve-se á distancia de quatro leguas; e finalmente na Cachoeirinha, dezoito leguas distante

(108) *Voyage au Brésil, traduit par Eyriès,* tom. II, chap. XII.

do oceano. N'esta catadupa e na primeira é bastante descarregar as canôas para fazel-as passar; mas na do Salto Grande arrastam-se por terra, e, não obstante esses embaraços, gastam-se apenas oito dias na descida de S. Miguel até a villa de Belmonte, e dezoito a vinte na subida.

Oito leguas acima de sua foz communica-se o Jequitinhonha com o Patipe, pelo canal impropriamente denominado Rio da Salsa, que recebeu alguns melhoramentos na administração do conde, depois marquez de Palma. O primeiro explorador do Jequitinhonha por parte da Bahia foi o capitão-mór de Porto Seguro João da Silva Santos em 1804, de ordem do governador D. Fernando José de Portugal, e chegou, depois de dois mezes de viagem trabalhosa, oitenta leguas acima da villa de Belmonte, onde encontrou outros colonos enviados de Minas Geraes (109), cuja assembléa legislativa no orçamento de 1844 consignou 20:000$ rs. para abrir a barra e melhorar a navegação d'este rio, summamente interessante por todos os titulos.

M

Com referencia ao manuscripto *Descripção geographica da America Portugueza* (de Gabriel Soares) lê-se na *Corographia Brazilica* (110), que os *Abatirás* causaram graves destroços á villa de Porto-Seguro. Esta horda porém nem é mencionada por nenhum dos antigos escriptores, nem é conhecida desde muitos annos; e com ajustado criterio conclue Ayres do Casal pertencer á tribu dos *Aymores*, ou ser por tal denominação que os *Tupiniquins* os designavam em geral.

O bispo Azeredo Coutinho não se esqueceu de mencionar (111) que os *Aymoirés* são hoje conhecidos por *Gamellas*

(109) *Mem. Hist. e Polit. da Bahia*, toms. I e II: Milliet de Saint-Adolphe, *Dicc. Geog. do Brasil.*

(110) Tom. II, pag. 74.

(111) *Ensaio. Econom.* cit., pag. 90. Veja-se igualmente sobre a materia d'esta nota a *Corographia Paraense*, ou *Descripção. phys. hist. e polit. da provincia do Grão-Pará*, bem como o *Patriota*, segunda subscripção, n. 5, pag. 40.

e com effeito por essa denominação distinguem-se no Pará os que vagueam pelas cabeceiras dos rios Capim e Gurupí, bem como pelo territorio de Pastos-Bons, provincia de Piauhy, com alguns dos quaes já domesticados pratiquei na villa Carolina e povoação de S. Pedro d'Alcantara, no rio Tocantins. D'esta sorte pois o appellido de *Coroados*, pelo qual diz o Sr. coronel José Joaquim Machado de Oliveira serem actualmente designados os mesmos *Aymorés*, segundo vê-se na sua *Memoria* publicada no tom. VI da *Revista trimensal*, talvez não passe de um d'esses inventos muito triviaes no escriptor francez Beauchamp, alli citado.

Pelos menos é sabido que por tal denominação de *Coroados* apenas se conhecem agora os *Cauanés*, tribu em outro tempo poderosa, cujos descendentes occupam, entre differentes lugares da provincia de Mato Grosso, a altura das serras e os campos da Vaccaria visinhos das fontes do Igatimi e do Iparé ; e os *Ouetacazes* e *Coropós*, que se encorporaram n'uma só tribu, da qual ainda se encontram algumas familias desde a margem septentrional do rio Parahyba até a margem austral do Xipotó. Eis como Gabriel Soares (112) descreve os *Aymorés* :

« Segundo fica dito, esta costa era povoada de *Tupiniquins*, os quaes a despovoaram com medo d'estes brutos, e se foram viver no sertão ; dos quaes *Tupiniquins* não ha já n'esta capitania senão duas aldêas, que estão juntas dos engenhos de Henrique Luiz, que tem já muito pouca gente. Descendem estes *Aymorés* de outros gentios que chamam os *Tapuias*, dos quaes no tempo atraz se ausentaram certos casaes, e se foram para umas terras mui asperas, fugindo a um desbarate, em que os pozeram seus contrarios, onde residiram muitos annos sem verem outra gente ; e os que descenderam, vieram a perder a linguagem, e fizeram outra nova, que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este Estado do Brasil, e são estes *Aymorés* tão selvagens, que dos outros barbaros são ouvidos por mais que barbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto-Seguro e nos Ilhéos, que se deixaram morrer de bravos sem quererem comer.

(112) *Noticia do Brazil*, part. I, cap. XXXII.

« Começou este gentio a cahir ao mar no rio das Caravelas junto do Porto-Seguro, e corre estes matos e praias até o rio de Camamú, e d'ahi veio a dar assaltos perto de Tinharé ; e não descem á praia senão quando vem dar assaltos : este gentio tem a côr do outro, mas são de maiores corpos, e mais robustos e forçosos, não têm barbas, nem mais cabellos no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos ; pelejam com arcos e flechas muito grandes, e são tamanhos flecheiros que não erram nunca tiro ; são mui ligeiros á maravilha, e grandes corredores. Não vivem estes barbaros em aldêas, nem ha quem lh'as visse nem saiba, nem désse com ellas pelos matos até hoje ; andam sempre de uma parte para a outra pelos campos e matos, e dormem no chão sobre folhas ; se lhes chove, arrimam-se ao pé de uma arvore, onde engenham umas folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em coiras. Não costumam estes alarves fazer roças, nem plantar nenhuns mantimentos ; mantem-se das fructas silvestres e da caça que matam, a qual comem crua ou mal assada, quando tem fogo ; machos e femêas todos andam tosquiados, e tosquiam se com umas cannas, que cortam muito : a sua falla é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força, e não se poderá escrever como vasconço.

« Vivem estes barbaros de saltear toda a sorte de gentio que encontram, e nunca se viram juntos mais que vinte até cincoenta flecheiros ; não pelejam com ninguem de rosto a rosto, toda a sua briga é á traição ; dão assaltos pelas roças e caminhos, por onde andão esperando o outro gentio e toda a sorte de creatura em ciladas detraz das arvores cada um por si, d'onde não erram tiro, e todas as suas flechas empregam, e se lhe fazem rosto logo fogem cada um para sua parte ; mas como vem a gente desmandada, fazem parada, buscam onde fiquem escondidos até que passem os que os seguem, e dão-lhes nas costas suas flechadas. Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer rio que se não passa a váo basta para a defensão d'elles; mas para o passarem vão buscar o váo muitas leguas pelo rio acima. Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus odios.

« A capitania de Porto-Seguro e a dos Ilhéos estão destruidas e quasi despovoadas com o temor d'estes barbaros, cujos engenhos não lavram assucar por lhe terem morto todos os escravos e gentes d'elles e das mais fazendas, e os que escaparam das suas mãos lhes tomaram tamanho medo, que em se dizendo *Aymorés*, despejam as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo, o que tambem fazem os homens brancos, dos quaes tem morto estes alarves de vinte e cinco annos á esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias, mais de trezentos homens portuguezes e de tres mil escravos.

« Costumavam-se ordinariamente cartear os moradores da Bahia com os dos Ilhéos, e atravessavam os homens este caminho ao longo da praia como lh s convinha, sem haver perigo nenhum, o que estes *Aymores* vieram a sentir, e determinaram-se de vir vigiar estas praias, e esperar a gente que por ellas passava ; e são estes salteadores tamanhos corredores, que não lhes escapava ninguem por pés, salvo os que se lhes mettiam no mar onde elles se nao atrevem entrar : mas andam-nos esperando que saiam á terra até á noite que se recolhem, pelo que este caminho está vedado, e não atravessa ninguem por elle senão com muito risco da sua pessôa ; e se se não busca algum remedio para destruir estes alarves, destruirão as fazendas da Bahia, para onde vão caminhando de seu vagar, e como elles são tão exquesitos e agrestes, e inimigos de todo o genero humano, não foi possivel saber mais de sua vida e costumes, e o que está dito deve bastar por agora. »

N

Gnimató chamam elles a essa arruella que introduzem nas orelhas, e *guimua'* á que lhes orna o queixo inferior: o principe Maximiliano mediu uma d'essas placas cylin-

dricas, que tinha quatro pollegadas (113) e quatro linhas de diametro, sobre uma espessura de dezoito linhas, feita de madeira da barriguda (*Bombax ventricosa*). Não é porém propria dos *Botocudos* e outras tribus ainda selvagens do Brasil semelhante uso, pois que os celebres viajantes Cook, Azara, La Perouse e outros, o encontraram em differentes selvagens das ilhas do mar das Indias e do grande oceano, a cujo respeito observa judiciosamente M. de Paw (114), que o exame de usos e costumes tão parecidos, em climas tão differentes, e entre nações que não se conhecem, prova que o homem é como predestinado a commetter as mesmas faltas em qualquer região do globo que elle habite, e que ha erros e absurdos que, apezar da mais notavel semelhança, não tem sido copiados. Ninguem na Europa, e mesmo entre nós, deixará de taxar de ridiculo o costume da maior parte dos nossos indios selvagens, de recolherem-se os maridos ás suas rêdes logo após o nascimento dos filhos, recebendo por dias aquelle tratamento e cuidados que só deviam ter as mãis dos nascidos; e comtudo praticava-se igual costume na França, onde ainda em Bearn é conhecido, e se diz *faire la couvade*; e Strabão refere existir semelhante etiqueta na Hespanha, ao tempo em que escreveu, no liv. 3, pag. 174: *Mulieres, cum pepererunt, suo loco viros decumbere jubent, eisque ministrant.*

Os antigos italianos, conforme se collige de Homero, foram anthropophagos, bem como os *Lestrigões* e os *Liparitanos*, os *Phenicios*, os *Cathargineses*, e os mesmos romanos nos seus maiores apertos, immolavam victimas humanas; a vasta e civilisada capital da França acaba de apresentar no calor de sua revolução, scenas eminentemente horrorosas, de que é talvez difficil achar parallelos historicos e exemplos d'esta ordem, ao passo que patenteam de sobra não serem privativos dos selvagens da America os costumes barbaros e ferozes, pois que tambem já constituiram, e ainda constituem, a partilha de povos do antigo

(113) *Voyage au Brésil*, tom. II, cap. XII, pag. 213.

(114) *Recherches philosophiques sur les Américains*, tom. III, cap. II.

mundo, justificam igualmente o pensamento philosophico com que o famoso Durão escrevêra (115).

> Foram qual hoje o rude Americano
> O valente romano, o sabio Argivo:
> Nem foi de Salmoneo mais torpe engano
> Do que outro rei fizéra em Creta altivo,
> Nós que zombamos d'este povo insano,
> Se bem cavarmos no solar nativo,
> Dos antigos heróes dentro ás imagens,
> Não acharemos mais que outros selvagens.

O

A parte do nordéste da Asia era apenas conhecida pela denominação de Tartaria quando Pedro o Grande subiu ao throno da Russia, e havendo-se alli apenas tentado penetrar, para obrigar os seus habitantes a um tributo, achou o czar ser importante conhecer se melhor essa parte da terra, e examinar se a Siberia e a America não formavam mais que um só continente. Dominado d'estas idéas, encarregou a Vitus Behring ou Bering, habil maritimo dinamarquez, de verificar se a região do Kamtschatka era ou não contigua á America. A morte d'aquelle monarcha interrompeu por um pouco esses preparativos ; mas elles progrediram por ordem de Catharina, que lhe succedeu no governo, e no 1° de Janeiro de 1726 começou Behring a sua viagem (116), e chegou de volta a S. Petersburgo no 1° de Março de 1730, depois de haver tocado até os 67° 13' de lat , tendo passado pelo estreito que separa os dois mundos sem o saber, encontrando apenas indicios das terras da America, ou das que ficam a léste da Siberia. No dia 4 de Junho de 1741 principiou sua segunda viagem, para achar o novo continente de que obtivéra indicios, partindo do porto de Kamtschatka, e verificou com effeito essa descoberta pelos 58° 28' lat. no dia 18 de Julho seguinte.

(115) *Caramurú*, cant. II, est. XLVII.

(116) *Collection des Voyages*, tom. X, pag. 240

Proseguiu d'ahi o intrepido viajante percorrendo outras paragens ; mas acossado o seu navio de temporaes, naufragou em uma ilha que fica cêrca de 50 leguas afastada do Kamtschatka, entre os 55° 56' de lat., e alli falleceu opprimido de annos e trabalhos, concluindo tal descobrimento em 1788 o famoso capitão inglez Cook.

P

O problema da primeira população da America não é mais da competencia da historia, como as questões sobre a origem das plantas e dos animaes, e sobre a distribuição dos germens organicos, não são da alçada da historia natural. A historia, remontando ás epochas mais remotas, mostra-nos quasi todas as partes do globo occupadas por homens que se crêm aborigenes, porque ignoram a sua filiação. No meio de uma multidão de povos que se tem succedido e misturado uns com outros, é impossivel reconhecer com exactidão a primeira base da população, esta camada primitiva, além da qual começa o dominio das tradições cosmogonicas.

As nações da America, á excepção d'aquellas que se avisinham ao circulo polar, formam uma raça caracterisada pela conformação do craneo, pela côr da pelle, pela extrema raridade da barba, e pelos cabellos chatos e lisos. A raça americana tem relações muito sensiveis com a dos povos mongols, que encerra os descendentes de Hungnujá, conhecidos debaixo da denominação de Huns, Calkas, Calmubs e Burattes. Tem até provado as recentes observações que não sómente os habitantes de Unalaska, mas tambem muitas povoações da America Meridional, indicam, por caracteres osteologicos da cabeça, uma passagem da raça americana á raça mongolica, Quando se houver estudado melhor os homens pardos da Africa, e esse enxame de povos que habitam o interior e o nordéste da Asia, designados vagamente por viajantes systematicos pelo nome de Tartaros e Tschoudes, parecerão menos isoladas as raças caucasiana, mongolica, americana, malaya e negra, e reconhecer-se ha n'esta grande familia do genero humano um unico typo organico, modificado por circumstancias que talvez ser-

nos-hão sempre desconhecidas. As pesquizas feitas com um extremo cuidado, e por um methodo que não se seguia em outros tempos no estudo das etymologias, tem provado que ha um pequeno numero de palavras communs ás linguas dos dois continentes.

Em oitenta e tres linguas americanas, examinadas pelos Srs. Barton e Vater, tem se reconhecido perto de setenta, cujas raizes parecem ser as mesmas, e é facil de se convencer que esta analogia não é accidental, por isso que ella não repousa simplesmente sobre a harmonia imitativa, ou sobre esta igualdade de conformação nos orgãos, que torna quasi identicos os primeiros sons articulados pelos meninos Sobre cento e setenta palavras que tem relação entre si, ha trez quintos que trazem á memoria a mantchu, a tunquse, a mongolica e a samoyedea, e dois quintos que lembram da mesma fórma as linguas celtica, tschuda, a basqua, a copta, e a congo. Estas palavras têm sido achadas comparando-se a totalidade das linguas do antigo mundo, porque ainda não conhecemos nenhum idioma da America, que mais que os outros pareça ligar-se a um dos grandes grupos numerosos de linguas asiaticas, africanas ou européas.

O que tem avançado alguns sabios, levados de theorias abstractas, sobre a pretendida pobreza de todas as linguas americanas, e extrema imperfeição do seu systema numerico, é tão arriscado como as asserções sobre a fraqueza e estupidez da especie humana em o novo continente, sobre o encurtamento da natureza viva, e sobre a degeneração dos animaes transportados de um a outro hemispherio. Se as linguas não provam senão fracamente a antiga communicação entre os dois mundos, esta commuuicação manifesta-se de uma maneira indubitavel nas cosmogonias, nos monumentos, nos hieroglyphicos, e nas instituições dos povos da America e da Asia.—Humboldt, *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigénes de l'Amérique.*—Introducção.

Q

« Os *Tupinambás* são homens de meia estatura, de côr muito baça, bem feitos e bem dispostos, mui alegres do rosto, e bem assombrados: todos têm bons dentes alvos e miudos, sem lhe nunca apodrecerem; têm as pernas bem feitas, os pés pequenos, trazem o cabello da cabeça sempre aparado, e em todas as partes do corpo os não consentem, e os arrancam como lhes nascem: são muito bellicosos, e em sua maneira esforçados e para muito, ainda que atraiçoados: são muito amigos de novidades, e demasiadamente lisongeiros, e grandes caçadores, pescadores e amigos de lavoura.

« Como se este gentio viu senhor da terra da Bahia, dividiu-se em bandos por certas differenças que tiveram uns com outros, e assentaram suas aldêas apartadas, com o que se inimizaram os que se aposentaram entre o Rio de S. Francisco e o rio Real até a Bahia, e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros, e dos que captivavam, a que davam vida, ficavam escravos dos vencedores.

« E os moradores da Bahia, da banda da cidade, se declararam por inimigos dos outros *Tupinambás*, moradores da outra banda da Bahia no limite de Paraguassú e de Sergipe, e faziam-se cruel guerra uns aos outros, por mar, onde se davam batalhas navaes em canôas, com as quaes faziam ciladas uns aos outros por entre as ilhas, e havia grande mortandade de parte a parte, e se comiam e faziam escravos uns aos outros, no que continuaram até o tempo dos portuguezes.

« Entre os *Tupinambás* moradores na banda da cidade armaram desavenças uns com os outros, sobre uma moça que um tomou a seu pae á força, sem lh'a querer tornar, com a qual desavença se apartou toda a parentela do pae da moça, que eram indios principaes, com a gente das suas aldêas e passaram-se á ilha de Itaparica, que está no meio da Bahia, com os quaes se lançou outra muita gente, e encorporaram-se com os visinhos do rio Paraguassú, e fizeram

guerra aos da cidade, a cujo limite chamavam Caramarí, e salteavam-se uns aos outros cada dia ; e ainda hoje em dia ha memoria de uma ilheta, que se chama do Medo, por se esconderem detraz d'ella, onde faziam ciladas uns aos outros com canôas, em que se matavam cada dia muitos d'elles.

D'estes *Tupinambás*, que se passaram a ilha de Itaparica, se povoou o rio de Jaguaripe, Tinharé, e a costa dos Ilhéos; e tamanho odio se creou entre esta gente, sendo toda uma por sua avoenga, que ainda hoje em dia, entre esses poucos que ha, se querem tamanho mal, que se tomam uns aos outros, se o podem fazer, em tanto que se encontram alguma sepultura antiga dos contrarios, lhe desenterram a caveira e lh'a quebram, com o que tomam novo nome, e de novo se tornam a inimizar ; e em tempo que os portuguezes tinham já povoado este rio de Jaguaripe, houve na sua povoação grandes ajuntamentos das aldêas dos indios alli visinhos, para quebrarem caveiras, e com grande festa para os quebradores da cabeça tomarem novos nomes, as quaes caveiras foram desenterrar a umas aldêas despovoadas, para vingança da morte dos pais ou parentes dos quebradores d'ellas, para o que os enfeitavam com pennas de passaros ao seu modo, em as quaes festas houve grandes bebedices, o que ordenaram os portuguezes alli povoadores para se escandilizarem os parentes dos defuntos, e se quererem de novo mal, porque temiam que se viessem a confederar uns com os outros para lhes virem fazer guerra, o que foi bastante para o não fazerem, e se assegurarem com isto os portuguezes que viviam n'este rio.

« *Tupinaes* é uma gente do Brasil semelhante no parecer, vida e costumes aos *Tupinambás*, e na linguagem não têm mais differença uns dos outros do que têm os moradores de Lisboa dos de Entre Douro e Minho ; mas a dos *Tupinambás* é mais polida, e pelo nome tão semelhante d'estas duas castas de gentio parece bem claro, que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os indios antigos d'esta nação. Tem-se por tão contrarios uns dos outros que se comem aos bocados, e não cançam de se matarem em guerras que continuamente têm, e não tão sómente são inimigos os *Tupinaes* dos *Tupinambás*, mas são de

todas as outras nações do gentio do Brasil, e entre todas ellas lhe chamam *taburas*, que quer dizer contrarios. Os *Tupinaes* no antigo viveram ao longo do mar como fica dito no titulo dos *Tupinambás*, que os lançaram d'elle para o sertão, onde agora vivem, e terão occupado uma corda de terra de mais de duzentas leguas : partem com os *Tapuias*, com quem tem tambem continua guerra.

« São os *Tupinaes* mais atraiçoados que os *Tupinambás* e mais amigos de comer carne humana, em tanto que se lhes não acha nunca escravos dos contrarios que captivam, porque todos matam e comem, sem perdoarem a ninguem ; e quando as femeas emprenham dos contrarios, em parindo lhe comem logo a criança, a que tambem chamam *cunhamembira*, e a mesma mãi ajuda a comer o filho.

« Convém arrumar aqui os *Aymorés*, porque descendem dos *Tupinambás*, e por estarem na fronteira dos *Tupinaes* além do Rio de S. Francisco, e passamos pelos *Tapuias*, que ficam em meio para uma das bandas, e por estarem muito espalhados por toda a terra, de quem temos muito que dizer ao diante, no cabo d'esta historia, da vida e costumes do gentio. Quando os *Tupinaes* viviam ao longo do mar, residiam os *Tupinambás* no sertão, onde certas aldêas d'elles foram fazendo guerra aos *Tapuias*, que tinham por visinhos, a quem foram perseguindo por espaço de annos tão rijamente, que entraram tanto pela terra dentro, que foram visinhar com o Rio de S. Francisco ; e n'este tempo outros *Tupinambás* fizeram despejar aos *Tupinaes* de junto do mar da Bahia, como já fica dito, os quaes se metteram tanto pela terra dentro afastando-se dos *Tupinambás*, que tomaram os caminhos aquelles que iam seguindo os *Tapuias*, pelo que não poderam tornar para o mar por terem diante os *Tupinaes*, que, como se sentiram desapressados, e souberam d'est'outros *Tupinambás*, que seguiram os *Tapuias*, deram-lhe nas costas e apertaram com elles rijamente, que fizeram da sua parte aos *Tapuias*, fazendo-lhes crua guerra, ao que os *Tupinambás* não podiam resistir, e vendo-se tão apertados de seus contrarios, assentaram de se passarem da outra banda do Rio de S. Francisco, onde se con-

tentaram da terra, e assentaram alli sua vivenda chamando-se *Amoipirás*, por o seu principal se chamar Amoipirá, onde esta gente multiplica de maneira que tem senhoreado ao longo d'este Rio de S. Francisco, a que o gentio chama *Opara*, mais de cem leguas, onde agora ficam-lhe em frontaria d'esta outra parte do rio, de um lado os *Tapuias* e de outro os *Tapinaes*, que se fazem cruel guerra uns aos outros, passando com embarcações ao seu modo á outra banda, dando grandes assaltos aos contrarios os *Amoipirás* aos *Tapuias*, que atravessam o rio em almadias, que fazem da casca de arvores grandes, cujo feitio fica atraz declarado. » *Gabriel Soares.*

R

Ainda hoje se conhece no rio Madeira o furo dos *Tupinambarânas*, defronte da ilha Maracá, furo este que sendo um braço do mesmo Madeira, forma com elle, e com o Amazonas onde sahe, uma ilha de cincoenta leguas de extensão e vinte de largura. Esta ilha foi por annos habitada pelos *Tupinambás*, que fugiam á impolitica e barbara perseguição que soffriam nas provincias que ficam entre a da Bahia, inclusive, e a do Pará.

O coração estremece de horror ao rememorar os actos de cannibalismo empregados contra os indigenas, especialmente nos primeiros annos da conquista do paiz, e parece que por todas as partes do continente americano dominavam os sentimentos barbaros dos conquistadores do Mexico e do Perú. No combate de Caxamalca a vanguarda do pequeno exercito dos Pizarros era formada por uma fileira de cães alanos, que acommetteram com tanta furia aos indios, e causaram-lhes tamanho destroço, que a côrte de Hespanha, diz um erudito escriptor, maravilhada de tantas façanhas, ordenou que se lhes pagasse um soldo regular como aos soldados, soldo este que era entregue aos encarregados de tratal-os ; e consta dos assentos d'aquelle tempo que um d'essas cães, chamado *Berecillo*, ganhava dois reales por mez, em recompensa dos serviços que havia prestado dilacerando muitos indigenas, cuja carne até consentia-se servir se-lhes de pasto !

Duvidou-se mesmo no Mexico se os indios eram homens ou especie de orango-otango ; recusavam-lhes os sacramentos da igreja, e foi preciso que o pontifice Paulo III, em resposta a uma carta do primeiro bispo de Tlascala, que em 1536 implorava a favor d'esses infelizes aborigenes, e á consulta que lhe fizéra o provincial do Mexico fr. Domingos de Betames, enviando para isso a Roma a fr. Domingos de Minaja, declarasse em bulla de 9 de Junho do mesmo anno, que começa *Veritas ipsa quœ nec fallit, nec fallere potest*, que os indios eram verdadeiros homens e capazes dos sacramentos. D'esta fórma pois a descoberta do novo mundo, acontecimento que tirou a astronomia, a geographia e a physica de uma noite profunda, foi acompanhada de circumstancias extremamente horrorosas, bizarras e ridiculas, por uma fatalidade inherente a todas as acções do homem. Conf. a *Corographia Paraense*, M. de la Roquete, not. a Robertson, tom. 4, e M. de Paw cit.

S

Falla bem alto em abono dos jesuitas o profundo Humboldt (117), e não é hoje estranho aos homens lidos que n'essa terrivel perseguição, que elles soffreram em Portugal e no Brasil durante a administração do celebre marquez de Pombal, teve não pequena influencia o contagio philosophico, que propagou-se por quasi toda a Europa no meiado do seculo 18, de que tambem fôra iscado o mesmo Pombal. O principe Maximiliano de Neuwied não se esqueceu de notar (118), que a maior parte dos estabelecimentos scientificos e beneficos da America Meridional são devidos aos jesuitas ; e não póde deixar de maravilhar-se o viajante illustrado que percorrer as nossas provincias, ao ver ou em montões de ruinas, ou extremamente arruina-

(117) *Essai polit. sur la Nouvelle Hespagne*, liv. III, cap VII pag. 262 e 267.

(118) *Voyage au Brésil, traduit par Eyriès*, tom. II, cap. XIII.

dos, os magestosos edificios que elles deixaram, á excepção de um ou outro n'algumas capitaes, como esta. Finalmente, importando um valioso testemunho dos beneficios que fizeram ao paiz, o que a tal respeito escreveu ha poucos annos um judicioso protestante, relevar-se-me-ha copial-o n'este lugar.

« The jesuits were the only men who ever made systematic and zealous exertions for their improvement. They entered this field when their prosperity was at its meridian, and they found it sufficiently ample for their most enlarged ambition. Notwithstanding the extravagance of their fables, and the more than doubtful policy which they generally found it convenient to employ, yet they practised many real virtues ; and when we compare their character with that of the other rival orders, and behold them repeatedly mobbed and persecuted on account of their opposition to vice and cruelty, we cannot withhold from them a degree of respect.

« For about two hundred years from the first establishment of their order in Brazil, they labored zealously and with varied success in every part of the country, from the thickets of the upper Amazon to the plains of Piratininga. They were repeatedly expelled from some of the cities and provinces, but they as often recovered favor and returned. Finally, the great effort made for their overthrow succeded: No person had a more powerful agency in that movement than the marquis of Pombal, the prime minister of Portugal, and nowhere were the decrees against the jesuits executed with more rigor and even cruelty than in Brazil, under his instructions (119). »

T

Os *Acroás*, que reduzidos pelos jesuitas fundaram em 1751 a povoação denominada de S. José do Duro, na parte sep-

(119) *Sketches of residence and travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the Empire and its several provinces. By the Rev. Daniel P. Kidder, A. M. Philadelphia*, 1845.

tentrional da provincia de Goyaz, estendiam-se a principio por toda a comarca actual do Rio de S. Francisco, e chegavam até a lagôa de Paranaguá, em cuja margem occidental está assentada a villa do mesmo nome, pertencente ao territorio da provincia do Piauhy. Esses indios, reunidos aos *Maccazes* e *Rodelleiros*, infestaram por bastante tempo os estabelecimentos das fazendas creadas em toda essa extensão do interior, geralmente conhecido n'aquelle tempo por sertão de Rodellas, e foi ás suas incursões que deveu-se a fundação dos arraiaes, hoje villas, de Paranaguá, Santa Rita, do Rio Preto, Campo Largo e Villa da Barra, fundação essa determinada ao governador D. João de Lencastro por carta régia de 2 de Dezembro de 1698, depois de serem batidos os mesmos indios na guerra que se lhes declarou, em virtude de outra carta régia de 17 de Dezembro de 1699, por haver representado aquelle governador ser impossivel reduzil-os á obediencia por outras maneiras pacificas, como era ordenado na primeira carta régia, expedida por effeito das queixas que levaram ao soberano os prejudicados em taes incursões. Os pequenos restos de semelhantes tribus ainda hoje existem no territorio de Goyaz (120), na missão do Aricobé, e pertencem a esses mesmos indios os que ás vezes vagueam por aquelle interior, conhecidos por *Pimenteiras*.

Sendo circumscripta a presente *Memoria* ás tribus aborigenes, que habitavam a provincia no tempo em que o Brasil foi conquistado, deixei por isso de enumerar differentes hordas, procedentes todas das tribus primitivas que designei, hordas essas que sob diversas denominações occuparam depois alguns pontos centraes da mesma provincia, quaes, entre outros, os *Kasinos*, *Kariris*, *Kariacazes* *Mancurús*, *Caimbés*, *Mataracas*, *Portacazes*, *Ciocó*, e os *Orizes Procazes*. Occupavam estes altimos as serranias do Nhumarama e Cassucá, e depois de hostilisarem por bastantes annos, apoderando-se até das boiadas que desciam

(120) *Informação ou descripção topographica do Rio de S. Francisco*, pag. 40. Cunha Mattos, *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, tom II; e *Mem. Hist. e Polit. da Bahia*, tom. I, pag. 148.

pela estrada real de Piauhy para a Bahia, Minas Geraes e Pernambuco, e zombarem de todas as forças contra elles enviadas, submetteram-se ao gremio do christianismo em 1715 pela solicitude evangelica do vigario de Itapicurú, o padre Euzebio Dias Lassos Lima, que em tres dias baptizou 3700 d'esses indios. Semelhante pacificação, que foi devidamente apreciada, deu origem a uma publicação em 4.°, feita em Lisboa no anno de 1716 por José Freire de Monterroyo Mascarenhas, sob o titulo « *Os Orizes conquitados* (121)», e a importancia litteraria que gozava esse escriptor, o primeiro que introduziu em Portugal o uso dos jornaes ou folhas periodicas, tornou mais recommendavel a pacificação dos mesmos *Orizes*, que não passam de uma tribu originaria dos antigos *Tapuias*.

U

Un canton appelé Conquiste, parce qu'en effet il a été conquis, les armes à la main sur les indigènes, diz M. de Saint-Hilaire (122). Todavia porém M. Milliet de Saint-Adolphe, no seu *Diccionario Geographico do Brasil*, data essa fundação de 1803, e attribue-lhe o nome de *Conquista* a ter o capitão José Gonçalves da Costa alli morto vinte e quatro *Jaguares* ! ! Por lei da assembléa provincial de 19 de Maio

(121) Reimprimiu-se ultimamente este opusculo no tom. 8.° da *Revista trimensal*, e eis como tratam de Monterroyo os autores do *Dictionnaire Universel historique, critique et bibliographique.*—Né à Lisbonne en 1670, d'une famille noble, voyagea dans presque toute l'Europe. Il servit ensuite en qualité de capitaine de cavalerie depuis 1704 jusqu'en 1710. Il quitta le métier de la guerre pour se livrer à l'étude, il fut deux fois président de l'académie des anonymes, puis secrétaire et maître d'orthographe dans celle des appliqués. Ce fut lui qui introduisit le premier en Portugal l'usage des gazettes. Ce savant avait du goût pour tout les genres de litterature; il avait puisé dans ses différens voyages toutes les connaissances qui peuvent intéresser l'humanité. Il mourut en 1730.

(122) *Voyage au Brésil*, tom. I, pag. 452.

de 1840 foi esse lugar elevado á categoria de villa, com o titulo de *Imperial Villa da Victoria*; e assim vão-se perdendo entre nós certas denominações antigas, que por sua propriedade parece deviam conservar-se, ao menos para perpeuar os factos historicos.

V

O conselheiro João Severiano Maciel da Costa, depois marquez de Queluz, a cuja memoria e profundo saber consagrarei sempre eterno respeito e gratidão. E' sobremaneira digna de apreço, ácêrca da especie de que se trata, a sua *Memoria sobre a necessidade de abolir-se a introducção dos escravos africanos no Brasil*; e como sobre identico objecto escreveu tambem o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, achei que não será desagradavel aos homens que presam a prosperidade do paiz publicar n'este lugar esse escripto, de que ora poucos têm conhecimento, por ser dictado pelo saber e verdadeiro patriotismo.

Apontamentos para a civilisação dos indios bravos do Imperio do Brasil.

Vou tratar do modo de catechizar e aldêar os indios bravos do Brasil, materia esta de summa importancia, mas ao mesmo tempo de grandes difficuldades na sua execução, Nascem estas: 1.° da natureza e estado em que se acham estes indios; 2.° do modo com que successivamente portuguezes e brasileiros os temos tratado e continuamos a tratar, ainda quando desejamos domestical-os e fazel-os felizes. As primeiras provém: 1.° de serem os indios povos vagabundos, e dados á continuas guerras e roubos; 2.° de não terem freio algum religioso e civil, que cohiba e dirija suas paixões; d'onde nasce ser-lhes insupportavel sujeitarem-se á leis e costumes regulares; 3.° entregues naturalmente á preguiça fogem dos trabalhos aturados e diarios de cavar, plantar e

mondar as sementeiras, que pelo nimio viço da terra se cobrem logo de mato e de hervas ruins; 4.° porque temem largando sua vida conhecida e habitual de caçadores, soffrer fomes, faltando-lhes o alimento á sua gula desregrada; 5.° para com as nações nossas inimigas recresce novo embaraço, e vem a ser, o temor que têm, que depois de aldêados vinguemos a nosso sabor as atrocidades contra nós commettidas; ou porque não tendo ainda provado o devido castigo de seus attentados, desprezam-nos, confiados na sua presumida valentia, e achando ser-lhes mais util roubar-nos, que servir-nos; 6.° porque os mais valentes e poderosos d'entre elles temem perder a occasião de cobrar entre seus naturaes o nome de guerreiros, que muito prezam, esperando ficar seguros das nossas armas no meio de suas matas e escondrijos; 7.° finalmente, porque conhecem, que se entrarem no seio da igreja, serão forçados a deixar suas continuas bebedices e polygamia em que vivem, e os divorcios voluntarios; e d'aqui vem que as raparigas casadas são as que melhor e mais facilmente abraçam a nossa santa religião, porque assim seguram os maridos e se livram de rivaes.

Por causa nossa recrescem iguaes difficuldades, e vem a ser os medos continuos e arreigados, em que os têm posto os captiveiros antigos; o desprezo com que geralmente os tratamos, o roubo continuo das suas melhores terras, os serviços a que os sujeitamos, pagando-lhes pequenos ou nenhuns jornaes, alimentando-os mal, enganando-os nos contratos de compra e venda que com elles fazemos, e tirando-os annos e annos de suas familias e roças para os serviços do Estado e dos particulares; e por fim enxertando-lhes todos os nossos vicios e molestias, sem lhes communicarmos nossas virtudes e talentos.

Se quizermos pois vencer estas difficuldades, devemos mudar obsolutamente de maneiras e comportamento, conhecendo primeiro o que são e devem ser naturalmente os indios bravos, para depois acharmos os meios de os converter no que nos cumpre que sejam.

Não nos devemos admirar das difficuldades, que se oppõe á sua conversão religiosa, se reflectirmos que os

gregos e os romanos, nações tão instruidas e civilisadas, levaram seculos antes de entrarem de todo no seio do christianismo. Reflictamos igualmente que os negros da costa d'Africa, apezar do commercio e trato diario que com elles têm os europêos, estão quasi no mesmo estado de barbaridade que os nossos indios do Brasil.

Com effeito o homem no estado selvatico, e mórmente o indio bravo do Brasil, deve ser preguiçoso, porque sendo vagabundo, na sua mão está arranchar-se successivamente em terrenos abundantes de caça ou de pesca, ainda mesmo de fructos silvestres e espontaneos; porque vivendo todo o dia exposto ao tempo, não precisa de casas nem de vestidos commodos, nem dos milindres do nosso luxo; porque finalmente não têm idéa de propriedade, nem desejo de distincções e vaidades sociaes, que são as molas poderosas que põe em actividade o homem civilisado. De mais uma razão sem exercicio, e pela maior parte já corrompida por costumes e usos brutaes, além de apathico, o devem tambem fazer estupido. Tudo o que não interessa immediatamente á sua conservação physica, e aos seus poucos prazeres grosseiros, escapa á sua attenção, ou lhe é indifferente: falto de razão apurada, falto de precaução, é como o animal silvestre seu companheiro; tudo que vê póde talvez attrahir-lhe a attenção, do que não vê nada lhe importa. Para ser feliz o homem civilisado precisa calcular, e uma arithmetica, por mais grosseira e manca que seja, lhe é indispensavel; mas o indio bravo, sem bens e sem dinheiro, nada tem que calcular, e todos as idéas abstractas da quantidade e numero, sem as quaes a razão do homem pouco differe do instincto dos brutos, lhes são desconhecidas.

Mas o homem, por mais apathico que seja, tem comtudo que satisfazer suas necessidades physicas e indispensaveis, e tem que repellir a força pela força: então elle se agita fortemente, e a guerra vem a ser uma necessidade e um prazer que o arrastra; e d'aqui nascem odios inveterados, desejos de vingança, e atrocidades sem freio. Então o indio da America parece um homem novo: então a fraqueza e cobardia, que alguns escriptores europêos fazem ingenita aos

indios, desapparecem; e uma coragem e valentia, de que ha poucos exemplos na Europa, tomam o seu lugar. Bastará ler, para nos convencermos d'isto, a descripção que fez Lery de uma batalha dos indios do Brasil, a que assistiu. Póde tambem servir de resposta cabal aos preoccupados o modo porque o celebre Martim Affonso Tebireçá, cacique da aldêa Piratininga, hoje cidade de S. Paulo, se houve na expugnação da fortaleza de Villegaignon do Rio de Janeiro, quando d'alli expulsámos os francezes. O padre Vasconcellos chama a Tebireçá — o grande Martim Affonso, homem *revera* de valor. — Tambem cumpre que se lembre das façanhas do famoso indio Camarão, na guerra contra os hollandezes em Pernambuco.

São pois as paixões, que não podem ser satisfeitas cabalmente sem a reunião de novos braços e vontades, as que obrigaram os selvagens a reunir-se em taes quaes aldêas; mas como estas pequenas povoações sem magistrados, e ás vezes até sem um chefe ou cacique poderoso, não os obrigaram a formar de toda a sua energia um centro commum, bem como os raios dispersos da luz se reunem no fóco dos espelhos concavos, a intelligencia e actividade individual nunca ganhavam extensão e intensidade, para que fossem obrigados a crear governos regulares, que só podem reprimir as injurias reciprocas dos socios, e prevenir os futuros males.

D'aqui porém não se deve concluir que seja impossivel converter estes barbaros em homens civilisados: mudadas as circumstancias, mudam-se os costumes. E com effeito, se dermos uma vista d'olhos pelas differentes raças de indios que povoavam o vasto continente do Brasil quando os portuguezes começaram a frequental-o, veremos que algumas d'ellas, deixadas a si mesmas e sem a communicação e exemplos de nações civilisadas, já tinham feito alguns progressos sociaes, quando outras se achavam ainda na maior barbaridade. A' primeira classe pertenciam os *Tupinanquins* e *Potiguares* de Pernambuco, Itamaracá e Parahyba, que eram grandes lavradores, os *Carijos* da lagôa dos Patos, que já tinham casas bem cobertas e defendidas do frio, e não comiam carne humana, e alguns outros.

Reflictamos igualmente no que fizeram os jesuitas nas suas missões do Paraguay e do Brasil, e mais teriam feito se o seu systema não fôra de os separar da communicação dos brancos e de os governar por uma theocracia absurda e interessada. Em 1732 em as trinta missões dos *Guaranís*, junto ás margens do Paraná e Uruguay, viviam já 141,182 almas, e desde 1747 até 1766 foram baptizados n'estas povoações 91,520 pessôas.

A facilidade de os domesticar era tão conhecida pelos missionarios, que o padre Nobrega, segundo refere o Vieira, dizia por experiencia— que com musica e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Os jesuitas conheceram que com presentes, promessas e razões claras, sãs e expendidas por homens praticos na sua lingua, podiam fazer dos indios barbaros o que d'elles quizessem. Com o evangelho em uma mão, e com presentes, paciencia e bom modo na outra, tudo d'elles conseguiam. Com effeito o homem primitivo nem é máo naturalmente ; é um mero automato, cujas molas podem ser postas em acção pelo exemplo, educação e beneficios. Se Catão nascêra entre os satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão dos vis escravos. Newton, se nascêra entre os *Guaranís* seria mais um bipede que pisára sobre a superficie da terra, mas um *Guaraní* criado por Newton, talvez que occupasse o seu lugar. Quem ler o dialogo que traz Lery na sua *Viagem ao Brasil*, entre um francez e um velho *Carijó*, conhecerá que não falta aos indios bravos, o lume da razão. D'aqui fica claro que sem novas providencias, e estabelecimentos fundados em justiça e sã politica, nunca poderemos conseguir a catechisação d'esses selvagens. E' preciso pois imitar e aperfeiçoar os methodos de que usaram os jesuitas ; elles por meio de brandura e beneficios, aldêaram infinidade de indios bravos, e, o que mais é, até os governadores de Goyaz, imitando-os, fizeram nossos amigos os *Acroás*, os *Javaés*, os indomitos *Caiapós*, e os crueis *Chavantes*. E como o conseguiram ? Dando liberdade aos prisioneiros, vestindo-os, animando-os, e persuadindo-lhes a que viessem viver debaixo das santas leis do evan-

gelho. Apezar de sua barbaridade, reconheceram elles os obsequios feitos, e não foram insensiveis ás attenções com que os tratavam os grandes caciques dos brancos, como elles chamavam aquelles generaes. Os mesmos *Botocudos* e *Purís*, contra quem se declarou ultimamente guerra crúa, se vão domesticando. Na provincia da Bahia, pelo bom modo com que lhes soube ganhar a vontade um general, vivem os *Botocudos* em boa paz comnosco, ao mesmo tempo que na capitania do Espirito Santo fazem-nos dura guerra, apezar das expedições e postos militares. Tenho pois mostrado pela razão e pela experiencia, que apezar de serem os indios bravos uma raça de homens inconsiderada, preguiçosa e em grande parte desagradecida e deshumana para comnosco, que reputam seus inimigos, são comtudo capazes de civilisação, logo que se adoptam meios proprios, e que ha constancia e zelo verdadeiro na sua execução.

Nas actuaes circumstancias do Brasil e da politica européa, a civilisação dos indios bravos é objecto de summo interesse e importancia para nós. Com as novas aldêas, que se forem formando, a agricultura dos generos comestiveis e a criação dos gados devem augmentar, e pelo menos equilibrar nas provincias a cultura e fabríco do assucar.

Os meios porém de que se devem lançar logo mão, para a prompta e successiva civilisação dos indios, e que a experiencia e a razão me tem ensinado, eu os vou propôr aos representantes da nação ; e são os seguintes :

1.° Justiça, não esbulhando mais os indios, pela força, das terras que ainda lhes restam, e de que são legitimos senhores, pois Deus lh'as deu, mas antes comprando-lh'as, como praticam os Estados-Unidos da America.

2.° Brandura, constancia e soffrimento da nossa parte, que nos cumpre como a usurpadores e christãos.

Imitemos o missionario Aspilcueta, que ia buscar os indios d'esta provincia dos matos, esperava-os quando vinham da caça para lhes dar as boas vindas, representava-lhes todos os incommodos que soffria por elles ; e attentos, começava a

prégar-lhes então nossa santa fé, imitando as maneiras e tregeitos de seus *paiés* ou feiticeiros.

3.° Abrir commercio com os barbaros, ainda que seja com perda da nossa parte, recebendo em troca os generos de seus matos e pequena industria, e levando-lhes quinquilharia de ferro e latão, espelhos, missangas, facas, machados, tesouras, pregos, anzóes, tabaco, vinhos doces e brandos, assucar, carapuças e barretes vermelhos, galões falsos, fitas, lenços de côres subidas ou listados, cães de caça, etc.

4.° Procurar com dadivas e admoestações fazer pazes com os indios inimigos, debaixo das condições seguintes, quaes as que o governador Mem de Sá estabeleceu em 1558 1.° Que não comam carne humana, nem mutilem os inimigos mortos. 2.° Que não façam guerra aos outros indios, sem consentimento do governo brasileiro. 3.° Que se estabeleça um commercio reciproco entre elles e nós, para que comecem tambem a conhecer o *meu* e o *teu*, abrogando-se o uso indistincto dos bens e productos da sua pequena industria.

5.° Favorecer por todos os meios possiveis os matrimonios entre os indios, brancos ou mulatos, que então se deverão estabelecer nas aldêas, havendo cuidado porém de evitar que pelo seu trato e máos costumes não arruinem os mesmos indios; prohibindo-se que não possam por ora comprar suas terras de lavoura sem consentimento do parocho e maioral da aldêa, e determinando-se que nos postos civis e militares da aldêa haja pelo menos igualdade entre ambas as raças.

6.° Será muito conveniente que por meios indirectos se procure introduzir para caciques das nações ainda não aldêadas alguns brasileiros de bom juizo e comportamento, que saibam corresponder aos fins politicos d'esta escolha e nomeação.

7.° Criar para a catechisação dos indios um collegio de missionarios, cuja organisação religiosa seja pouco mais ou menos como a dos padres da congregação de S Filippe Nery, os quaes, além da probidade e zelo pelo christianismo, devem instruir-se pelo menos na lingua geral ou Gua-

raní, e, se possivel fôr, tambem nas particulares das raças numerosas, e nos usos e costumes dos mesmos indios bravos; pois foi ignorancia crassa, para não dizer brutalidade, querer domesticar e civilisar os indios á força de armas, e com soldados e officiaes pela maior parte sem juizo, prudencia e moralidade.

8.° Para attrahir missionarios virtuosos, instruidos e prudentes, será preciso assignar-lhes rendas proprias, e os privilegios necessarios; d'elles sahirão os parochos para as novas aldêas, terão não só toda a jurisdicção ecclesiastica, mas a de policia civil, que exerceráõ de accordo com as justiças locaes.

9.° Os missionarios que se destinam para futuros parochos, antes que vão presidir as novas aldêas, deveráõ morar por algum tempo com outro missionario, já pratico no governo e direcção dos indios.

10.° Para que estes missionarios sejam respeitados pelos indios, e possam cohibir promptamente os tumultos e desordens, que estes fizerem depois de aldêados, estabelecer-se-hão nas distancias necessarias e adequadas pequenos presidios militares, cujos commandantes obraráõ de accordo com os mesmos missionarios, e lhes darão todo o favor e auxilio requerido.

11.° Estes presidios serão formados de 20 até 60 homens de guarnição, com duas ou tres peças de pequeno calibre, e, se exigem as circumstancias locaes, poderáõ tambem estes destacamentos ter alguns soldados de cavallo.

12.° As bandeiras, que devem sahir a buscar indios bravos dos matos e campos para serem aldêados, serão de homens escolhidos, que levem na sua companhia como linguas indios mansos, e um missionario para os persuadir e catechisar com presentes, promessas e bom modo. D'estas primeiras aldêas deveráõ sahir progressivamente indios mansos, que com alguns sertanistas e um missionario, se necessario fôr, vão continuamente ao mato buscar novos colonos, ou para augmentar as aldêas já estabelecidas, ou para formar com outros já mansos novas, pois o exemplo e trato de seus naturaes já aldêados os convenceráõ a procurar e

desejar a nova segurança e abundancia em que estes vivem.

13.° Estes bandeiristas, que forem fazer pazes com indios e trazel-os para as novas aldêas, não se devem confiar cegamente nas promessas e signaes de amizade que lhes mostrarem os indios bravos, mórmente se tiverem sido nossos inimigos, porque muitas vezes, por falta de cautela, tem sido victima a nossa gente das falsas apparencias dos gentios; e bom será, segundo as circumstancias, que nem comam do que elles lhes apresentarem, porque já tem succedido serem comidas envenenadas.

14.° Como cumpre excitar-lhes a curiosidade, e dar-lhes altas idéas do nosso poder, sabedoria e riqueza, será conveniente que o missionario leve uma machina electrica com os apparelhos precisos, para na sua presença fazer as experiencias mais curiosas e bellas da electricidade, e igualmente phosphoros e gaz inflammavel para o mesmo fim.

15.° Na aldêação dos indios, não forçaráõ os missionarios a que os velhos e adultos deixem logo os seus erros e máos costumes, porque é trabalho baldado querer de repente mudar abusos inveterados de homens velhos e ignorantes, ou obrigal-os a trabalhos seguidos e penosos; por isso se esmeraráõ principalmente em ganhar a mocidade com bom modo e tratamento, instruindo-a na moral de Jesus-Christo, na lingua portugueza, em ler, escrever e contar, vestindo-os e sustentando-os, quando seus pais forem negligentes ou mesquinhos. Quanto aos adultos porém, antes dos dogmas e mysterios da religião convirá que primeiro se lhes ensinem, com a maior clareza possivel, os primeiros principios da moral christã; v. g. o amor do proximo, a compaixão pelos males alheios, e a caridade e beneficencia reciproca; que se lhes expliquem bem as vantagens que vão tirar do seu novo modo de vida, e o interesse e amizade que tem para com elles o governo brasileiro, partindo-se do principio inconstestavel, que se deve permittir o que se não póde evitar. E' de crêr então que, quando os velhos se não queiram alistar debaixo das bandeiras do evan-

gelho, de certo verão com gosto entrar no seio da igreja a seus filhos e netos. Tambem é uma verdade de facto, que um dos melhores meios para attrahir os indios bravos ao seio da igreja, é procurar ganhar-lhes a amizade e confiança, cuidando primeiro nos seus bens temporaes e physicos, para depois os ir attrahindo á nossa santa fé com o andar do tempo.

16.° Antes porém de se trazerem os indios dos matos para se aldêarem, deve-se de antemão ter feito todas as plantações e roças necessarias para sustento pelo menos de seis primeiros mezes; igualmente deve-se ter levantado os ranchos precisos, para que as familias tenham onde logo se possam recolher.

17.° Haverá igualmente cuidado em não trazer os indios do mato pelo meio das nossas povoações, para se evitarem os roubos e desordens que costuma commetter uma multidão de homens, mulheres e crianças pela mór parte inconsiderada e sem freio; e devem as justiças das terras e lavradores visinhos concorrer com todos os mantimentos necessarios dos lugares mais adequados da estrada, por onde devem transitar, para que não soffram incommodos e fomes, antes façam grande conceito da fartura em que vivemos, e a que elles podem chegar.

18.° Quando entrarem os indios nas suas novas aldêas, devem ser recebidos com todo o apparato e festas, para que formem logo grande idéa do nosso poder, riqueza e amizade.

19.° Procuraráõ os missionarios substituir aos seus folguedos e vinhos, funcções apparatosas de igreja, com musicas de boas vozes e jogos gymnasticos, em que principalmente os rapazes ou cathecumenos se entretenham e criem emulação. Por este meio tambem se conseguirá que os pais folguem de ver seus filhos adiantados, e premiados por suas boas acções e comportamento, e com estas funcções e jogos se divertiráõ e instruiráõ ao mesmo tempo, sem constrangimento da nossa parte.

20.° Nas grandes aldêas centraes, além do ensino de ler, escrever e contar, e cathecismo, se levantaráõ escolas praticas de artes e officios, em que irão aprender os indios d'alli

e das outras aldêas pequenas, e até os brancos e mestiços das povoações visinhas, que depois serão distribuidos pelos lugares em que houver falta de officiaes, concedendo-lhes a isenção de servir na tropa paga.

21.° No estabelecimento das novas aldêas haverá o cuidado : 1.° de não fazer passar indios de mato virgem para campinas, e vice-versa, ou de morros para planicies humidas, porque a subita mudança de habitação e clima augmenta a sua mortalidade ; 2.° que se escolha lugar sadio, fertil e longe das grandes villas, para que lhes não inoculemos logo todos os nossos vicios e molestias ; 3.° que os missionarios tenham todo o desvelo em os ir acostumando pouco a pouco a sustento mais sadio e nutritivo que o seu, procurando ao mesmo tempo introduzir maior asseio e luxo de vestido e ornato de suas casas ; 4.° que as novas aldêas das raças menos preguiçosas e mais capazes dos trabalhos da lavoura não se estabeleçam em paiz de muita caça ou peixe, para que os novos colonos não se entreguem sómente nas mãos da natureza, antes pelo contrario sejam forçados a ganhar, e assegurar o seu sustento á custa dos seus trabalhos rusticos.

22.° Se possivel fôr, convém que as novas aldêas sejam numerosas, ainda que menos chegadas umas ás outras, para maior segurança das mesmas, e para augmento dos braços empregados na agricultura e industria.

23.° Os missionarios velarão em que se não introduza o uso da cachaça nas novas aldêas prohibindo tavernas, e devendo elles sómente distribuir aguardente, quando preciso fôr, aos enfermos, ou aos que se empregam em trabalhos duros e penosos. Procurarão igualmente aperfeiçoar, segundo os processos chimicos, os vinhos do paiz, não lhes consentindo porém nas suas festas e folguedos suas costumadas bebedices.

24.° Como os indios, pela sua natural indolencia e inconstancia, não são muito proprios para os trabalhos aturados da agricultura, haverá para com elles n'esta parte alguma paciencia e contemplação ; e será mais util a principio ir empregando em tropeiros, pescadores, pedestres, piões e

guardas de gado, aos que forem mais frouxos e deleixados, como igualmente em abrir vallas, derrubar matos, transportar madeiras dos montes aos rios e estradas, e abrir picadas pelo sertão, para o que são muito proprios, ou tambem ensinando-se-lhes aquelles officios para os quaes tiverem mais habilidade e geito.

25.° Concorrerá muito para acostumar os indios á lavoura, que o missionario por todos os modos possiveis introduza o uso do arado e dos outros instrumentos rusticos europêos, que d'este modo lhes fiquem mais suaves os trabalhos da agricultura, e se não julguem avillados e igualados aos negros, puxando pela enxada. E talvez com o exemplo dos indios ou os brancos das povoações visinhas, ou que se forem estabelecer nas aldêas, os imitem e percam falsos pundonores

26.° Informar-se-ha ao missionario dos meios com que deve contar para a subsistencia da sua aldêa, ou seja em producto da caça e pesca ou em lavoura, para assim poder prevenir qualquer fome futura. Para isto é muito conveniente que nos annos ferteis faça uma reserva de farinha, milho e feijão, que se conservará em celleiro para o anno de escassez.

27.° Igualmente convirá que as roças e lavouras, que se houverem de fazer annualmente para que não falte o sustento dos mesmos indios, sejam em grandeza quasi dobrada da que exige o seu sustento annual, para que haja sempre um excesso que se guarde nos celleiros apontados.

28.° Tambem será conveniente formar-se em cada aldêa uma caixa pia de economia, onde cada familia entre com a pequena parte dos jornaes ou ganhos que tiver; e este dinheiro será posto a render ou no banco da provincia, ou nas mãos de particulares honrados e abonados, debaixo de toda segurança. Para esta caixa pia entrará tambem o dizimo da producção das terras, depois de passados seis annos livres, e o dizimo será o unico tributo que paguem durante os doze annos que se seguirem.

29.° Aos indios bravos mais activos que se vierem aldêar se darão as ferramentas necessarias para a lavoura, como enxadas, machados. fouces, &c., e aos mansos, que tiverem

disposições para artes e officios, os instrumentos precisos, cuidando que não levem descaminho, antes se conservem em bom estado.

30.° Nas aldêas procurará o missionario não só fazer plantar os generos comestiveis de primeira necessidade, mais igualmente os que podem servir ao commercio, como algodão, tabaco, mamona e mendubí para azeite, café, e linho canhamo, para pannos e cordoaria, segundo o clima e natureza do terreno.

31.° Igualmente animará a criação do gado vaccum, cavallar, porcos, carneiros e cabras, que além de lhes ministrar um alimento mais abundante e nutritivo, podem com o andar do tempo ser vendidos para fóra. Para o que lhes dará o exemplo, criando-os elle mesmo, e aproveitando todo o producto do dito gado: será tambem conveniente que dê a principio do leite das suas vaccas ás crianças, para que as mãis conheçam a utilidade da sua multiplicação e conservação, até para a criação de seus filhos, e aos adultos fará presente de alguns queijos e manteiga, a que os irá acostumando. Explicar-lhes-ha com razões sãs e claras os proveitos que devem tirar do seu gado, não só para o melhor e mais certo sustento, mas tambem para o commercio, como disse. D'este modo diminuirá a dieta vegetal e pouco propria á gente de trabalho, e com o mesmo fim, em vez de farinha de páo e de milho, que são pouco digeriveis e sadias, se introduzirá o uso do pão de milho, ou de mistura com farinha de arrôz, de batatas e carás, ou trigo com centeio; pelo menos o uso do fubá ou farinha de milho não fermentada para pollenta ou angú, ou para cuscuz, pão de que usam geralmente os *Arabes* e negros da costa d'Africa, e que é muito nutritivo e sadio.

32.° Aos que mostrarem desejos sinceros de criar alguns d'estes gados, lhes ministrará o missionario as cabeças necessarias, comtanto que primeiro façam curraes e potreiros com ranchos seus, para se abrigarem de noite das féras e das injurias do tempo. Ensinar-lhes-ha o tosar a lã das ovelhas, a mugir o leite, e a tirar partido de toda a sua criação.

33.° Além d'estes meios, procurará por todos os outros

possiveis excitar-lhes desejos fortes de novos gozos e commodidade da vida social, tratando por esta razão com mais consideração e respeito aquelles indios, que procurarem vestir-se melhor e ter suas casas mais commodas e asseiadas; e d'entre estes se escolheráõ os maioraes e camaristas da aldêa. Aos que forem deleixados e mal asseiados, o parocho com o maioral da aldêa castigará policialmente, ou lhes imporá certa coima pecuniaria, que entrará para a caixa pia de economia da aldêa.

34.° Como succede muitas vezes que as indias dão leite a seus filhos por seis e sete annos, cuja lactação prolongada, além de fazer frouxas e pouco sadias as crianças, tem tambem o inconveniente de diminuir a procreação por todo o tempo da lactação, o missionario vigiará que as crianças não mamem por mais de dois annos, quando muito.

35.° Como as bexigas são o maior flagello dos indios bravos, os missionarios deveráõ ser instruidos na vaccinação, inoculando todos os indios que se forem aldêando, e cuidaráõ em vedar toda a introducção de bexigas naturaes nas aldêas; e no caso que estas se manifestem, se deverá separar os bexiguentos para uma casa de enfermaria arredada da aldêa, em sitio proprio e sadio, onde os doentes sejam tratados por pessôas já vaccinadas. O mesmo cuidado haverá em evitar todas as molestias contagiosas, mórmente as de pelle, como sarnas, mal de S. Lazaro, &c.

36.° Procuraráõ os missionarios estabelecer relações entre differentes aldêas dos indios e povoações de brancos, não só para se soccorrerem mutuamente em caso de desordens e levantamentos, mas igualmente para a saca de generos comestiveis e outros, de umas povoações para outras, assim para o commercio, como em caso de carestia ou escacez de viveres. Este objecto deve ser muito recommendado aos governos provinciaes, que o devem promover até com sacrificio do thesouro publico.

37.° Será util, para promover as compras e vendas entre os indios e os brancos, que haja nas aldêas dias certos e determinados de mercados ou feiras, as quaes serão vigiadas

pelo maioral e parocho, para se evitar que os indios ainda boçaes não sejam enganados pelos brancos nas suas compras e vendas: não convém outrosim que nas aldêas novas haja communicação desregrada entre a nossa gente e os indios, d'onde nascem mil abusos e immoralidades. Se os nossos, apezar da policia, enganarem aos indios, e lhes prejudicarem com lezão enorme, o parocho e maioral, depois de tomarem conhecimento summario e verbal do caso, suspenderáõ semelhantes contratos, e darão parte ás justiças das terras d'onde forem os enganadores, para que pelos meios legaes procedam no que fôr de justiça.

38.° Quando estes indios contratarem com a nossa gente para lhes darem tantos dias de trabalho por certo jornal ou vestuario, para ser valido este ajuste deve ser com approvação do parocho e maioral da aldêa, e se passará por escripto o contrato, para que possam obrigar as partes a seu pleno cumprimento; e será bom outrosim que semelhantes contratos sejam por limitado tempo, fazendo-se-lhes conhecer os males a que ficam expostas na sua longa ausencia suas mulheres e filhos, e quanto lhes será melhor plantarem e colherem elles mesmos para si, do que para os outros.

39.° Nas aldêas, em cuja visinhança houver animaes ferozes ou formigas damninhas, se estabelecerá um premio pecuniario para qualquer que matar um desses animaes ferozes, ou tirar um formigueiro.

40.° Como em todas as sociedades não possa haver felicidade e progressos sem que a industria seja animada e recompensada, e os crimes castigados e prevenidos, os missionarios e justiças visinhas vigiaráõ e se darão as mãos para que os crimes e desordens dos indios não fiquem impunes; e logo que o maioral e missionario da aldêa precisar para prender o culpado de ajuda de soccorro, recorrerá aos commandantes dos presidios, ou ás justiças visinhas, tendo-lhes formado culpa summaria.

41.° Quando as necessidades publicas exigirem o emprego de braços indianos, estes serão entregues a quem tiver direito da riquisição, procedendo-se por turnos, segundo as listas exactas que deve haver na aldêa, regulando-se com jus-

tiça o tempo dos seus serviços e seus jornaes, para lhes serem indefectivelmente pagos.

42.° O missionario ou parocho de qualquer aldêa nova deverá fazer uma lista nominal, por familias e idades, de todos os indios alli estabelecidos, notando n'ella o seu caracter e a sua industria e aptidão, e esta lista irá augmentando á proporção que fôr crescendo a aldêa em novos colonos. N'estas listas se declarará as quantidades e qualidades das terras cultivadas por cada familia como igualmente se notaráõ todas as obras de industria fabril de cada uma das mesmas familias. No fim de cada anno remetterá uma tabella exacta ao tribunal provincial encarregado, como diremos, do governo de todas as missões e aldêas de indios da provincia.

43.° Debalde se mandaráõ executar estas e outras disposições, se não houver um corpo de tribunal superior, que vigie sobre a administração assim ecclesiastica como civil de todas as aldêas de cada provincia: portanto em cada uma d'ellas, em que houver indios bravos que catechizar e civilisar, haverá um tribunal conservador dos indios, composto do presidente do governo provincial, do bispo, do magistrado civil de maior alçada da capital, de um secretario, e dos officiaes papelistas necessarios, que serão pagos pela caixa geral dos productos das vendas das terras vagas, e de outros redditos extraordinarios que n'ella deverem entrar.

44.° Este tribunal terá a seu cargo: 1.° Receber as contas e participações do estado de cada uma das aldêas, que serão remettidas e assignadas pelo parocho e maioral da aldêa, com as listas nominaes de que falla o § 42. 2.° Ouvirá e responderá ás representações dos mesmos missionarios e maioraes, e das justiças territoriaes em negocios concernentes aos indios e aldêas. 3.° Despachará todos os requerimentos das partes queixosas que a elle recorrerem. 4.° Protegerá os indios contra as vexações das justiças territoriaes e capitães móres. 5.° Dará todas as providencias necessarias e novas, que requerer o augmento da civilisação dos mesmos indios. 6.° Procurará com o andar do tempo, e nas aldêas já civilisadas, introduzir brancos e mulatos morigerados para misturar as raças, ligar os intereses reciprocos dos indios

com a nossa gente, e fazer d'elles todos um só corpo da nação mais forte, instruida e emprehendedora ; e d'estas aldêas assim amalgamadas irá convertendo algumas em villas, como ordena a lei já citada de 1755. 7.° Para que os indios bravos que se vêm aldêar, por qualquer motivo insignificante ou capricho, não abalem outra vez para o mato e achem escondrijos, procurará por todos os meios possiveis que este plano de civilisação seja geral e simultaneo por toda a provincia, quando menos, ordenando entradas continuas de bandeiras que explorem os matos e campos, pacifiquem as nações nossas inimigas, e continuamente tragam indios bravos para nossas povoações. 8.° Para extirpar a apathia habitual dos indios, e influir-lhes novos brios, mandará fazer companhias civicas, fardamento accommodado ao clima e costumes dos mesmos indios, que nos dias santos façam os seus exercicios no pateo da aldêa, e se vão assim acostumando á subordinação militar, e sirvam para a policia das mesmas aldêas e districtos. 9.° Cuidará quanto antes que os rapazes indios, que tiverem mostrado mais talentos e instrucção nas escolas menores das aldêas, venham frequentar as aulas de latim e outras do gymnasio de sciencias uteis, que deve haver em cada capital das provincias, os quaes serão sustentados como pensionarios do Estado. 10.° Dos que tiverem feito mais progressos nas aulas, e tiverem mostrado melhor comportamento, escolherá os maioraes e chefes militares, não só para as aldêas dos indios, mas tambem com o andar do tempo para as povoações brasileiras, tendo-se muito em vista favorecer em iguaes circumstancias os de origem indiana, para se acabarem de uma vez preoccupações anti-sociaes e injustas. 11.° Igualmente fará ordenar d'entre os alumnos os que tiverem mais vocação para o estado ecclesiastico, que entrarão no collegio ou congregação dos missionarios, e em outros beneficios da igreja. 12.° Finalmente todos os annos remetterá uma conta circumstanciada do estado ecclesiastico e economico de todas as aldêas da provincia, e requererá, se preciso fôr, novas modificações ou ampliações ao regimento geral para a catechização dos indios, que deve quanto antes formar o poder legislativo.

Tenho apontado todos os meios que me parecem mais

convenientes e adaptados para a civilisação e prosperidade futura dos miseraveis indios, para que tanto devemos concorrer, até por utilidade nossa como cidadãos e como christãos. Permitta o céo que estes meus toscos e rapidos apontamentos possam ser aproveitados, corrigidos e emendados pela sabedoria da assembléa geral constituinte e legislativa, como ardentemente desejo. Rio de Janeiro, 1.° de Junho de 1823.—*José Bonifacio de Andrada e Silva.*

V

Mostra a experiencia que a mata intacta do ferro e do fogo conserva-se em toda a sua espontanea reproducção das arvores proprias do seu local, e que na madureza dos fructos a natureza se occupa em perpetuar a sua geração (123), em quanto outros sobem ao seu maximo crescimento. Não se encontraram nas matas de *Mapendipé*, comarca dos Ilhéos, durante a inspecção do desembargador Francisco Nunes da Costa, arvores de cujos troncos se tirassem certas peças necessarias para a construcção da fragata *Carlota*; e volvidos apenas doze annos, extrahiram-se d'alli mesmo outras peças ainda de maior dimensão para a náo de 74 *Principe do Brasil*. E' igualmente confirmado pela experiencia, que reduzido o tronco de qualquer arvore derrubada a uma superficie plana, e coberta esta com o estravo do boi e sumo de tanchagem, póde ser aproveitada nos futuros tempos, conservados os renovos que forem necessarios á sustentação da mesma arvore. Os pomareiros francezes empregam com proveito o que chamam unguento de S. Fiacre, com o qual cobrem as feridas feitas nos troncos e ramos, até que as tenha coberto a producção da casca; e é d'este unguento que falla o illustrado Mozinho de Albuquerque (124), quando diz:

(123) *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéos.*

(124) *Georgicas Portuguezas*, canto XI, pag. 77.

No outono sábia mão de inuteis braços
Despojará as arvores, e attenta
Na doce primavera os curtos garfos
Nas fendas metterá dos novos troncos,
Ou nos abertos cascos as borbulhas,
E com o proprio unguento humedecidas
As chagas cobrirá das plantas suas.

A abundancia e a força de vegetação na America Meridional, nota o principe Maximiliano (125), é uma consequencia da grande humidade espalhada por toda a parte n'estas florestas. A America tem a esse respeito uma immensa vantagem sobre as outras regiões equatoriaes, e já fez esta observação o barão Humboldt (126) dizendo : « A pouca largura d'este continente, retalhado de mil maneiras, o seu prolongamento para os pólos glaciaes ; o oceano cuja superficie é varrida pelos ventos regulares ; o achatamento da costa oriental, as correntes d'agua frigidissima, que existem desde o estreito de Magalhães até o Perú ; as numerosas cadêas de montanhas cheias de mananciaes, e cujos cumes cobertos de neve elevam-se muito acima da região das nuvens ; a abundancia de immensos rios, que, depois de multiplicados regiros, vão sempre procurar as costas mais longinquas ; os desertos não arenosos, e por conseguinte menos susceptiveis de impregnarem-se de calor ; as florestas impenetraveis que cobrem as planicies do Equador cheias de rios, e que nas partes do paiz as mais afastadas do oceano e das montanhas dão nascimento a enormes massas d'agua que ellas têm aspirado, ou que se formam pelo acto da vegetação; todas estas causas produzem nas partes baixas da America um clima, que contrasta singularmente pela sua frescura e humidade com o da Africa. E' a ellas unicas que se deve attribuir esta vegetação tão forte, tão abundante e rica em fructos, e essa folhagem tão espessa, que formam os caracteres particulares do novo continente. »

(125) *Voyage au Brésil*, cit. pag., tom. I.

(126) *Tableaux de la Nature, trad. d'Eyriés*, tom. I, pag. 22.

X

Não obstante o gigantesco volume das principaes arvores que ornavam as antigas florestas, conhece-se pelas que ainda existem a exactidão das observações feitas por Pison, Marcgrave, Oviedo e outros, ácêrca da pequena profundidade das raizes das mesmas arvores, fugindo, como por instincto á frieza da terra que se conhece, apenas penetradas cinco ou seis pollegadas, e estendendo-se pela superficie do solo, a cujo respeito escreveu o padre Labat (127) : *La plupart des arbres de l'Amérique ont peu de racines en terre, et ils ne sont soutenus que par des grandes griffes, dont les extremités semblent plutôt ramper sur la terre, qu' y pénétrer suffisement pour y prendre nourriture ; en effet, elles n'y entrent pas de la profondeur d'un pied.* Essas raizes cercam todo o tronco das arvores até a altura de oito palmos acima da superficie da terra, d'onde descem, diminuindo até a sua extremidade, de sorte que formam entre si e o tronco quasi tantos angulos rectos quantas são as raizes que o cercam ; e d'aqui vem que qualquer tormenta ou vento forte, impellindo sobre as grandes ramadas, as lança facilmente por terra, arrastando n'essa quéda outras arvores talvez mais preciosas do que ellas. Um dos maiores perigos da minha vida, diz o bispo Azeredo Coutinho (128), foi atravessando eu pelo sertão de Bacachá do Rio de Janeiro para os campos de Ocutacazes, na occasião de uma grande tormenta: muitas vezes me vi quasi sepultado debaixo de grandes madeiras, que, cahindo, atravessavam o estreito do caminho por onde eu passava ; os mesmos ramos das arvores, quebrando-se com o choque uns dos outros, são muitas vezes mais perigosos, por isso que se precipitam mais depressa e sem o maior estrondo : é um perigo a que estão sujeitos os que passam por semelhantes matas em taes occasiões, assim como os que cortam aquellas madeiras sem todas as cautelas.

(127) *Voyage aux Iles de l'Amérique*; tom. II, cap. XII pag. 231.
(128) *Ensaio economico* cit., pag. 102.

V

« Em nenhuma época se desconheceu a utilidade da cultura das arvores ; e o respeito ás arvores é recommendado pelos melhores philosophos. O historiador de Cyrus põe no numero dos titulos de gloria d'este principe o haver assim plantado toda a Asia menor. Nos Estados-Unidos, apenas um lavrador se vê pai de uma filha, planta uma pequena floresta, a qual crescendo com a criança, vem a ser o seu dote de casamento. Sully plantou em quasi todas as provincias da França grande numero de arvores, das quaes existem ainda algumas, que a veneração publica honra com o nome d'este grande homem ; ellas fazem lembrar hoje o que á vista de uma plantação dizia Addisson: *por aqui passou um homem.* No Brasil (quem o creria !) são entregues ao machado e ás chammas !! E' tempo pois ainda que os brasileiros saiam de seus descuidos, e attendam á sorte futura de seus filhos. E' de sua propria utilidade não só conservar e pensar suas matas virgens, mas cuidar em plantar novas florestas, que venham resarcir as que a ignorancia destruiu. E' tambem de summo interesse á saude publica que no Brasil se plantem arvores á borda das estradas, e nas cidades e villas nas ruas largas e praças, á imitação dos *boulevards* de França, ou dos *esquires* de Inglaterra. As folhas das arvores absorvem o gaz acido carbonico, que compõe grande parte do ar que respiramos, mas que por si só não é respiravel, e sua abundancia asphixia e mata o homem. As plantas, ao contrario, dão o oxygenio, que é esta parte do ar mais propria á respiração e á saude. Além d'isto todo o paiz póde enriquecer-se com aquillo mesmo que faz o seu ornamento. Se plantarem, diz o sabio J. B. Say, arvoredo em todo o lugar que elle póde nascer, sem prejudicar os outros productos, o paiz ficará, além de mais formoso, mais salubre, cuja multiplicação provocará abundantes chuvas, e o producto de suas madeiras n'um paiz vasto póde subir a valores consideraveis. E' pois d'esta arte, e com este

duplicado interesse, que se tornaráõ menos sensiveis os ardentes estios do nosso clima.— *Jose' Bonifacio de Andrada e Silva.*

Z.

Ha sessenta annos, escrevia M. de Paw em 1771 (129), que uma esquadra franceza chegada á França das ilhas d' America trouxe para Europa, onde não eram conhecidos, os primeiros gusanos, cuja reproducção foi tão rapida, que actualmente infestam todos os portos europêos; e lêm-se em uma memoria publicada por M. Deslandes, commissario da marinha, os nomes dos navios que compunham essa esquadra, e dos officiaes que os commandavam. Esses insectos, que têm feito tremer a Zelandia, e que parece serem originarios da America, tiveram como em permuta ou retribuição os morcegos e os ratos, que, segundo se diz, não existiam em o novo continente, e onde seu crescimento foi tal, que a não terem encontrado nas cobras os maiores inimigos, commetteriam em algumas ilhas os mesmos destroços que occasionaram os coelhos nas ilhas Baleares, na de Porto Santo, e na Hespanha. Pelo menos assegura M. Zarate (130), que os primeiros ratos chegados ao Perú em 1524 foram transportados a bordo de um dos navios que compunham a expedição enviada pelo bispo de Plaisance á descoberta das terras austraes, e que aportára á cidade de los Reis, tendo passado o estreito de Magalhães. Os indios davam-lhes o nome de *ococha*, que significa cousa que veiu do mar.

AA

Não cabendo nos limites prescriptos á esta *Memoria* tratar das plantas medicinaes, nem, ainda que o coubesse, sendo

(129) *Recherches Philosophiques*, tom. I., pag. 9.
(130) *Conq. du Perú*, pag. 155.

eu incompetente para isso ; comtudo, posto que a esse respeito bastantemente têm escripto os abalisados Fr. José Mariano da Conceição Velloso (131), Martius, Spix, Humboldt, Saint-Hilaire e outros, faço votos para que prevaleça o pensamento do mesmo Saint-Hilaire, quando diz (132): «*S'il existait au Brésil un plus grand nombre d'hommes instruits, le gouvernement de ce pays ferait une chose extrêmement utile, en nommant dans chaque province une commission, qui serait chargée de soumettre à un examen attentif toutes les plantes dont les colons font usage pour soulager leurs maux. Par ce moyen on pourrait arriver á avoir pour les végétaux une matière médicale brésilienne, qui éclairerait sur des rèmedes insignifians ou dangereux, et qui en même temps ferait connaître aux nations et aux étrangers une grand nombre de végétaux salutaires.* » Lembrei na *Corographia Paraense* a vantagem que resultaria de ser encarregado de igual commissão na provincia do Pará o Sr. Dr. Antonio Corrêa de Lacerda, illustrado naturalista, residente agora na capital do Maranhão, sobre cuja capacidade tambem fallou na camara electiva o sabio e venerando metropolitano actual do Brasil, em sessão de 27 de Maio de 1826, indicando a necessidade de semelhaute medida ; mas tudo isso não passou de um trabalho perdido.

(131) Comprehende 1640 vegetaes, classificados conforme o systema de Linneo, a *Flora Fluminense*, escripta por este abalisado religioso mineiro, e acham-se apenas gravadas as estampas de sua interessantissima obra, não chegando a concluir-se a impressão do primeiro volume de texto, começada na typographia nacional da côrte. Essas estampas, abertas e impressas em Paris, com grave dispendio do antigo governo, tem por titulo : *Floræ Fluminensis Icones fundamentales ad vivum expressæ jussu Illustrissimi ac Præstantissimi Domini Aloysii Vasconcellos et Sousa, a sacratioribus conciliis S. Magestatis, totius ditionis Brasiliæ mari terraque Prætoris generalis, ac Pro-Regis IV Fluminensis, etc., curante Fr. Josepho Mariano a Conceptione Velloso. Presbytero regulari strictioris observantiæ Sancti Francisci Fluvii Januarii.* Paris, 1790, 11 vol. in-fol.

(132) *Voyage au Brésil*, tom. ii., pag. 93.

BB

« João Manso, muito conhecido no Rio de Janeiro pelas suas letras e estudos de chimica, fez alli a porcelana, o verniz, e o charão tão perfeito como o melhor da India: o Exm. Luiz de Vasconcellos me fez vêr n'esta cidade de Lisboa uma banca de charão, que se dizia feita pelo dito Manso, na qual vinha retratada em ouro de diversas côres a cidade do Rio de Janeiro, e marcadas algumas ilhas d'aquella barra para dentro; obra que fez admirar aos melhores conhecedores da arte: o principal ingrediente da composição do verniz é a gomma da arvore *Jatobá*, dissolvido em aguardente muito forte.—Bispo Azeredo Coutinho, *Ensaio Economico*, cit.

CC

Não será desarrazoado noticiar por esta occasião, que os primeiros casaes de gado vaccum e cavallar chegados á capital da Bahia, e que serviram de base ao estabelecimento das fazendas de tal criação, que ora existem n'esta e em outras provincias, vieram no anno de 1550 das ilhas de Cabo Verde (133). Custava então cada vacca 100$, preço este que foi gradualmente diminuindo, á medida do crescimento da producção; e é ao governo previdente d'aquelle tempo que se deve semelhante introducção. Dominado D. João III d'este espirito, que tanto o distinguiu pela colonisação do Brasil, determinou aquella remessa, encarregando ao governador Thomé de Sousa que distribuisse os referidos casaes pelos moradores que achasse mais capazes de promoverem a producção de taes especies, descontando-se-lhes no que vendessem por soldos e ordenados o valor respectivo. Convém saber que ainda n'essa épocha não havia aqui mercadores,

(133) Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*; Pero de Magalhães, *Tratado da terra do Brazil;* e Varnhagem, *Corog. Cabo-verdiana*, tom. II. pag. 356.

por não offerecer-lhes o paiz proporções para o commercio, e que aquelles soldos e ordenados eram pagos pelo custo de Lisboa em generos, que vinham todos os annos na armada. Foi tambem do archipelago do Cabo Verde que chegaram os primeiros casaes de ovelhas e cabras, bem como alguns jumentos, a planta da taióba, e as sementes do arroz e dos coqueiros asiaticos (*Cocos nucifera*, L.), palmeiras estas que fructificam em muito menos tempo do que na India, seu paiz originario, onde commummente são para isso precisos vinte annos. A primeira planta do gengibre veiu da ilha de S. Thomé, e meia arroba d'elle que se repartiu por varias pessoas, produziu d'ahi a quatro annos mais de quatro mil arrobas de qualidade superior ao da India, e de maior vantagem, mas foi prohibida por ordens régias essa cultura (134). Nota-se porém que não medrou a principio na comarca de Porto Seguro a criação do gado vaccum, por causa de certa hérva que lhe occasionava enfermidade mortal, ao passo que a producção dos jumentos foi tamanha que até se tornaram bravios.

D D

M. de la Roquette refere em uma de suas notas já citadas haverem-se achado junto ás margens do Ohio ossadas que a principio foram reputadas substancias mineraes, por não se conhecerem animaes de tamanha

(134) Tinha por fim esta prohibição o evitar a quebra d'esse ramo de commercio da India; mas annullou-se depois semelhante ordem, facultando-se aos moradores do Brasil, em provisão do conselho ultramarino de 24 de Abril de 1642, semearem gergelim e anil nas terras que não fossem proprias para a plantação de cannas, sendo porém obrigados a plantar mandióca em outra igual porção de terreno; podendo navegar aquelles generos para Portugal, pagos os respectivos direitos. Por outra provisão do mesmo conselho ultramarino de 10 de Abril de 1671 foi isento de meios direitos, por espaço de cinco annos, o gengibre de producção do Brasil que se transportasse para aquelle reino. Veja-se o *Indice chronol. remiss. da legislação portugueza*, pelo desembargador João Pedro Ribeiro, parte III,

estatura, em quanto o Dr. Hunter não examinou attentamente muitos pedaços dos dentes queixaes e maxillares, enviados de Ohio para Londres, pelos quaes verificou-se pertencerem, não a elephantes, que parecem confinados na zona torrida, mas a algum animal carnivoro de grande volume.

Existem ainda na villa de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas d'esta provincia descendentes de pessôas relacionadas com um antigo morador em Villa Velha chamado Anacleto Pereira, que affirma, por tradição de seus maiores, haver aquelle Anacleto visto sahir do centro da Lagôa Grande, proxima á essa povoação, onde costumava pescar, um gigantesco animal, que seguiu na direcção da Vereda, deixando aberto largo caminho pelo mato por onde passava. Cada uma de suas pégadas, parecidas com as do gado vaccum, occupava o espaço de palmo e meio quadrado; e comvém saber que isto se diz acontecido durante uma sêcca rigorosa de dois annos successivos, que até esgotou o rio Bromado, e fez abrir a cacimba que ainda se conserva na predita villa.

O receio de semelhante animal apenas permittiu que lhe fossem no encalço o mesmo Anacleto e outros por espaço de duas leguas, e presume-se ser d'elle a ossada que volvidos muitos annos achou Carlos Fagundes no fundo de um tanque natural ou caldeirão de suas terras, entre os lugares conhecidos por Arraial e Noruega. D'essa ossada porém extrahiu tão sómente aquelle Fagundes um osso da cartilagem dorsal, e um dente alvissimo e perfeito, que, apezar de ser da ordem dos minimos, pesava quatro libras, e foi remettido ao governador conde da Ponte. Além d'esta ossada, achou-se outra já destruida na profundidade de outro caldeirão, na fazenda Santa Rosa, do termo da villa de Montes Altos.

EE

Enganou-se o illustre historiador Robertson, quando escreveu ser a anta o maior animal de toda a America, pois

que é sabido que o bufalo, quadrupede que sómente se encontra na America Septentrional, tem o tamanho de um boi ordinario, tamanho a que não chega a anta, sendo ainda maior o cervo do Canadá.

F F

As serpentes por excellencia venenosas, ou de presas isoladas (dentes incisivos isolados, diz Cuvier), têm uma estructura mui particular nos orgãos da manducação. Os ossos maxillares ou queixaes superiores são pequenos, sustentados em um longo pediculo analogo á *apoplyse pterigoida*, pequena elevação natural resaltada no corpo dos ossos com a configuração de azas externas do *sphenoide* (osso do craneo em forma de cunha), e muito movediços; ahi se fixa o dente agudo, atravessado por um pequeno canal, que dá sahida ao licor filtrado por uma glandula consideravel situada por baixo do olho. Este licor é que injectado e derramado na incisão pelas presas promove a devastação do corpo dos animaes, produzindo effeitos mais ou menos funestos, conforme a especie do reptil que deu a dentada. Occultam-se esses dentes n'uma prega da gengiva, quando a serpente não se quer servir d'elles, e tem por detraz de cada presa, como em reserva, muitos germens de novas presas destinadas a substituir a existente, no caso de que se quebre á dôr a dentada.

Os naturalistas denominam a estes dentes venenosos *presas moveis*, mas, propriamente fallando, elles não são mais do que o mesmo osso maxillar que se move, pois que o queixo das serpentes venenosas não têm outros dentes afóra estes; e tanto que na parte superior da bocca d'esta especie de serpentes malfazejas não se descobre senão duas ordens de dentes molares. Veja-se o *Auxiliador da Industria Nacional*, vol. II, pag. 53.

GG

« Inveniuntur in Mediterraneo (diz o venerando Anchieta) (135), angues admirabilis magnitudinis, quos *Çucuryúba* Indi vocant et hi quidem fere semper in fluviis vivunt, ubi animalia terrestria frequenter tranantia capiunt ad escam : sed et aliquando etiam exeunt ad terram, adoriunturque ea in semitis, qua solent huc illuc discurrere. Horum quanta sit corporis moles, haud facile est creditu ; cervum solidum deglutiunt, et alia etiam maiora animalia. Probata res est omnium consensu ; aliqui ex fratribus nostris viderunt cum stupore, adeo ut unus ex eis cum anguem aliquando fluvio natantem videret, malum navis existimaverit. Hi, ut aiunt, carent dentibus (136), solumque animalia spiris involvunt, caudaque per podicem adacta necant, vi oris commecerant, et integra deglutiunt. De his mira referam, sed nescio an credibilia, ea tamen, quæ omnes tum Indi, tum Lusitani, qui multos ætatis suæ annos in hoc orbe transegerunt, uno ore affirmant.

Deglutiunt hi, ut dixi, animalia quedam grandia quæ *Tapiidra* Indi vocant (de quibus paulo post) ; quæ cum non possit stomachus digerere, jacent humi velut exanimes, non valentes se movere, donec venter simul cum cibo computuerit : tum aves, quœ laniatu vivunt, uterum dilaniant, et totum cum pabulo absumunt ; deinde informis et semivoratus anguis incipit reformari, succrescunt carnes, superextenditur cutis, et in pristinam formam restituitur. »

(135) *Epistola quam plurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii, nunc S. Pauli; provinciam incolunt, sistens descriptionem*, § VIII.

(136) *Non carent dentibus: contra autem armatœ sunt numerosis, acutissimis, similibus, retroflexisque, duplici ordine in maxilla superiori, simplici tantum in inferiori dispositis, quibus valide prædam aprehendunt.* Ordones *in Annot.*.

Acêrca porém das giboias refere Gabriel Soares (137) ter visto a pelle de uma, que tinha quatro palmos de largo, e haverem morto outra os vaqueiros da fazenda ou curral de Garcia d'Avila, que pesava mais de oito arrobas. e tinha noventa e tres palmos de comprimento.

Este extraordinario tamanho, que não poderá ser contestado por quem houver percorrido com vistas observadoras as provincias centraes do Brasil, associa á lembrança os conceituosos versos do famoso litterato José Agostinho de Macedo (138) :

Das campinas da America desvia
A Musa o canto seu. Disforme cobra,
Que, atravessando rapidas torrentes,
A frente tem n'um lado, e n'outro a cauda,
Si se enrosca em si mesma, e aguarda as presas,
Dos orbes espiraes acima eleva
A medonha cabeça, e espalha em torno
A luz ferrenha dos terriveis olhos.
Desgraça ao gado misero que pasce!
O sanhudo dragão lhe enlaça o corpo,
E exhala o touro os ultimos arrancos.
Não sequaz d'optimismo o mal conheço,
Que hediondos reptis na terra espalham ;
São flagellos da colera divina.
São da bondade tutelar a prova,
Pois dos terriveis toxicos se tiram
Armas, que á fria morte a fouce embotam.

HH

Jefferson (139) affirma existirem na America bois, cavallos e porcos tão grandes, e muitas vezes maiores que na Europa ; e o abbade Pernety (140) ainda foi mais amplo

(137) *Noticia do Brasil*, parte II, cap. CLX.

(138) *Meditação*, canto III.

(139) *Notes on State of Virginia, London*, 1797.

(140) *Dissertation sur l'Amérique*, pag. 157.

quando escreveu : *J'ai vu au Brésil et sur le rivage du Rio de la Plata des taureaux aussi gros et aussi forts que les plus gros de France. Sans doute qu'ils sont ordinairement plus grands, puisque dans le commerce prodigieux que l'on y fait de leurs cuirs pour les porter en Europe, ceux que l'on appelle* cuirs verts *ou non préparés doivent avoir dix pieds de la tête à la queue pour être marchands. Les chèvres et les brebis y sont aussi de la plus grande taille. La race espagnole des chiens de chasse y est admirable, et y a si peu dégéneré pour le corps, l'instinct et le génie, que les chiens d'arrêt du gouverneur de l'île Saint-Catherine étaient hauts comme les plus grands chiens qu'en France on appelle danois, et gros comme des limiers. Il nous en donna deux de l'âge de trois ou quatre mois, qui arrêtaient déjà naturellement, et que M. de Bougainville conduisit en France.* »

BIOGRAPHIA

Dos brasileiros distinctos por letras, artes, armas e virtudes, etc.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

§ 1.º

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos 3 dias de Maio de 1660.

Se dermos credito ao conego Januario da Cunha Barbosa, foi elle filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua Relação

Se porém considerarmos mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barbosa Machado (1), foram seus progenitores João Velho Gondim e D. Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

Sebastião da Rocha Pitta encetou seus estudos no collegio dos jesuitas da Bahia; tomou o grão de mestre em artes e habilitou-se para cursar as aulas da universidade de Coimbra e seguir os estudos superiores. Como eram seus pais abastados de riquezas, foi na idade de dezeseis annos mandado para Portugal, e em Coimbra formou-se bacharel em canones.

Regressou ainda joven para sua patria, e para companhia de seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças; casou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se a uma fazenda que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Ahi foi seu viver de muitos annos tranquillo, sereno e socegado; prazeres domesticos lhe embalaram a existencia;

(1) *Bibliotheca Lusitana*, tomo 3.º

intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna e de esperançoso porvir, vivificaram-lhe o espirito e suavisaram-lhe a alma ; não lhe perturbou os dias nenhum d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida ; não os entristeceu nenhuma d'estas dôres e afflicções, que soffrem mais ou menos, com maior ou menor intervallo, quasi todos os entes humanos. A sua vida não apresenta emfim circumstancia notavel. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas se não movem ao sopro da viração.

E entretanto em torno d'elle quantos acontecimentos graves tiveram lugar, e que nem lhe mereceram a attenção !

D. Pedro II prendêra a seu irmão D. Affonso VI; governára o reino na qualidade de regente até 1683, e como rei até 1706 ; tiveram lugar todas essas longas e sanguinolentas guerras por causa da successão da corôa hespanhola, guerras que devoraram grandes quantidades de dinheiro e soldados a Portugal, á Hespanha, á Allemanha, á França, á Inglaterra e á Hollanda.

No Brasil terminaram-se por fim as continuadas lutas entre hollandezes e portuguezes, expellidos aquelles por estes do rico territorio que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado ; lutas estas, que demoraram o engrandecimento do paiz, perturbaram a regularidade do seu commercio e a liberdade da sua navegação, tão necessarias a uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brasil : o Piauhy foi explorado e conhecido ; os sertões da capitania de S. Vicente, que formam actualmente a provincia de Minas Geraes, foram visitados e axaminados pelos intrepidos sertanejos de S. Paulo e Taubaté; Fernando Dias Paes e Garcia Rodriguez Paes (2) dobraram os desertos, e além do Serro do

(2) Fernando Dias Paes foi o primeiro sertanejo que descobriu, pelos annos de 1664, minas de ouro e pedras preciosas no interior da actual provincia de Minas. Seu irmão, Garcia Rodrigues Paes, em 1683 obteve patente de capitão-mór das entradas e descobrimentos das minas de esmeraldas. Outros sertanejos, paulistas e taubatenos, obtiveram grande nomeada com as suas explorações, e receberam tambem d'el-rei D. Pedro II premios honorificos do fòro da casa real, concessões de habitos das ordens militares, e outras graças.

Frio, depararam com abundantes minas de ouro, de esmeraldas e de outras pedras preciosas. Para tão longiquas terras foi attrahida a attenção e a avidez de copia extraordinaria de portuguezes e de estranhos.

Succederam emfim os tristes desastres de Carlos Duclerc, a empreza aventurosa de Duguay-Trouin, e as perdas extraordinarios que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos é tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam a seu paiz, não tiveram forças para arrancarem do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, dedicado exclusivamente á solidão da vida intima.

Alli, no meio dos trabalhos agricolas e da paz da familia, lia, no seu repouso, todas as obras litterarias e scientificas da epocha ; descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas : sua primeira reputação litteraria foi de poeta, se bem que de poeta mediano ; cansou-se brevemente do trabalho do verso e da difficuldade da metrificação, e abandonou a rima e a poesia ; escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o portuguez Francisco de Moraes compozéra no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas ; a imitação porém de Sebastião da Rocha Pitta não obteve a nomeada, que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiaes da lavoura, e n'estes folgares do espirito, se passou mais da metade da carreira mundana de Sebastião da Rocha Pitta ; se pela mesma forma a completasse, de certo que seu nome teria morrido com elle.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brasil, E foi um glorioso pensamento que teve, e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciaes da historia

do Brasil; as de Balthasar Telles (3) e do padre Simão de Vasconcellos (4), e a historia da guerra entre hollandezes e portuguezes por Francisco de Brito Freire (5); estas e outras obras porém, que algumas noções historicas e estatisticas apresentavam ácêrca do Brasil, não bastavam como materiaes para a composição de uma verdadeira historia.

Era preciso recorrer aos manuscriptos e aos documentos, revolver as bibliothecas publicas; as secretarias de Estado, os depositos e archivos reaes, conventuaes e particulares; examinar itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas, descripções militares; era immensa a tarefa, de difficillima execução, de trabalhos muito longos e penosos; a vida de um homem parecia á primeira vista curta para emprehendel-a e leval-a ao cabo!

O Brasil no entretanto carecia de uma historia que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos e não impressos ácêrca do seu descobrimento, da sua colonisação, das suas nações de indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos por que teve de passar desde seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica; e maior gloria lhe caberia se fosse essa historia escripta por um seu filho, do que por qualquer outro estranho, que lhe fosse muito embora affeiçoado.

Sebastião da Rocha Pitta calculou todas as difficuldades de sua empreza; assentou de vencel-as. Para conseguil-o, deixou seu descanso e seu repouso, e despediu-se das mar-

(3) *Chronica da Companhia de Jesus da provincia de Portugal*, 1645.

(4) *Chronica da Companhia de Jesus da provincia do Brasil*, 1663. *Vida do veneravel padre José de Anchieta, apostolo do Brasil*, 1672. *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*, 1668. *Vida do veneravel padre João de Almeida*, 1658 e 1662. São estas as obras do celebre litterato jesuita Simão de Vasconcellos.

(5) Francisco de Brito Freire, nascido em Coruche em 1623, foi capitão da armada do Brasil, e governador e capitão general de Pernambuco e Maranhão. Publicou em 1670 a *Historia da guerra brasilica*, obra de muito criterio e importancia: falleceu em Lisboa em 1692.

gens alegres e pittorescas do bello Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame de todos os documentos e manuscriptos que existiam nos archivos dos conventos de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, que eram as tres ordens que no Brasil se fundaram, e nas livrarias dos collegios dos jesuitas da Bahia, do Rio de Janeiro e de S Vicente; passou-se depois para Lisboa, e lá se entregou de todo o coração, applicando toda a actividade do seu espirito, e despendendo não pequenas sommas pecuniarias á indagação conscienciosa de todos os papeis que lhe podessem ministrar elementos para escrever a sua historia.

Não contente com as noticias que pôde obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula e na castelhana que perfeitamente sabia, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos n'esses idiomas, dos quaes podesse colher elementos proveitosos á sua empreza.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalisar no anno de 1728.

Em 1730 foi publicada a *Historia da America Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de* 1724, por Sebastião da Rocha Pitta.

A obra foi muito applaudida; todos os sabios contemporaneos a leram e elogiaram; a Academia Real da Historia Portugueza a fez examinar por uma commissão de seus membros, e approvou o parecer, tecendo-lhe grandes encomios, e mandando diploma ao seu autor de academico supranumerario. O bispo de Lacedemonia, na qualidade de censor dos inquisidores, escreveu a seu respeito uma memoria, que faz honra a ambos, ao critico e ao historiador.

El-Rei D. João V, nomeou-o fidalgo da sua real casa.

Sebastião da Rocha Pitta retirou-se então para a Bahia, e para o seu dourado repouso; reviu sua casa, seus bens e seus amigos; alli quiz passar os ultimos dias de sua vida, tão tranquillamente como passára os primeiros dias d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruraes, ora

chamando em seu auxilio a deliciosa musa, que tantos encantos lhe déra, e tantas venturas lhe causára, ora no gremio da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, extensa prole de seus pacificos amores, mirando-se n'elles como sua imagem, procurando por seus animos diffundir as amaveis e candidas virtudes que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e apraziveis, que encantam e enthusiasmam continuamente.

N'essa tranquillidade do corpo o do espirito o veiu encontrar a morte no anno de 1738; baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno, como vivêra.

§ 2.º

Ha uma escola de historiadores, que considera ser sua missão o narrar os acontecimentos, o pintar os costumes, e o descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a analyse a mais ligeira, o mais leve juizo; a historia, no seu sentir, é a acta fiel e verdadeira dos tempos, é a chronica dos factos succedidos; é a descripção dos diversos dramas e das peripecias differentes que têm apparecido; é o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a imparcialidade a mais escrupulosa. Herodoto é chefe d'esta escola, que conta nas suas fileiras os benedictinos francezes D. Bouquet, D. Mibillon e Froissard, os italianos São Marco e Vellani, o portuguez Fernão Lopes, e o allemão Raumer, e tem por seu mais aperfeiçoado discipulo o barão de Barante.

Ha uma segunda escola, que pesquiza e relata os grandes acontecimentos do mundo, apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; para ella o dogma da moral é separado da acção humana; esta acção não é livre, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não têm domi-

nio, nem influencia e nem vontade nos acontecimentos, que são vinculos de uma cadêa inabalavel, que se ligam e se succedem pela força do destino ; as cousas têm um curso regular, seguem-no precipitadamente ; os homens são apenas instrumentos d'elle ; sua missão está de antemão marcada, e tem de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas ; a vereda religiosa, philosophica e symbolica ; e a vereda sceptica, material e athéa.

A primeira vereda procura a razão espiritual dos factos e seus resultados moraes, abstraindo-os da scena do mundo, e da sua descripção e pintura ; o principio religioso esvoaça por cima das sociedades humanas, e se manifesta por todas as suas phases ; Deus creou o homem ; o homem povoou a terra ; o homem creou a sociedade ; a sociedade creou leis ; tudo vem de Deus, e Deus marcou de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade ; marcham todos para igual fim, tornando-se a a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desapparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no oceano.

A segunda vereda formúla o systema da perfectibilidade material ; o homem e as nações não se dirigem para outro fim senão para a obtenção de maior somma de bens e de grandeza ; os factos têm marcha necessaria e logica ; as acções não têm imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações os arrastam, dominam e influenciam ; o homem e as nações foram creados para obedecerem ao fatalismo que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma idéas, principios, religiões, e sentimentos.

Esta segunda escola tem duas divisões adversas, antipodas ; a primeira de Vico, de Herder, de Bossuet, de Hegel e de Ballanche, ao menos não desbota os sentimentos do coração, nem marêa a poesia da alma humana, que é emanação sagrada da Divindade ; a segunda divisão ou vereda, nascida das theorias da revolução franceza de 1789,

inteiramente franceza (7), estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito : pelo seu systema e pelos seus principios os Tiberios, os Filippes, os Neros e os Borgias foram tyrannos, não por suas vontades ou indoles, mas pela força das cousas ; os Robespierres, os Jefferies, os Fouquiers e os Tristões não tiveram vontade, nem liberdade ; foram antes os instrumentos do terrivel fatalismo.

Se a primeira escola, geralmente chamada *descriptiva*, pecca, porque apenas pinta os acontecimentos, e os não moralisa, a segunda escola, em qualquer das suas veredas, não menos defeituosa é ; as nações, como os individuos, têm sua historia ; o homem, como a especie, têm a imputabilidade de suas acções. Como narrar crimes, sem os considerar e julgar ? Como recontar horrores, sem lhes applicar a sancção penal ? Como fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysal-as e pesal-as ? Como dar-lhes apreço, se não têm imputação, se são filhas da necessidade, não da vontade ; se procedem pela força das circumstancias, e não por effeito da liberdade ?

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descreptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides ; é a de Gibbon e a de Niebuhr ; é a de Machiavelli e de Muller ; é a de Plutarco e a de Thierry ; é a de Polybio e de Lingard.

A verdeira e unica escola historica exige qualidades moraes e qualidades intellectuaes em gráo eminente. O amor da verdade, e só da verdade, deve caracterisar o historiador ; para conseguil-a, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia á toda a prova ; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhes serve ; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e asseiados ; procurará a verdade no meio do pó dos manuscriptos, e á custa de vigilias e dobrados trabalhos ; e conseguida

(7) Esta escola foi creada por Mignet, desenvolvida por Thiers e Armand Carrel.

a verdade, necessita de todo o sangue frio de seu juizo para distribuir justiça e analysar com imparcialidade.

Após estas qualidades moraes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuaes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, de imaginação e de raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, em tão complicadas questões!

O historiador necessita ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, militar; o historiador necessita emfim possuir uma universalidade de instrucção, superior talvez á que Cicero exigia para o seu *orador*.

Examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador ainda narrar e descrever, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. A historia é uma missão nobre e elevada, que aperfeiçôa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia, e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim essa grande lição, para que foi instituida a historia.

A historia é diversa da chronica ou das memorias; estas são simplices narrações; aquella tem interesse superior, porque além de narrar, instrue e moralisa; os seculos têm entre si pontos de semelhança; aceitam uns dos outros certas idéas e paixões, que se vão transformando; mas as civilisações duram com as condições, que lhes são proprias; os usos e costumes diversificam; e cumpre ao historiador estudal-os, differencial-os, pintal-os com suas côres especiaes, e encaral-os sob pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das idéas predominantes na quadra em que se passaram: dando á cada épocha que passa seu verdadeiro lugar, sua propria physionomia, e sua significação logica.

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos mais sabidos talentos, conhecer perfeitamente os factos, de-

senterrando a verdade do cháos dos tempos, e julgal-os com criterio e imparcialidade, são as qualidades que constituem o historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, tudo lhe é mister para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, parecida physionomia ás épochas que descreve, e proprias vestes aos acontecimentos que narra.

O estylo é do escriptor, não do historiador; o estylo é proprio do caracter e do individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir seus pensamentos, suas idéas, seus sentimentos. Quão diverso é o estylo de Tacito do de Plutarcho! Quanto é differente o de Sallustio do de Gibbon! Como opposto é o de Machiavelli ao de Niebuhr! Cicero tinha razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva, comtanto que interesse:

O estylo é o segredo da intellingencia, o mysterio do escriptor; seu trabalho é estudar as regras da lingua, sua feitura, suas necessidades; esta é a pratica material: obtida ella, siga sua inspiração!

Tito Livio, Guilherme Robertson e João de Barros foram grandes escriptores e máos historiadores; grandes escriptores, porque seus estylos interessam, encantam e arrastam; máos historiadores, porque aceitaram sem criterio grande numero de factos, e os incluiram nas suas historias; factos extravagantes uns, inverosimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e dourada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos e de mais discernimento.

O estylo, é verdade, tem suas normas intellectuaes, como tem regras materiaes; essas normas porém não reduzem suas formulas á uma só formula, se bem que perfeita; seria semelhante idéa equivalente a que não houvesse na existencia humana mais do que um só typo do que é bello; entretanto o bello, bem como o sublime, abraçam todas as

formulas, todas as creações do pensamento; alargam o circulo do templo da arte, e conhecem-se pelas suas phases ou apparições, e não pela maneira porque essas phases ou apparições se manifestam.

O estylo pois é do escriptor; o historiador não póde e não deve cingir-se a um unico estylo; o historiador, manifestando ou materialisando suas idéas, forma o seu estylo conforme o seu caracter, sua indole e sua imaginação: essas mesmas idéas lhe vão proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo, e aperfeiçoando o estylo.

§ 3.º

Sebastião da Rocha Pita, possuia todas os qualidades de historiador? Satisfez a todos os requisitos exigidos e especificados no paragrapho anterior? Sua *Historia da America Portugueza* contém os elementos de uma historia?

Examinemol-o.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brasil, de suas primeiras explorações, de sua primordial colonisação e de suas invasões, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas de missionarios, viagens, descripções e derrotas que não haviam sido publicadas, e que se guardavam nos archivos publicos e conventuaes de Portugal e dos paizes estranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos, quer impressos, quer manuscriptos, escrupulosamente folheal-os e examinal-os. Grande trabalho que era, mas a que não faltou Sebastião da Rocha Pitta, dedicando-se a elle com a mais minuciosa curiosidode e paciencia.

Nos documentos impressos a lingua portugueza contava as *Chronicas* dos jesuitas Balthazar Telles e Simão de Vasconcellos, a *Historia da Guerra Brazilica entre os Portuguezes e Hollandezes*, pelo general Francisco de Brito Freire, o *Compendio narrativo do Peregrino da America*, pelo padre

Nuno Marques Pereira (8) o *Oriente Conquistado*, pelo jesuita Francisco de Sousa (9), e as *Memorias historicas* do padre Prudencio do Amaral (10) : a lingua franceza possuia as viagens dos missionarios Claudio d'Abbeville e Ives d'Evreux, e as noticias do borgonhez Lery, se bem que escriptas primariamente em latim, já porém trasladadas para o francez : a castelhana numerava as obras de Lopes de Gomara, de D. Thomaz Tamaio de Vargas, e de Pedro Martyr : a italiana continha as cartas das duas viagens que fez ao Brasil o florentino Americo Vespucio : a hollândeza mostrava a historia que da India e da America escrevêra João de Laet, as relações do naturalista Guilherme Pinson, e as descripções de Hans-Stade.

Nos documentos manuscriptos existiam em Portugal diversas memorias de Manoel de Moraes (11), de Diogo

(8) O padre Nuno Marques Pereira, grande theologo, nasceu em Cayrú (Bahia) em 1652. Entre diversas obras que escreveu, o *Peregrino da America*, publicado em 1728, é de grande merito e importancia para as cousas do Brasil.

(9) O jesuita Francisco de Sousa, nascido em Itaparica (Bahia) em 1628, e fallecido em Goa em 1713, foi tambem theologo e excellente chronista : o seu *Oriente conquistado em tres partes*, publicado em 1710, contém noticias interessantes sobre o Brasil.

(10) O padre Prudencio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1665, e falleceu em 1715 : publicou em 1710 *Elogios dos Bispos e Arcebispos da Bahia*, e em 1711 o *Catalogo dos Bispos* que tivéra o Brasil até 1676, com muitas noticias historicas.

(11) Manoel de Moraes nasceu em S. Paulo em 1604 ; entrou para a companhia de Jesus em 1619 ; em 1629 foi sacerdote ; expellido da companhia por irregularidades de comportamento, passou-se para Lisboa, e depois para Amsterdão, aonde fez-se calvinista. Em Lisboa foi, por esta mudança de religião, apresentado em estatua no auto de fé de 6 de Abril de 1642 ; voltando em 1645 para Portugal foi preso, em 1647 sahiu no auto de fé com insignias de fogo, abjurou, e voltou ao catholicismo : escreveu *Memorias historicas sobre Portugal e Brasil*, e uma *Chronica da America*, que se perdeu, e da qual João de Laet tirou muitos importantes dados para a sua historia, como elle mesmo confessa, tributando immensos elogios aos talentos de Manoel de Moraes.

Gomes Carneiro (12), do padre Antonio de Sá (13), e de Jacob de Andrade Velosino (14) cartas importantes dos jesuitas José de Anchieta, Manoel da Nobrega e Aspicuelta Navarro, o *Roteiro* de Pero Lopes de Sousa, as descripções de João Empoli e de Pero Vaz de Caminha, e a interessantissima obra de Gabriel Soares, com o titulo de *Roteiro do Brazil*, que por algum tempo passou por composição de Francisco da Cunha, e como tal erradamente a consideraram Manoel Ayres de Cazal e Fernando Denis (15). Em Hespanha haviam as derrotas de Francisco de Orellana, Yanes Pinson, João Dias Solis, e tantos outros bravos navegantes e conquistadores. França e Hollanda, retalhando então os mares com seus navios, em continua rivalidade com Portugal e Hespanha, receberam tambem innumeraveis noticias e investigações importantes dos seus navegadores.

Se pelo lado de indagação minuciosa, de ardente desejo de tudo saber, e de esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, não temos senão elogios a tributar a Sebastião da Rocha Pitta, que, com a sua *Historia*, nos

(12) Diogo Gomes Carneiro nasceu no Rio de Janeiro em 1628, e falleceu em Lisboa em 1676; sendo secretario do marquez de Aguiar, foi eleito chronista geral do Brasil, com a pensão de 300$ annuaes: foi litterato instruido, e escreveu varias memorias estatisticas e historicas sobre o Brasil.

(13) Sobre o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, e fallecido em 1678, e que foi um dos maiores prégadores da lingua portugueza, já bastante dissemos no 1.° volume do *Plutarco Brasileiro*, tratando dos padres Sousa Caldas e S. Carlos: o padre Antonio de Sá, além dos admiraveis sermões que no Brasil, em Portugal, na Italia, e especialmente em Roma havia prégado, merecendo elogios geraes, foi grande philosopho, theologo, e autor de varias memorias historicas sobre o Brasil; foi muitos annos em Roma secretario do geral dos jesuitas.

(14) Jacob de Andrade Velosino nasceu em 1659, em Pernambuco; retirou-se com os hollandezes, e viveu em Amsterdão; foi grande medico e naturalista; escrevêra, além de obras medicas, interessantes memorias sobre o Brasil: falleceu em 1712.

(15) Gabriel Soares foi nomeado capitão mór de duas náos para o descobrimento das minas das esmeraldas; andou no Brasil dezesete annos, e escreveu em 1587 a sua obra, que a Academia Real de Sciencias de Lisboa publicou em 1825.

prova se não haver poupado a trabalho algum para esclarecer-se; se pelo lado tambem de imparcial e justiceiro, como deve ser um bom historiador, iguaes encomios lhe são devidos; sentimos comtudo ter de enunciar que, ou pelas idéas religiosas da épocha, que não admittiam exame nos milagres recontados ou factos que os missionarios relatavam para o fim de catechisar as nações selvagens, ou talvez mesmo pela crença supersticiosa, ou excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, sua obra não está isenta do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer minucioso exame, ou investigador raciocinio, teria declarado falsos, e mesmo inverosimeis.

Este grave defeito infelizmente se não acha só em Sebastião da Rocha Pitta: Tito Livio e Guilherme Robertson não apresentam, o primeiro sobre as eras mal conhecidas de Roma, e o segundo a respeito da vida de Carlos V, noticias inexactas e narrações inverosimeis? João de Barros, descrevendo o valor portuguez nas terras da Asia, se não deixa tantas vezes illudir por noções improvisadas?

Sebastião da Rocha Pitta, como aquelles escriptores, é arrastado pela imaginação: aceita as legendas religiosas dos missionarios, e as legendas poeticas do povo, como acontecimentos reaes; ou não ousou rebatel-as, ou acreditou-as; peccou por qualquer dos modos.

Como se afadiga tanto para provar que S. Thomé viajou pelo Brasil? Como tenta achar no paiz signaes demonstrativos do seu baculo e de seus pés? Como appella para a tradição dos gentios? Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa e do jesuita Ribadaneira?

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares, o Caramurú, tão douradas pela poesia popular, como as aceita em toda a sua plenitude? Como acredita na fabulosa viagem á França, e a faz verificar-se no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando tal reinado começou sómente em 1547, e d'esta épocha em diante está evidentemente provado que não sahiu Diogo Alvares da Bahia, havendo em 1531 casado, duas filhas suas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affanso de Sousa?

Como estes factos, outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar comprida esta analyse. São graves faltas para um historiador ou a ausencia de coragem para repellir a influencia e dominio das lendas religiosas ou patrioticas, e revolvendo o intimo dos acontecimentos, rebatel-as com a luz do raciocinio e o archote da verdade; ou a ausencia de preciso discernimento para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias apresentam, escolher unicamente as preciosas e de valor.

Possuiu tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuaes, de que tanto necessita um historiador?

A sua *Historia* demonstra os variados conhecimentos que adqueriu, e a profunda instrucção que bebeu nos diversos ramos das sciencias.

Descreve o Brasil já encarando-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico, já examinando a natureza dos seus terrenos e das suas producções; e antevendo o futuro grandioso que o aguarda, já emfim historiando os acontecimentos politicos e militares por que passou, as negociações diplomaticas que se encetaram a seu respeito, o desenvolvimento de sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente.

E' inegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuaes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brasil se podia saber na quadra em que viveu, quadra realmente historica, em que foram seus contemporaneos Antonio Caetano de Sousa (16), Diogo Barbosa Machado (17), D. Francisco Xavier conde da Ericeyra, o padre Antonio Vieira e Antonio de Sousa de Macedo, adquirira tambem sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e pratica convinham entrar na historia do paiz de que se incumbira: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de variada phantasia, para reunir o agradavel ao necessario, o bello ao util.

(16) Autor da *Historia Genealogica da Casa Real de Portugal* em 20 volumes in-folio. Obra de grande importancia historica, e de subido merito.

(17) Autor da grande *Bibliotheca Lusitana*, um dos mais bellos e grandiosos monumentos da litteratura portugueza.

Si Sebastião da Rocha Pitta soubesse ou podesse escapar do defeito que já lhe imputamos, de, sem o menor discernimento, aceitar e dar como verdadeiros alguns factos, que só existiam nas tradições populares e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Que talentos que não eram os seus! Que subido amor de seu paiz lhe não palpitava no peito! Que grandes qualidades não eram as suas.

Convém ainda dizer que si Sebastião da Rocha Pitta historiou perfeitamente os acontecimentos do Brasil, já nas suas primarias explorações, já nas suas guerras, motivadas pelas invasões ambiciosas dos francezes e hollandezes; se sua obra contém innumeras noções biographicas de varios e importantes brasileiros, que adquiriram nome pelo seu valor e talentos; se já sobre sua historia natural, sobre sua agricultura, industria, geographia, estatistica e commercio, já sobre sua historia politica, apresenta os mais completos esclarecimentos da épocha; um defeito ainda lhe notamos, que foi descrever apenas ligeiramente as nações indigenas, e abandonal-as logo depois, como se não só nos não convisse saber o que ellas foram antes do descobrimento dos portuguezes, como tambem o que lhes aconteceu com esses descobrimentos, e após o dominio que elles motivaram. Parece que o historiador se persuadiu que taes nações não mereciam attenção e nem analyse, e que de sua existencia não resultou a menor influencia para a colonisação, posse e industria do paiz.

As observações que enunciamos bastam para conhecimento das qualidades do historiador: examinemos agora o seu estylo.

Em geral o estylo da épocha peccava por a innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases dava-lhes uma toada, menos agradavel de certo do que a simplicidade poetisada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de Fr. Luiz de Sousa; as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pintor e de Amador Arraes.

E não foi sómente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu

no peccado. Antonio Caetano de Sousa, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos os homens recebem a influencia das idéas que dominam a épocha em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da *Historia da America Portugueza*: tem descripções admiraveis e eloquentes pinturas. O estylo de Sebastião da Rocha Pitta o colloca sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos uns excerptos, que as demonstrem.

« N'ella surgindo as náos, pagou o general aquella ribeira a segurança que achára depois de tão evidentes perigos com lhe chamar *Porto-Seguro*, e a terra *Santa Cruz*, pelo estandarte da nossa fé que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilharia da armada; fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o santo sacrificio da missa sobre uma ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo. »

« A formosa variedade das suas fórmas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compoem uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista... já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores porções d'elle fez felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expôz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas matas occultou aos seus raios: formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios, etc. »

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que apura a arte. »

« Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, e nem a aurora madruga mais bella : o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes ; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres : os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros ; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Se d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos ás descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e menos brilhante o estylo. O que póde haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se incommodaram os portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos, e descobre-lhes todos os resultados de modo a nada deixar a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagôas, em quasi igual distancia de ambas, porém mais proximos á primeira. O nome tiveram depois que os negros os possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantaram. Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces, dos mais rijos, incorruptiveis e grossos que ha n'aquelles grandes matos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma fortissima madeira com suas plataformas em cima, todas em iguaes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior supposição, e mais de duzentos soldados no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia havia baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu Zombî era toscamente sumptuoso na fórma e na extensão ; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, as dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam eram de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, flechas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro na sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio ; d'ella registavam com longa

vista, por dilatados horizontes, muita parte das villas e lugares de Pernambuco ; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e póços a que chamam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras. e para as guardar fizeram outras pequenas povoações, chamadas *Mocambos*, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados. »

Sebastião da Rocha Pitta terminou a sua *Historia* com o anno de 1724; e não tendo tomado parte nos acontecimentos contemporâneos, livre estava o seu animo, isento o seu espirito da menor seducção ou influencia ; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvez mesmo que mais importante e verdadeiro seja, e mais interesse tenha ella na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que mais ou menos, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estavam envoltos de mysterioso e poetico véo, não ousando o historiador rasgal-o, ou mesmo o historiador acreditando-o.

A *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta, não só para aquella épocha, ainda pobre de obras historicas, senão tambem para a nossa, que possue maior abundancia de materiaes ácêrca do Brasil, é obra muito preciosa e muito necessaria para todos os brasileiros, que quizerem saber a historia do seu paiz.

J. M. Pereira da Silva.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Extracto das actas das sessões do 2.º trimestre de 1849.

203.ª SESSÃO EM 19 DE ABRIL DE 1849

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o 2.º secretario apresenta o expediente.

Officio do Sr. Francisco Xavier Bomtempo, acompanhando a offerta de um exemplar da collecção de doze valsas, de sua composição, que acaba de dar á luz n'esta côrte. — O Instituto acolhe esta dadiva com especial agrado, e ordena que seja competentemente archivada.

« Ouro Preto, 5 de Dezembro de 1848. — Illm. Sr. Secretario perpetuo do Instituto. — Incumbindo-me a lei provincial de Minas Geraes n.º 430 a direcção da bibliotheca publica d'esta cidade, e desejando eu que este estabelecimento se augmente com as publicações e periodicos do Brasil, e offereça ao menos por esse meio alguma vantagem e interesse, lembrei-me de dirigir-me a V. S. para rogar-lhe o obsequio de remetter á dita bibliotheca cada um dos numeros, que se forem publicando, do precioso jornal *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico*, de que V. S., é redactor.

« Confiado na generosidade e patriotismo de V. S.ª, e no desejo que nutre de ser util ao paiz (porque é para esse fim que escreve), espero merecer este importante obzequio, do qual resultará muito beneficio ao publico d'esta cidade; coadjuvado assim com o seu valioso contingente, este estabelecimento, ainda que nascente, poderá, eu espero, vir a ser para o futuro de grande utilidade, e V. S.ª, além da gratidão publica, achará sempre em mim eterno agradecimento.

Sou com toda a consideração, etc. — *Domingos Soares Ferreira Penna*, official maiorda secretaria da assembléa. »

Ilm. Sr. — A difficuldade que sinto de escrever, e a falta de amanuense idoneo no lugar em que resido, são as causas do meu silencio por dois annos, não obstante a minha resolução de fazer, quanto antes, a remessa dos productos mineraes, e achar-me na posse do honroso officio de V.S.ª com a data de 4 de Maio de 1846, em resposta á minha correspondencia de 25 e 26 de Março do mesmo anno.

« Parecerá extraordinario, mais é certo, que residindo eu no centro das Minas, não tenha podido obter, dentro de tão largo tempo, varias amostras de mineraes das comarcas de Ouro Preto, Sabará, Serro e Gequitinhonha ; e que apezar de instancias, apenas em Dezembro se me assegure a communicação dos mineraes pedidos, cuja acquisição, julgo, será agradavel ao Instituto.

« São elles : o topazio e a euclase do capão do Lana ; fragmentos das veias auriferas da serra do Ouro Preto ; o zircon, os jaspes e as cornalinas da Diamantina; o chrysoberilo, a chrysolita, o berilo, a turmatina, a amethista e agua-marinha de Minas Novas ; a cal carbonatada coralloide, a cal fluatada da comarca do Sabará.

« Comtudo a collecção que tenho feito comprehende amostras das veias auriferas de quasi todas as lavras notaveis da provincia ; de muitas minas de ferro ; de chumbo carbonatado ; de cobre carbonatado azul ; de varias rochas e de alguns mineraes curiosos ; e principalmente amostras de quartzo hyalino limpido, não só em calháos rolados, mas ainda crystallisado debaixo de muitas fórmas em pequenos e muito pequenos crystaes. Tenho em fim o armamento completo dos indios *Botucudos*, suas machadinhas de jade e de basalto, seus indispensaveis pendentes do pescoço, e saccos com tecido emmalhado ; e ainda uma choupa de lança, feita de quartzo agatha pyromaco, talvez insígnia de algum antigo cacique.

« Queira pois V.S.ª levar tudo isto ao conhecimento do nosso Instituto, para meu descargo, ratificando perante elle a minha firme resolução de cooperar, quanto estiver ao meu alcance, para o acrescentamento do muséo, assim como para a collecção de factos historicos e geographicos, que mereçam ser levados á sua consideração.

« Deus guarde a V.S.ª Villa de Santa Barbara, 17 de Agosto de 1848.—Illm Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º secre-

tario perpetuo de Instituto Historico e Geographico Brasileiro.— *Manoel José Pires da Silva Pontes.* »

Illm. Sr.— Tendo eu comprehendido, por obseguio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, um ensaio da *Descripção estatistica, historica e politica da Provincia de Minas-Geraes*, o qual sirva de emenda additiva á Memoria do fallecido conselheiro Pizarro sobre a mesma provincia; como se me offerecem duvidas sobre a orthographia e significação de alguns vocabulos corruptos da lingua geral brasiliense nas denominações dos lugares; e eu não tenho podido obter o *Thesouro da Lingua Guaraní*, para esclarecer-me, em quanto não se publica o diccionario da lingua geral, impresso debaixo dos auspicios do mesmo Instituto: vou rogar a V. S.ª o obsequio de instruir-me sobre a razão orthographica e segnificação das palavras notadas na tabella junta. Dignando-se V. S.ª annuir ao meu pedido, muito me obrigará.

« Deus guarde a V. S.ª Villa de Santa Barbara, 18 de Agosto de 1848.— Illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1° Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.— *Manoel José Pires da Silva Pontes.*»

Escreve da Bahia o socio correspondente Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, promettendo enviar brevemente uma memoria sobre a interessante proposta do Sr. Dr. Freire Allemão apresentada ao Instituto em sessão de 14 de Outubro do anno de 1847, na parte que fôr relativa áquella provincia.

O socio honorario Sr. conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond remette de Lisboa o manuscripto *Viagem á gruta das Onças na provincia de Mato-Grosso*, por Alexandre Rodrigues Ferreira.

« Dou apreço a esta viagem,expressa-se o Sr. Drummond, não só pelo interesse que ella inspira quando noticía esses prodigios da natureza, que tanto abundam no Brasil, mas porque o seu autor (nome caro aos brasileiros), Alexandre Rodrigues Ferreira, modestamente conta n'ella de passagem um dos muitos soffrimentos que durante a sua peregri-

nação pelo interior do Pará e Mato-Grosso teve em sua saude. »

Resolve o Instituto que o Sr. secretario perpetuo agradeça as offertas acima mencionadas : que se remetta uma collecção completa de todas as suas publicações para a bibliotheca do Ouro Preto : que a *Viagem á gruta das Onças* seja enviada á commissão de redacção : e que os Srs. Drs. Freire Allemão e Gonçalves Dias emittam o seu juizo ácêrca das questões feitas pelo Sr. Silva Pontes.

O Illm. Sr. presidente participa ao Instituto que o seu thesoureiro Sr Thomé Maria da Fonseca, achando-se mortalmente enfermo, lhe remettêra todos os papeis da thesouraria existentes em seu poder, e juntamente a conta da receita e despeza da sociedade desde Julho de 1847 a Dezembro de 1848 ; importando a receita em 5:655$147 réis, e a despeza em 5:715$240 réis, havendo uma maior despeza de 60$093 réis, que foi supprida por este. Depois de alguma discussão, vota o Instituto, attendendo ao estado do Sr. Thomé Maria, que a escolha de um novo thesoureiro seja adiada para outra sessão.

Leitura de propostas para admissão de um membro correspondente na classe historica. — Á respectiva commissão.

Passa depois o Instituto a tratar do methodo que deve seguir na discussão do assumpto approvado na sessão anterior, a saber : « Qual a influencia que sobre a civilisação do paiz tem exercido os differentes membros do Instituto fallecidos, que por sua illustração foram considerados pelo publico ? — Suscita-se longo debate, sendo a final acolhida a proposta do Sr. Freire—que fossem desenvolvidas por escripto as biographias respectivas, ás quaes se apresentariam as idéas e reflexões sobre os topicos não bem esclarecidos debaixo do ponto de vista da questão.

204.ª SESSÃO EM 26 DE ABRIL DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Aberta a sessão, e approvada a acta da anterior, passa-se á leitura do expediente.

Officio do socio correspondente o Sr. Dr. João Candido de Deus e Silva, acompanhando os numeros 28 e 33 do *Provincialista*, nos quaes se acha o catalogo de seus trabalhos impressos e manuscriptos, afim de serem conservados no archivo do Instituto.—Como pede.

Do socio honorario o Exm. Sr. duque de Palmela, agradecendo ao Instituto a remessa das *Revistas trimensaes*, que tem recebido com muita satisfação, e offertando-lhe a *Biographia da duqueza de Palmela*, ultimanente impressa.

« Illm. Sr. — Tenho a honra de offerecer ao Instituto Historico o incluso exemplar do *Fac-simile das assignaturas dos Senhores reis, rainhas e infantes que têm governado Portugal*, obra que acaba de ser publicada n'esta côrte.

« Principia ella pela assignatura do Sr. rei D. Diniz ; por que o editor não achou na torre do Tombo em documento algum as assignaturas dos Srs. reis D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, e D. Affonso III, segundo a declaração que faz na *Advertencia* que precede a sua obra. E de não ter achado aquellas assignaturas conclue com admiração que é obvio o motivo, dando assim a entender que aquelles principes não sabiam escrever.

« O editor commetteu n'isso um erro, que é preciso relevar em honra da verdade. Antes do meiado do 14.° seculo os soberanos não assignavam manualmente, mas sim por monogrammos, e não era isso por não saberem ler, mas sim porque era esse o costume, e de ordinario o faziam com o punho da espada, onde o monogrammo estava gravado, dizendo que defenderiam com a ponta o que firmavam com o punho.

« O primeiro rei da França que assignou manualmente foi Carlos V, que reinou os dezeseis annos que decorrem de 1364 a 1380, épocha em que reinaram em Portugal D. Pedro I e D. Fernando, neto e bisneto de D. Diniz. Ora D. Diniz subiu ao throno em 1279; sendo pois elle o primeiro rei portuguez que assignou manualmente, segue-se que este uso principiou em Portugal oitenta e cinco annos antes de principiar em França, ou que os progressos da civilisação em Portugal são a este respeito anteriores aos da França.

« Os autores francezes, que trataram d'este assumpto, são concordes em dizer que os predecessores de Carlos V não assignavam manualmente, porque não era esse o uso d'aquelle tempo.

« Documentos historicos provam que D. Affonso I e seus successores eram principes esclarecidos; como pois attribuir a elles o que os autores francezes não admittem a respeito dos principes predecessores de Carlos V? Isto basta para demonstrar o erro em que o editor cahiu impensadamente quando para explicar o facto serviu-se d'uma hypothese desviada da razão e do que nos ensina a historia.

« Tenho outrosim a honra de remetter incluso um opusculo do marechal marquez, hoje duque de Saldanha, intitulado *Concordancia das sciencias naturaes, e principalmente da geologia, com o Genesis*, que é extrahido de um trabalho do mesmo marechal sobre a philosophia de Schelling.

« Prevaleço-me d'esta occasião para renovar a V. S. os protestos de minha distincta consideração.

« Deus guarde a V. S. Lisboa, 12 de Janeiro de 1849.— Illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos — *Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.* »

O Instituto acolhe as offertas referidas com particular agrado, e vota os devidos agradecimentos.

O Sr. Gonçalves Dias faz leitura do parecer, de que fôra incumbido, ácêrca do *Resumo da Historia do Brasil*, publicado em Pernambuco pelo Sr. Salvador Henrique de Albuquerque.— Sobre a mesa para ser discutido em tempo opportuno.

E' remettida á respectiva commissão uma proposta para admissão de um membro correspondente na classe historica.

São discutidas e approvadas varias outras propostas sobre diversos objectos, decidindo tambem o Instituto que as suas sessões tornem a ser de 15 em 15 dias, como determinam os estudos.

305.ª SESSÃO EM 10 DE MAIO DE 1349.

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde começa a sessão com a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

Expedien'e.— Officio escripto da cidade de Campinas (provincia de S. Paulo) pelo Sr. Dr. Ricardo de Gumbleton Daunt, agradecendo ao Instituto a recepção do diploma de socio correspondente, promettendo enviar-lhe algumas obras para a sua bibliotheca, e igualmente um trabalho seu sobre a palavra *Brasil.*

Do socio correspondente o Sr. coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, remettendo dois exemplares da *Biographia* de seu filho o conego João Sanches Monteiro Baena.

Traducção. — « Sr. Presidente. — Considero um dever, na qualidade de membro correspondente do Instituto Historico, offertar-lhe um exemplar da minha *Viagem á provincia de Goyaz*, e ouso esperar que vos dignareis apresental-o de minha parte. Procurei pintar com exactidão os paizes que percorri. Possam os brasileiros ver em minhas publicações um testemunho da gratidão que tenho sempre conservado pela hospitalidade com que me honraram.

« Tenho a honra de ser, Sr. presidente, vosso muito humilde e obediente servo — *Augusto de St. Hilaire.* »

Recebe o Instituto, por offerta do Estado de New-York, um exemplar da magnifica obra sobre historia natural d'aquelle paiz, a qual o governo respectivo faz publicar actualmente.

O Sr. capitão-tenente Elisiario Antonio dos Santos offerece ao Instituto um exemplar da *Memoria sobre o porto de Pernambuco e seus melhoramentos, apresentada ao ministerio da marinha pela commissão para esse fim nomeada, e composta do capitão de mar e guerra Rodrigo Theotonio de Freitas, capitão-tenente Elisiario Antonio dos Santos, e o engenheiro José Manoel Alves Ferreira.* Rio de Janeiro 1849.

Acolhendo com o merecido apreço as offertas supraditas, resolve o Instituto que se agradeça aos seus autores, e que se remetta uma collecção completa de todas as suas publicações para a bibliotheca nacional de New-York.

O Illm. Sr. presidente noticia achar-se presente á sessão o Sr. Isaac J. Strain, que acaba de effectuar uma longa viagem pelo interior da America Meridional, e em nome do Instituto e da sciencia felicita ao illustre viajor naturalista pelo seu regresso, manifestando-lhe ao mesmo tempo quão grato é o seu comparecimento no seio de uma associação, que se compraz de o contar no numero dos mais prestantes membros. O Sr. Strain, depois de agradecer á sociedade as provas de confraternidade e consideração que lhe outorga, participa ter já assaz adiantado um trabalho, que a seu tempo apresentará, no qual pretende mostrar as diversas relações existentes entre o Brasil e os Estados-Unidos; e tambem faz donativo ao musêo do Instituto de varias amostras de mercurio, cobre, prata, &c. colhidas na California.

Passa o Instituto a occupar-se da discussão de algumas propostas tendentes ao seu progresso, as quaes ficam adiadas, e levanta a sessão ás 7 horas da noite.

206.ª SESSÃO EM 24 DE MAIO DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde abre-se a sessão, lê-se e approva-se a acta da anterior.

Expediente. — O Sr. José Joaquim da Gama e Silva escreve do Pará agradecendo o titulo de socio correspondente do Instituto, e dirigindo juntamente o seguinte officio :

« Desejando eu desde Setembro de 1847, em que fui aceito como socio correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro, poder-lhe offertar alguma producção propria, e não o podendo ainda fazer, pela razão capital de serem meus conhecimentos mui limitados para apresentar trabalho digno de tão illustre corporação, quero ao menos concorrer para o augmento da sua bibliotheca, e por isso envio a V. S., para o offertar em meu nome ao Instituto, um volume manuscripto, contendo : cópias das cartas e outras producções em prosa e em verso de Alexandre de Gusmão, secretario particular do rei D. João V ; uma carta de D. Luiz da Cunha ao secretario d'Estado Diogo de Mendonça Côrte Real ; uma dita de José de Seabra da Silva ao secretario dos negocios ultramarinos Martinho de Mello e Castro; tres cópias das cartas escriptas pelo marquez de Pombal ao ministro dos negocios estrangeiros de Inglaterra, pedindo-lhe satisfação pela offensa feita pelos inglezes, de queimar defronte dos portos portuguezes navios que alli deviam ter toda a segurança : cópia da resposta dada pela junta dos vogaes da universidade de Coimbra á petição de recurso interposto pelo Dr. Manoel Pedroso de Lima ; cópia da representação que fez no conselho dos decanos da universidade de Coimbra o Dr José Monteiro da Rocha ; cópia de uma carta do mesmo Monteiro da Rocha ao Revm. principal Castro ; idem de uma carta do Sr. Bispo conde, sendo vigario capitular no bispado de Coimbra, ao Exm. bispo de Lamego, apresentando as razões em que se fundára para dispensar nos impedimentos publicos do matrimonio; idem de uma dita

de Antonio de Torres e Cunha ao Exm. cardeal Mendonça, patriarcha de Lisboa; e cópia de uma carta escripta em latim, no anno de 1795, pelo bispo de Coimbra, a um bispo francez expatriado, que se achava em Hespanha.

« Deus guarde a V. S. Pará, 3 de Maio de 1849.—Illm. Sr Manoel Ferreira Lagos, 1.° secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Jose' Joaquim da Gama e Silva.* »

Vôta o Instituto cordiaes agradecimentos por esta offerta.

O Sr. 1.° Secretario apresenta o 3.° e 4.° volume das *Memorias historicas da provincia de Pernambuco*, pelo Sr. José Bernardes Fernandes Gama, que assignára por ordem do Instituto.

O mesmo Sr. propõe que o Instituto nomeie uma commissão para exhibir o seu parecer sobre o que se encontra respectivo ao Brasil na obra ultimamente publicada em Pariz com o titulo de *Voyages dans les deux Oceans, Atlantique et Pacifique,* 1844 a 1847, por Eugenio Delessert.

São incumbidos d'este trabalho os Srs. Drs. Macedo e Gonçalves Dias.

Depois da discussão de objectos relativos á boa marcha da sociedade o Illm. Sr. presidente levanta a sessão ás 7 1[2 horas.

207.ª SESSÃO EM 21 DE JUNHO DE 1849.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSE' DE ARAUJO VIANNA.

A's 6 horas da tarde o Exm. Sr. presidente abre a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o Sr. 1.° secretario, dando conta do expediente, participa haver recebido os seguintes officios:

Do socio correspondente o Sr. Isaac G. Strain, communicando que tendo de retirar-se em breve para os Estados-Unidos, bem a seu pezar lhe não restava tempo para despedir-se pessoalmente do Instituto, a quem de novo offerecia os seus serviços, com a certeza de enviar, logo que estivesse

concluida, a sua Memoria ou confrontação do Brasil com aquelles Estados.— Ficou o Instituto inteirado.

Do Sr. Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, acompanhando a offerta de um exemplar da 1.ª parte do seu *Indice chronologico, explicativo e remissivo da Legislação brasileira desde* 1822 *até* 1848.

Do Sr. Dr. Jeronymo Maximo Nogueira Penido, datado da cidade da Itabira de Mato Dentro, remettendo os seguintes manuscriptos : 1.º *Analyse dos empiricos Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva sobre a irmã Germana, e resposta de Salvador Peregrino Arão*: — 2.º *Memoria mineralogica do terreno mineiro da comarca do Sabará*, pelo Dr. Manoel de Sá Bittencourt e Camara:— *Relação dos estragos na noite de* 9 *de Outubro de* 1803 *na ilha do Funchal.*

Da Academia Real das Sciencias de Munich, enviando a continuação de suas actas e memorias.

Determina o Instituto que, segundo o estylo o Sr. 1.º secretario, tribute agradecimento pelas offertas acima citadas, e que os manuscriptos sejam endereçados á commissão de redacção.

O Exm Sr. presidente apresenta os codices abaixo mencionados, remettidos de França pelo nosso consocio o Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, e que S. M. o Imperador se dignará franquear-lhe, bem como diversos mappas geographicos antigos sobre o Brasil, a fim de serem copiados para o archivo do Instituto, a saber: *Guerra civil, ou sedições de Pernambuco: exemplo memoravel aos vindouros.— Memoria sobre a parte de Cuyana chamada Franceza*, pelo brigadeiro Manoel Marques. —*Informacão do Estado do Brasil e suas necessidades. — Representação que fizeram os povos de Portugal juntos em côrtes contra a companhia do Brasil*: 1655.—*Copias de alguns capitulos de uma carta de Gaspar de Abreu de Freitas, ministro de Portugal, escripta em Londres a* 17 *de Novembro de* 1670, *e dirigida ao secretario d'Estado, ácerca das drogas das conquistas, especialmente do Brasil, que motivou a consulta da junta do commercio geral de* 20 *de Fevereiro de* 1671. — *Papel sobre a discordia que houve entre o almotacel-mór Antonio Luiz da Camara Coutinho, governador da Bahia,*

e o arcebispo D. João Francisco de Oliveira; e varios manuscriptos sobre diversos objectos.

O Instituto mostra-se em extremo penhorado por este novo testemunho de consideração dado pelo seu augusto Protector, e ordena que se façam copiar os manuscriptos e mappas para serem depositados em seu archivo, e opportunamente impressos.

O Sr. 1.º secretario perpetuo communica ao Instituto que constando-lhe haver fallecido o socio thesoureiro Thomé Maria da Fonséca, em conformidede dos estatutos nomeára uma deputação para assistir ao seu funeral, e que na ausencia do Sr. orador recitára um discurso apropriado na occasião de baixar o cadaver á sepultura.—O Instituto, ouvindo com summo pezar esta communicação, passou a nomear ao socio Sr. João José de Sousa Silva Rio para exercer o lugar de thesoureiro até proceder-se á eleição difinitiva na proxima assembléa geral ordenada pela sua lei organica.

Não havendo mais nada a tratar-se, levanta-se a sessão.

ADVERTENCIA

A biographia de Thomaz Antonio Gonzaga, impressa no numero antecedente, é devida á penna do socio Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, cujo nome por esquecimento se omittiu.